

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

SIMONE CARVALHO MENDES

**USOS LINGUÍSTICOS REGIONAIS EM LETRAS DE MÚSICAS CUIABANAS: UM
OLHAR PELO PRISMA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

CÁCERES-MT

2023

SIMONE CARVALHO MENDES

**USOS LINGÜÍSTICOS REGIONAIS EM LETRAS DE MÚSICAS CUIABANAS: UM
OLHAR PELO PRISMA DA SOCIOLINGÜÍSTICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Jocineide Macedo Karim.

CÁCERES-MT

2023

MENDES, Simone Carvalho.

M538u

Usos Linguísticos Regionais em Letras de Músicas
Cuiabanas: Um Olhar pelo Prisma da Sociolinguística / Simone
Carvalho Mendes – Cáceres, 2023.
175 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de Pós-
graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística,
Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres,
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.
Orientador: Jocineide Macedo Karim

1. Sociolinguística. 2. Usos Linguísticos. 3. Músicas. 4. Diversidade.
5. Identidade. I. Simone Carvalho Mendes. II. Usos Linguísticos
Regionais em Letras de Músicas Cuiabanas: Um Olhar pelo Prisma
da Sociolinguística: .
CDU 81'27

SIMONE CARVALHO MENDES

**USOS LINGÜÍSTICOS REGIONAIS EM LETRAS DE MÚSICAS CUIABANAS: UM
OLHAR PELO PRISMA DA SOCIOLINGÜÍSTICA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim
Orientadora – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Marcos Luiz Cumpri
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Avaliador Externo – USP

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug
Avaliador Externo – UFFS

Profa. Dra. Elisandra Benedita Szubris
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Mirami Gonçalves Sá dos Reis
Suplente – UNEMAT

APROVADA EM: 19/05/2023

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a Deus, meu refúgio e fortaleza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me abençoar com sabedoria, saúde e disciplina, pois, se não fosse por ele nada disso seria possível.

Agradeço aos meus pais Silvia e Francisco por ser minha base. O amor e o apoio incondicional dos senhores trouxeram-me até aqui.

Aos meus irmãos por todo amor, apoio e orações em meu favor.

Agradeço especialmente, aos meus amados filhos Ísis Mariana e Ítan Vitório, pelo amor, carinho, compreensão e auxílio.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres, muito obrigada.

Agradeço a minha orientadora Dra. Jocineide Macedo Karim, por não soltar a minha mão nesta caminhada. Sou grata pela compreensão e por ter me amparado nesse processo de crescimento profissional.

Aos professores da banca examinadora pelo tempo e orientação dedicados à conclusão deste trabalho.

A CAPES, pela bolsa concedida.

“Se o falar erradicar, a cultura local morre? Sim! É uma parte da cultura que deixa de existir, pois essa manifesta-se na culinária, vestimentas, no falar, entre outros”. (CAMPELO, 2022, pág. 140)

RESUMO

Esta pesquisa vinculada aos Estudos de Processos de Variação e Mudança do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da UNEMAT, é o resultado do estudo desenvolvido sob o aporte teórico da Sociolinguística Laboviana. Dos nossos objetivos, estava o de observarmos e analisarmos os usos linguísticos nas letras das músicas cuiabanas, cujos versos, ritmos e sons expressam a diversidade linguística e cultural local. Objetivamos também, identificar e interpretar as atitudes linguísticas dos compositores frente às variantes expressas nas composições, bem como a representação da identidade cuiabana por meio das variantes e descrições dos costumes locais. Considerando o variado repertório das composições que trazem os usos linguísticos como elementos identitários em suas letras, selecionamos seis canções para o *corpus* de análise, todas com características regionais, são elas: a) “Comida Cuiabana” (Dona Belinha), b) *Comida cuiabana*, homenagem para Cuiabá (Ana Rafaela), c) “Menina, vou te contar” (Vera e Zuleica), d) “A La cuiabana (Oxi)” (Vera e Zuleica), e) “Rap do Xô Dito para Cuiabá” (Thyago Mourão), f) “Não deixa morrer nosso linguajar” (Thyago Mourão). Nossa hipótese é de que as variantes e expressões lexicais representadas nas composições têm por função nas músicas, designar o ser cuiabano por meio do “linguajar” característico da baixada cuiabana. Nesse sentido, os resultados apontam os usos fonético-fonológicos, como os traços caracterizadores e distintivos do falar cuiabano, desses constaram nas mencionadas composições a recorrência dos seguintes usos linguísticos, a saber: “a realização das africadas *tʃ* e *dʒ*”, “a apócope do *l* e do *r* em final de palavras”, “a vogal central baixa [a] em ambiência nasal”, e “as formas *tchô* e *tchá* ou *xô* e *xá*”. Apesar das composições apresentarem outras variedades linguísticas, optamos por analisar apenas as descritas, pois essas se sobressaíram nos mencionados arranjos. Sobre as atitudes linguísticas dos compositores frente ao falar regional, constatamos que a imersão das variantes linguísticas nas músicas não é aleatória ou apenas estilística, pois além de designar o ser cuiabano, mostra o posicionamento positivo dos compositores com relação a elas. Além disso, essas não são as únicas marcas que representam o cuiabano, já que constatamos nessas músicas, variadas preponderâncias descritivas da diversidade gastronômica, dos hábitos dos nativos e suas vivências, do clima, dos instrumentos e ritmos próprios, dos léxicos com sentidos e significados regionais. Em suma, as seis músicas são representativas e evidenciam as especificidades da identidade cuiabana por diferentes ângulos, contribuindo para que ocorra a disseminação, a valorização e a preservação dela por meio da música. Neste sentido as composições em estudo podem ser consideradas como elo de disseminação e preservação do falar e da cultura regional. A Sociolinguística Laboviana fora de grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa, pois nos forneceu o suporte teórico e metodológico necessário para o desenvolvimento deste estudo. Neste sentido, dentre as fontes disponíveis, adotamos alguns estudos relevantes na/para a área, como os de Labov (1972), Bright (1974), Fischer-John (1974), Fischman (1974), Lambert (1975), Tarallo (1997), Calvet (2002), dentre outros pesquisadores.

Palavras-chave: Sociolinguística, Usos linguísticos, Músicas, Diversidade, Identidade.

ABSTRACT

REGIONAL LINGUISTIC USES IN LYRICS OF CUIABA SONGS: A VIEW THROUGH THE PRISMA OF SOCIOLINGUISTICS

This research is the result of the study developed under the theoretical contributions of Labovian Sociolinguistics, whose line of research is linked to the Studies of Variation and Change Processes of the *Stricto Sensu* Post-Graduation course in Linguistics at UNEMAT. One of our goals was to observe and analyze the linguistic uses in the lyrics of Cuiabanas songs, whose verses, rhythms, and sounds express the local linguistic and cultural diversity. We also aim to identify and interpret the linguistic attitudes of the composers towards the variants expressed in the compositions, as well as the representation of the Cuiabana identity through the variants and descriptions of local customs. Considering the varied repertoire of compositions that bring linguistic uses as identity elements in their lyrics, we selected as the corpus of analysis, six songs, all with regional characteristics, they are: a) “Cuiabana Food” (Dona Belinha), b) “Cuiabana Food homage to Cuiabá” (Ana Rafaela, Cover), c) “Girl, I’m going to tell you” (Vera e Zuleica), d) “T The Cuiabana (Oxi)” (Vera e Zuleica), e) “Rap from Xô Dito to Cuiabá” (Thyago Mourão), f) “Don’t let our language die” (Thyago Mourão). The initial hypothesis was that the variants and lexical expressions represented in the compositions would have the function in the songs, designate the Cuiabano being through the “language” characteristic of the Baixada Cuiabana. In this sense, the results point to the phonetic-phonological uses, such as the characterizing and distinctive features of the Cuiabano language, which consisted of the mentioned compositions to the recurrence of the following linguistic uses, namely: “the realization of the affricates tʃ and dʒ ”, “the apocope of the l and r at the end of words”, “raising the low central vowel $[a]$ in a nasal ambiance”, and “the forms tchô and tchá or xô and xá . We also emphasize that despite the compositions presenting other linguistic varieties, we chose to analyze only the described ones, as these stood out in the mentioned arrangements. Regarding the composers' linguistic attitudes towards regional language, we found that the experience of linguistic variants in the songs is not random or just stylistic, because, in addition to designating the Cuiabano being, it shows the positive position of the composers in relation to them. Furthermore, these are not the only marks that represent the Cuiabano, as we found in these, varied descriptive preponderances of gastronomic diversity, the habits of the natives and their experiences, the climate, the instruments, and own rhythms, the lexicons with meanings and regional meanings. In addition, the six songs are representative and show the specificities of the Cuiabana’s identity from different angles, contributing to the dissemination, appreciation and preservation through the music, in this sense the compositions under study can be considered as a link of dissemination and preservation of the language and regional culture. Labovian Sociolinguistics was of great importance for the development of this research, as it provided us with the necessary theoretical and methodological support for the development of this study. In this sense, among the available sources, we adopted some relevant studies in/for the area, we can mention Labov (1972), Bright (1974), Fischer-Jonh (1974), Fischmam (1974), Lambert (1975), Tarallo (1997), Calvet (2002), among other researchers.

Keywords: Sociolinguistics, Linguistic uses, Songs, Diversity, Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Usos linguísticos na letra da música “Comida Cuiabana”	65
Figura 2 – Cardápio do restaurante Lélis – Cuiabá – MT	67
Figura 3 – Usos linguísticos na música “Menina, vou te contar”	76
Figura 4 – Espaço infantil da peixaria Lélis “xás creança”	78
Figura 5 – A iotização do fonema palatal [ʎ], no combo do restaurante “Ixpiaí”	82
Figura 6 – Usos linguísticos na música “A La cuiabana (oxi)”	84
Figura 7 – Expressões lexicais, no combo do restaurante “Ixpiaí”	93
Figura 8 – Usos linguísticos na música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”	97
Figura 9 – Usos linguísticos na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	111
Figura 10 – Usos linguísticos na música “Não deixa morrer nosso linguajar”	125
Figura 11 – Slogan do aplicativo de mobilidade urbana de Cáceres–MT, “Tchama nós”	145
Figura 12 – “O Pescadô” casa de pesca / Cáceres - MT	150
Figura 13 – Casa de pesca Xô Nei - Cáceres	159
Figura 14 e Figura 15 – Padaria e Confeitaria Tchá cô Bolo - Cáceres	160
Figura 16 – Folder publicitário do Tchama nós – Uber cacerense	111
Figura 17 e Figura 18 – Bistrô e restaurante Xômano - Cuiabá	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados gerais.....	140
Gráfico 2 - Ocorrências das africadas [tʃ] e [dʒ], nas músicas em estudo.....	141
Gráfico 3 - O apagamento do [l] e do [r], nas músicas em estudo	147
Gráfico 4 - Ocorrências da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, nas músicas em estudo	152
Gráfico 5 - As formas tchô e tchá ou xô e xá, nas músicas em estudo.....	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Realização dos usos na música “Comida Cuiabana”	70
Tabela 2 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Comida Cuiabana”	71
Tabela 3 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana”	72
Tabela 4 - A alternância dos ditongos nasais [ãõ] e [õ], na música “Comida Cuiabana”	74
Tabela 5 - Concordância verbal, ausência de plural e a realização do [u] no lugar do [o], na música “Comida Cuiabana”	75
Tabela 6 - Realização dos usos na música “Menina, vou te contar”	77
Tabela 7 - A realização do Tchô/Xô para senhor/seu, na música, na música “Menina, vou te contar”	77
Tabela 8 - O apagamento do [l] e do [r] no final de palavras e o r retroflexo na música, “Menina, vou te contar”	79
Tabela 9 - A troca do l por r rotacismo na música, “Menina, vou te contar”	80
Tabela 10 - A despalatização e iotização [ʎ] na música, “Menina, vou te contar”	81
Tabela 11 - Realização dos usos na música “A La cuiabana (oxi)”	86
Tabela 12 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “A La cuiabana (oxi)”	87
Tabela 13 - A realização de Tchá para senhora/dona, na música “A La cuiabana (oxi)”	88
Tabela 14 - O apagamento do [r] no final de palavras, na música “A La cuiabana (oxi)”	89
Tabela 15 - Troca do l por r e a ausência do u final, na música “A La cuiabana (oxi)”	90
Tabela 16 - Expressões lexicais cuiabanas, na música “A La cuiabana (oxi)”	91
Tabela 17 - Realização dos usos linguísticos na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”	103
Tabela 18 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”	104
Tabela 19 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”	105

Tabela 20 - O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”.....	107
Tabela 21 - Expressões lexicais, na música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”	108
Tabela 22 - Realização dos usos na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	115
Tabela 23 - A realização das africadas [ʃ] e [dʒ], na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	116
Tabela 24 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	118
Tabela 25 - A forma Xô como pronome de tratamento e como pronome possessivo, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	119
Tabela 26 - O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	120
Tabela 27 - Rotacismo, redução de palavra e o R retroflexo, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	121
Tabela 28 - Supressão do plural, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	123
Tabela 29 - Expressões lexicais cuiabanas, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”	124
Tabela 30 - Realização dos usos na música “Não deixa morrer nosso linguajar”	127
Tabela 31 - A realização das africadas [ʃ] e [dʒ], na música “Não deixa morrer nosso linguajar”	128
Tabela 32 – A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Não deixa morrer nosso linguajar”.....	130
Tabela 33 - Realização do [u] no lugar do [o], na música “Não deixa morrer nosso linguajar”	131
Tabela 34 - O apagamento do [r] no final de palavras e o R retroflexo, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”	132
Tabela 35 - Expressões lexicais cuiabanas, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”:	134
Tabela 36 - Ocorrências das africadas [ʃ] e [dʒ] nas músicas em análise.....	142
Tabela 37 - O apagamento do [l] e do [r], nas músicas em estudo	148
Tabela 38 – A vogal central baixa [a] em ambiência nasal nas músicas em análise.....	153
Tabela 39 - As formas tchô e tchá ou xô e xá, nas músicas em estudo	158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	----

SEÇÃO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
1.1 Sociolinguística: Fundamentos e abordagens	22
1.2 A variação linguística	24
1.2.1 A variação geográfica	26
1.2.2 A variação sociocultural	28
1.3 Usos linguísticos: Estudos realizados no Estado de Mato Grosso	29
1.4 Comportamentos e atitudes linguísticas	36
1.5 O Preconceito linguístico	38
1.6 Segurança e insegurança linguística	39
1.7 Atitudes positivas e negativas	40
1.8 Atitudes linguísticas: Estudos realizados	42
1.9 Identidade: afinal, o que é e como se expressa?	48

SEÇÃO II

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	51
2.1 Constituição dos corpora de pesquisa	51
2.1.1 Descrição das músicas/canções e seus compositores	55
2.1.2 Comida Cuiabana (Dona Belinha)	55
2.1.3 Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá 300 anos (Ana Rafaela)	56
2.1.4 Menina, vou te contar (Vera e Zuleica)	57
2.1.5 A La cuiabana (oxi) (Vera e Zuleica)	58
2.1.6 Rap do Xô Dito para Cuiabá (Thyago Mourão)	59
2.1.7 Não deixa morrer nosso linguajar (Thyago Mourão)	59
2.2 A seleção dos usos linguísticos em estudo	61

SEÇÃO III

ANÁLISE DOS USOS LINGUÍSTICOS NAS MÚSICAS CUIABANAS E A ATITUDE LINGUÍSTICA DOS COMPOSITORES	62
3.1 Usos linguísticos na música Comida Cuiabana (Dona Belinha)	64
3.1.1 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Comida Cuiabana”	70
3.1.2 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana”.....	71
3.1.3 Alternância dos ditongos nasais [ão] e [õ], na música “Comida Cuiabana”.....	73
3.1.4 Concordância verbal, ausência de plural e a realização do [u] no lugar do [o], na música “Comida Cuiabana”	74
3.2 Usos linguísticos na música “Menina, vou te contar” (Vera e Zuleica)	76
3.2.1 A realização do Tchô/Xô para senhor/seu, na música “Menina, vou te contar”	77
3.2.2 A apócope do [l] e do [r] no final de palavras e o r retroflexo na música, “Menina, vou te contar”	79
3.2.3 A troca do [l] por [r] / rotacismo na música, “Menina, vou te contar”	80
3.2.4 A despalatização e iotização do fonema [ʎ] na música, “Menina, vou te contar”	81
3.3 Uso linguístico na música “A La Cuiabana (oxi)” (Vera e Zuleica)	83
3.3.1 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “A La cuiabana (oxi)”	86
3.3.2 A realização de Tchá para senhora/dona, na música “A La cuiabana (oxi)”	88
3.3.3 O apagamento do [r] no final de palavras, na música “A La cuiabana (oxi)”	88
3.3.4 Troca do l por r e a ausência do u final, na música “A La cuiabana (oxi)”	90
3.3.5 Expressões lexicais mato-grossenses, na música “A La cuiabana (oxi)”	91
3.4 Uso linguístico na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” (Ana Rafaela)	96
3.4.1 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”.....	104
3.4.2 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”	105
3.4.3 O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”.....	106
3.4.4 Expressões lexicais na música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”.....	108

3.5 Usos linguísticos na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá” (Thyago Mourão)	110
3.5.1 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ], na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”.....	116
3.5.2 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”:	118
3.5.3 A forma Xô como pronome pessoal tratamento e como pronome possessivo, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”.....	119
3.5.4 O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”.....	120
3.5.5 O rotacismo a redução de palavra e [R] retroflexo, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá” .	121
3.5.6 Ausência do plural, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”:	122
3.5.7 Expressões lexicais cuiabanas, na música “Rap do Xô dito para Cuiabá”	123
3.6 Usos linguísticos na música “Não deixa morrer nosso linguajar” (Thyago Mourão)	124
3.6.1 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Não deixa morrer nosso linguajar”	127
3.6.2 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”.	130
3.6.3 Realização do [u] no lugar do [o] e a redução lexical, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”.....	131
3.6.4 O apagamento do [r] no final de palavras e o R retroflexo, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”.....	132
3.6.5 Expressões lexicais cuiabanas, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”	133
SEÇÃO IV	
ANÁLISES E DESCRIÇÕES GERAIS DOS USOS LINGUÍSTICOS SELECIONADOS NAS MÚSICAS CUIABANAS	139
4.1 Dados gerais	139
4.1.1 As realizações das africadas [tʃ] e [dʒ], nas músicas em estudo	140
4.1.2 O apagamento do [l] e do [r] , nas músicas em análise	146
4.1.3 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, nas músicas em estudo.....	152
4.1.4 As formas tchô e tchá ou xô e xá, nas músicas sob análise	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	169

INTRODUÇÃO

Músicas podem suscitar sentimentos, emoções levando-nos a mais profunda reflexão acerca de diferentes assuntos, podendo inclusive ser fonte de denúncias, considerando que cada compositor abarcará em suas composições elementos específicos, cuja finalidade será atingir grupos e temas peculiares.

Ponderar sobre as diversidades presentes nessas composições é imergir em um campo que reflete o ser cuiabano com sua cultura, tradição, costume, hábitos e principalmente sua fala. As letras em estudo evidenciam e consolidam essa identidade por meio de elementos descritivos. Assim, vislumbramos analisar, por meio da arte musical: o cultural, o social e o linguístico, fatores significantes expressos em cada música selecionada nessa pesquisa.

Ao tomarmos as variações linguísticas descritas nas composições como elementos constitutivos de nossa análise, não almejamos designar os fenômenos como certo ou errado da língua, tampouco criar estereótipos acerca desse “linguajar”, mas sim, pretendemos desmistificar e mostrar tais diversidades enquanto elementos característicos da comunidade cuiabana, haja vista que as variantes regionais presentes nas composições em estudo estabelecem-se em uma dinâmica social com suas próprias regras, cuja identidade marca-se essencialmente pela fala.

Desse modo, a escolha do tema deu-se, sobretudo, a partir da inquietação acerca de alguns aspectos peculiares relativos às músicas regionais. Considerando as possibilidades e, ao observarmos o quadro das composições típicas de algumas regiões brasileiras, chamou-nos a atenção especificamente as músicas cuiabanas, pois notamos que além das descrições culturais, elas enfatizam as belezas locais, a gastronomia e, principalmente, apresentam o falar regional em suas letras, fatores que nos motivaram para um aprofundamento do assunto.

Sobre Cuiabá, destacamos que a cidade é a capital do Estado de Mato Grosso, fundada em 1719 por bandeirantes¹, sua história atrela-se ao período colonial, motivados pela

¹ Sobre o assunto, Siqueira (2002) apresenta as seguintes considerações “Paralelamente à extração do ouro, os bandeirantes paulistas continuaram a buscar uma mercadoria que, segundo eles, abundava nos sertões brasileiros: os índios. Foi em seu encalço que as expedições de Antônio Pires de Campos, seguida de Pascoal Moreira Cabral, atingiram terras que pertenceriam, mais tarde, a Mato Grosso. Pires de Campos, em 1718, localizou os índios nativos das margens do rio Coxipó-Mirim, chamados pelos bandeirantes, de Coxiponés. A bandeira de Pascoal Moreira Cabral seguiu ao encalço desses índios, dando-lhes violenta guerra, na qual foram perdidos muitos homens, de lado a lado. Depois de serem socorridos por outra bandeira capitaneada pelos irmãos Antunes Maciel, resolveram seguir para o Arraial de São Gonçalo Velho, ou aldeia velha, onde haviam deixado alguns homens acampados. Logo após uma das refeições, alguns integrantes dessa bandeira, lavando os pratos nesse rio, encontraram, casualmente, pepitas de ouro. Estavam descobertas as minas em território mato-grossense (1719). (SIQUEIRA, 2002, p. 30)

busca do ouro² e o aprisionamento dos índios fizeram com que os territórios mato-grossenses fossem sendo aos poucos desbravados. Situada na mesorregião Centro-sul mato-grossense, possui uma extensão territorial de 4. 327, 45 km² (IBGE/2021), ainda de acordo com os dados disponibilizados pelo censo 2021, apresentava no período cerca de 650 912 habitantes.

Por sua vez, o antigo e o novo acabam por caminhar juntos nesse espaço, constituindo a identidade cuiabana em diferentes níveis, e das manifestações representativas da cultura regional podemos mencionar o falar cuiabano, daí o nosso interesse em desenvolver um estudo pautado nas composições locais.

Objetivamos com essa pesquisa apresentar um estudo descritivo e analítico dos usos linguísticos nas letras das músicas cuiabanas e ainda, averiguarmos as questões pertinentes à construção identitária nas composições selecionadas, observando, os posicionamentos dos compositores, que por sua vez, poderiam ou não refletir suas atitudes diante das diversidades linguísticas e culturas locais.

Diante do exposto, refletimos sobre os seguintes questionamentos: a música regional pode ser fonte de preservação e um elo de disseminação do falar e da cultura local? Como as músicas selecionadas, descrevem/apresentam os cuiabanos? Quais são as atitudes e o comportamento linguístico dos compositores, com relação ao falar representado nas músicas regionais?

Para o desenvolvimento da pesquisa, selecionamos seis composições, a saber: a) “Comida Cuiabana” (Dona Belinha); b) “Comida Cuiabana, homenagem à Cuiabá” (Vera e Zuleica); c) “Menina, Vou Te Contar” (Vera e Zuleica); d) “A La cuiabana (Oxi)” (Vera e Zuleica); e) “Rap do Xô Dito Para Cuiabá” (Thyago Mourão); e f) “Não Deixa Morrer Nosso Linguajar” (Thyago Mourão), todas as letras selecionadas para este estudo representam as tradições, costumes, falares e belezas naturais cuiabanas.

Por esse viés, tomamos como foco, a frequência dos usos linguísticos e analisamos a identidade e a representatividade cultural a partir destas letras, já que as análises da pesquisa constituíram-se por meio dos recortes das recorrências de usos, encontrados nas referidas músicas. Outro aspecto interessante é a grande recorrência de léxicos típicos do falar cuiabano apresentados nelas, apesar de as descrevermos em nossa pesquisa, optamos por pautar nossas

² Sobre a terceira jazida aurífera encontrada em terras mato-grossenses, Siqueira (2002), faz as seguintes considerações, “No ano de 1721, outro sorocabano, Miguel Sutil de Oliveira, tendo descido do rio Coxipó para o rio Cuiabá, onde havia plantado roça, enviou dois índios – a que José Barbosa de Sá, primeiro cronista de Cuiabá, denominou de escravos – buscar mel. No retorno, ao invés do doce alimento, trouxeram pepitas de ouro. Estava descoberta a terceira jazida aurífera mato-grossense, desta vez situada no leito do córrego chamado Prainha, afluente do rio Cuiabá”. (SIQUEIRA, 2002, p. 31)

análises apenas no nível fonológico dos usos mais recorrentes, tendo em vista que nossos resultados caminharam nessa direção.

Apesar de fazermos a descrição fonológica de todos os fenômenos presentes nas referidas composições, detemo-nos em analisar apenas as mais recorrentes, a saber: “a realização das africadas tʃ e dʒ ”, “a apócope do l e do r em final de palavras”, “a vogal central baixa [a] em ambiência nasal”, e “as formas tchô e tchá” ou “xô e xá”. Destacamos ainda, que dos fenômenos mencionados o que apresentou maior incidência foi “a realização das africadas tʃ e dʒ ”, sendo descrita em todas as composições, e apesar das músicas apresentarem outras variedades linguísticas, optamos por analisar apenas as descritas, pois essas se sobressaíram nas composições.

Por este viés, considerando que as músicas são atemporais, cujas letras e melodias continuam fazendo sentido e ecoando por muito tempo, entendemos a recorrência dos usos fonológicos nas músicas, como marcador e difusor do falar e da cultura local. Pois, além de representar o falar cuiabano, podem ainda influenciar nas escolhas dos nativos, não somente em seu repertório linguístico, mas em diferentes âmbitos nos quais possam ocorrer inferências à língua em uso.

Neste sentido, as escolhas dos nativos com relação aos documentários, jornais, memes, vídeos, músicas etc., estão condicionadas ao modo como avaliam e julgam o falar de sua comunidade, já que a escolha de um em detrimento do outro evidencia a atitude linguística deste, refletindo inclusive no modo como julga e avalia a própria língua, ou seja, a escolha dos nativos e compositores, por apresentar os fenômenos nas músicas, pode ser o indício dos processos identitários, sociais e linguísticos que vivenciam.

Diante do exposto, acreditamos que as atitudes e o comportamento linguístico dos compositores na elaboração das músicas fora pensada como um modo de resistência e disseminação deste falar e da cultura local, haja vista, que as composições apresentam julgamentos e juízos de valor acerca de diferentes elementos que caracterizam a identidade cuiabana, ou seja, existem fatores que condicionam e que podem, de certo modo, influenciar nas escolhas dos compositores e conseqüentemente atingir os ouvintes, logo, tanto o comportamento do compositor, quanto as escolhas dos ouvintes, podem ser afetadas pela música, considerando que esses podem se identificar ou não com o repertório regional.

Assim, foi possível verificar em nosso *corpus* de análise que as letras designam a identidade cuiabana em diferentes aspectos, vemos nesse caso a atitude positiva dos compositores com relação ao falar e cultura regional, visto que, as letras destacam as belezas naturais de Cuiabá e ainda descrevem e ressaltam a variedade gastronômica local.

Em comum, todas as músicas em estudo evidenciam o falar cuiabano de modo positivo, designando a identidade do cuiabano por meio da valorização e disseminação linguística, e por consequência temos a valorização e o sentimento de pertencimento por meio da música, em nenhuma das seis composições a língua foi tomada enquanto elemento de sátira ou desdém.

Sobre gêneros musicais, Baptista (2017), faz a seguinte explicação:

Assim, a música sempre está condicionada ao momento que o compositor está vivendo, o que o influencia de muitas formas, por isso reflete o cotidiano, o modo de vida e o comportamento das pessoas em sociedade [...] Assim, os gêneros musicais são as diversas formas de expressão musical, agrupadas em função das diferentes maneiras com que o compositor vê e sente o mundo a sua volta. Logo, quando se fala de música de um determinado grupo social, fala-se de um tipo específico de composição que pode agrupar elementos distintos que venham estabelecer uma troca entre o compositor (ou intérprete) e o público que deve adaptar suas escutas a uma cultura que ele desvenda ao mesmo tempo em que percebe a obra musical. (BAPTISTA, 2017, p. 40)

Neste sentido, a constituição da identidade regional, por meio da música pode ainda ser compreendida como um ato de resistência linguística e cultural, pois ao ressaltar as normas linguísticas locais, as tradições e belezas naturais, conforme podemos observar nas próprias músicas, os compositores evidenciam seu posicionamento regionalista e salientam a questão identitária a partir delas.

Podemos inferir, então, que a música, a questão cultural e a social estão intrinsecamente relacionadas, tendo em vista que a música pode ser compreendida como uma das manifestações culturais, cujas características e marcas sociais podem ser representadas por meio de suas letras. Os compositores, ao produzirem, podem estar sendo motivados por diversas situações, emoções ou sentimentos, e é deste lugar social que emerge o sentimento de representatividade pela música, dado seu poder de suscitar diferentes sentimentos e emoções, tanto nos compositores, como nos intérpretes e ouvintes.

Portanto, a música pode ser considerada como um fator cultural e linguístico, cujo, determinado falar pode ser disseminado e preservado em diferentes regiões ou comunidades por meio dela, considerando ainda, o processo de resistência linguística, na qual a preservação de determinados traços, derivam da reafirmação dos fenômenos por meio da música.

Ainda sobre música, Fischer (1989), ao discorrer sobre o assunto, ressalta que:

Em sons dispostos de determinados modos e em determinadas relações, elevando a expressão a um elemento feito pela arte e para a arte. Esse elemento unicamente ‘elevado’ em sons organizados quer dizer, o conteúdo

da música é a experiência que o compositor quer transmitir, e a experiência de um compositor nunca é puramente música, mas pessoal e social. (FISCHER, 1989, p. 80)

Corroborando tais perspectivas, compreendemos a importância de nossa pesquisa no campo social, cultural e principalmente linguístico, pois entendemos que as composições selecionadas para este estudo não são oriundas das abstrações dos compositores, mas da necessidade de uma representatividade do falar cuiabano, haja vista, que a música pode ser compreendida enquanto manifestação pessoal e social.

Sendo assim, enfatizamos que nossa pesquisa pautar-se-á nos estudos sociolinguísticos. Dito de outro modo, nosso foco analítico é a diversidade linguística representada nas músicas locais, bem como, as descrições das marcas identitárias presentes nas composições em estudo.

Neste direcionamento, desenvolvemos nossas análises ancoradas teoricamente nos estudos Sociolinguísticos, de modo que a respectiva área teórica subsidiou todo processo analítico da pesquisa. Portanto, os usos, as atitudes e a identidade linguística, descritas e representadas nas composições, podem ser o resultado das relações sociais, linguísticas e culturais das referidas comunidades, preservadas e disseminadas na/pela música local.

Compreendemos que as seis composições em análise depreendem representatividade em suas letras, deste modo acabam por disseminar, preservar e valorizar o falar cuiabano, e por consequência, preservam-se os traços típicos, já que apesar das músicas salientarem os traços como símbolos do falar cuiabano, esses fenômenos também podem representar o falar de outras regiões, pois além de Cuiabá-MT os fenômenos descritos podem ser encontrados nas cidades de Cáceres, Poconé e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Levando em consideração que as músicas podem alcançar diferentes grupos, em diferentes espaços, independente da temporalidade, tomamos ainda como hipóteses que as composições tendem a ser um fator de disseminação de este falar, dado o alcance das composições e estas, por sua vez, acabam por apresentar descrições culturais tidas como típicas do estado, atribuindo, identidades por meio da música.

Sobre a atitude linguística dos compositores, verificamos que eles almejam por meio das respectivas músicas, disseminar e valorizar tanto os usos linguísticos, quanto as diversidades culturais e gastronômicas cuiabanas, demonstrando respeito e preocupação com relação à preservação das tradições locais, propiciando ao ouvinte um sentimento de pertencimento e valorização da cultura e língua cuiabana.

Observamos, ainda, nas canções, um vasto repertório lexical, o que confirma nossa hipótese de que a construção identitária nas respectivas músicas não se constituem aleatoriamente, mas pensado como um ato de resistência linguística e cultural, cujo intuito é o de disseminar e valorizar as características típicas cuiabanas, considerando que ao ressaltar as normas linguísticas locais, os léxicos, as tradições e belezas naturais, os compositores evidenciam seu posicionamento regionalista e reforçam a identidade cuiabana a partir dessas.

O presente estudo está organizado em quatro seções, distribuídos da seguinte forma:

Na seção I, apresentamos os conceitos da teoria adotada para o desenvolvimento desta pesquisa, assim discorremos sobre a Sociolinguística, pontuando seus principais fundamentos e abordagens. Expomos, ainda, temas importantes como a variação linguística e seus desdobramentos. Além, dos conceitos, abordamos o tema usos linguísticos e aproveitamos para apresentar alguns estudos realizados no estado de Mato Grosso. Por sua vez, na seção I, abordamos conceitos sobre comportamentos e atitudes linguísticas, em que discorremos sobre temas como o preconceito linguístico, segurança e insegurança linguística, atitudes positivas e negativas. Na oportunidade, apresentamos alguns estudos realizados em Mato Grosso, e por fim, discorremos sobre a temática identidade e refletimos sobre o papel da língua na definição da identidade.

Na seção II, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa. Primeiramente, discorremos sobre a constituição dos corpora, na qual descrevemos o passo a passo na seleção das músicas. Posteriormente, apresentamos as descrições das músicas/canções selecionadas e pontuamos sobre as principais características dos intérpretes e compositores.

Na seção III, temos as descrições das músicas e dos fenômenos representados por elas. Na mesma seção, trazemos tabelas com as unidades lexicais representadas em cada composição, fazemos os apontamentos das atitudes e discorremos sobre a constituição da identidade cuiabana na letra de cada música.

Na seção IV, apresentamos a análise quantitativa dos fenômenos descritos nas músicas em estudo e apesar de apresentarmos todos, nos detemos em aprofundar nossas observações apenas nos resultados com maiores incidências de uso. As seis composições enfatizam as variantes linguísticas como sendo pertencentes apenas ao falar cuiabano, todavia nesta seção citamos alguns estudos desenvolvidos em outras regiões de Mato Grosso e que também versam sobre a temática, os quais mostram por meio dos resultados que os fenômenos não são exclusivos do falar cuiabano.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, na qual partilhamos o desfecho e a síntese deste estudo, refletindo, assim, sobre os principais pontos e resultados obtidos no decorrer deste percurso.

SEÇÃO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentaremos a base teórica que norteará nosso estudo levando-nos a uma reflexão acerca dos principais postulados teóricos da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, traçamos alguns percursos em que buscamos apresentar as definições e as diferentes concepções teóricas do ponto de vista dos principais estudiosos da área.

1.1 Sociolinguística: Fundamentos e abordagens

A Sociolinguística ou Sociologia da linguagem, como inicialmente foi denominada, são campos teóricos cujo objetivo é estudar a relação entre língua e sociedade que, apesar da compatibilidade teórica, apresentam diferenças com relação a alguns aspectos importantes e por este motivo, após muitas discussões, estudiosos optaram por denominar temporariamente a nova área de estudo de Sociolinguística e não mais de Sociologia da linguagem.

Dessa forma, o nome Sociolinguística emanou a partir de várias discussões acerca do tema, sociedade e cultura, onde a interdisciplinaridade contextual do momento fez ascender tal denominação, trazendo à tona as relações entre as formas linguísticas com os fatores ou funções sociais. O reconhecimento e divulgação do termo vieram, por meio de publicações, nomes de cursos, seminários, mesas redondas, dentre outras formas de exposições científicas.

Conforme o dicionário de Sociolinguística de Bagno:

O termo *sociolinguistics* foi empregado pela primeira vez num artigo de Harvey C. Currie, publicada em 1952 com o título “A Projection of Sociolinguistics: the Relationship of Speech to Social Status” (reimpresso em 1971), mas viria a se firmar definitivamente na década de 1960, nos Estados Unidos, onde a disciplina (ou melhor, o conjunto de disciplinas que reivindicam para si o rótulo *sociolinguística*) se desenvolveu. (BAGNO, 2017, p. 424, *grifos do autor*).

Apesar do termo circular nos meios acadêmicos por algum tempo, só veio a ganhar maior notoriedade a partir das publicações realizadas por Willian Labov. Por este motivo, este pesquisador é conhecido como o fundador da Sociolinguística, especificamente a Variacionista. A visibilidade e importância de sua pesquisa instituiu-se por meio de sua metodologia, que visa observar, descrever e analisar os fenômenos linguísticos. Desse modo, as descrições e sistematizações desenvolvidas em seu estudo demonstraram que os usos,

presentes na língua falada não são aleatórios ou desordenados, tendo em vista, que seguem uma estrutura linguística e obedecem a regras, sendo assim, são passíveis de explicações.

Seu estudo realizado na ilha de Martha's Veneyard, em Massachusetts, trouxe como marco, em suas análises, a relação entre as formas linguísticas e os fatores sociais ou extralinguísticos. Até então, os falantes e a dimensão social eram deixados de lado, estudavam-se apenas as formas fixas, isso porque, os estudos desenvolvidos até aquele momento estavam alinhados aos postulados estruturalistas.

Conforme Labov³:

Estudando-se a frequência e distribuição das variantes fonéticas /ay/ e /aw/ nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha, será possível reconstruir a história recente dessa mudança sonora; correlacionando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico. Espera-se que os resultados desse procedimento contribuam para nossa compreensão geral do mecanismo da mudança linguística. (LABOV, 2008, p. 19).

Deste modo, ao estabelecer tal associação metodológica, o autor inovou e acabou por instituir mais uma disciplina linguística, ganhando ampla divulgação nos meios acadêmicos por seu processo metodológico, social e linguístico, mostrando por meio dos dados, que a língua em uso só é passível de mudança, por ser variável. Podemos observar, então, a dimensão teórica da disciplina instituída, pois por meio dela, torna-se possível compreender o processo da mudança ou preservação linguística.

Ao longo dos anos, os estudos Sociolinguísticos se desenvolveram e com sua crescente demanda ganharam visibilidade e força. A importância da área teórica vai além do registrar os fenômenos, já que ao descrevê-las e analisá-las os pesquisadores trazem uma explicação para a existência, permanência ou mudança linguística em determinada comunidade de fala. Dito de outro modo, as explicações para a existência dos fenômenos linguísticos desmistificam o falar regional e por consequência combatem e conscientizam os falantes acerca do preconceito linguístico.

Dito isso, apresentamos no próximo tópico uma breve explanação sobre a variação linguística.

³ A versão original deste estudo está em língua inglesa e foi publicada em 1963, contudo, aqui trabalharemos com a tradução, realizada por Marcos Bagno, Maria Martha Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso, ano de publicação, 2008.

1.2 A variação linguística

A variação linguística compõe um dos campos de estudos da sociolinguística. É conhecida ainda como a teoria da variação e mudança. Tal perspectiva tem como princípio básico que “toda língua muda e varia”, ou seja, entende-se que todas as línguas, possuem sistemas organizados e estes são heterogêneos, múltiplos e variáveis.

De acordo com Bagno:

Na formulação clássica da **sociolinguística variacionista**, *toda língua é um feixe de variedades*. As variações podem ser regionais (**mineira, carioca, baiana** etc.) ou sociais (quando definidas por critérios como **idade, sexo, classe social, grau de escolarização** etc.), e também estilísticas (segundo o grau de maior ou menor **formalidade** da fala ou da escrita). Numa perspectiva sociolinguística, um modo de falar só pode receber o rótulo de *variedade* se for empiricamente coletável e documentável, ou seja, se existirem falantes dentro de uma **comunidade** que empreguem autenticamente esse modo de falar. (BAGNO, 2017, p. 274, *grifos do autor*).

Sobre esse assunto, Tarallo (1986, p. 8) diz que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Dito de outro modo, as variantes linguísticas apresentam-se de diferentes formas dentro das comunidades de fala e são partilhadas e compreendidas por seus pares. Esse posicionamento diz respeito aos diferentes modos de falar, presentes nas comunidades linguísticas.

Neste sentido, a Sociolinguística, enquanto área metodológica, tem como função sistematizar os usos partilhados, explicando suas existências e explicitando os fatores que contribuem para preservação ou mudança desses usos. Por conseguinte, a abordagem variacionista é uma derivação da linguística estrutural, porém rompe com a tendência estruturalista, já que trata a língua enquanto homogênea, uniforme, fechada em si mesma.

Considerando tais descrições, Labov salienta que se houve a mudança na língua é porque em algum momento ocorreu a sua variação. Sendo assim, as mudanças linguísticas não acontecem aleatoriamente, elas na verdade fazem parte de um processo social, ou seja, para a Sociolinguística Variacionista, tais variações e mudanças linguísticas são passíveis de explicações tanto de cunho social, quanto linguístico.

Como descrito por Labov,

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. Essas variações

podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. A maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada. (LABOV, 2008, p. 19-20).

Como argumenta o autor, a língua passa por várias etapas até atingir uma mudança definitiva. Este processo de movimentação da língua, com maior ou menor incidência, é denominado pela Sociolinguística de variação linguística. Tal variabilidade da língua pode ser de cunho gramatical, lexical ou fonológico, por sua vez, as diversidades não são vistas como “erro”, mas vivas e mutáveis, ou seja, todos os fenômenos na língua são passíveis de explicações linguísticas e extralinguísticas.

E por compreender que a língua tomada enquanto social é diversificada, carregada de formas e sentidos, a Sociolinguística Variacionista traz novas abordagens metodológicas, que visam mostrar que a diversidade ou variação não é livre, mas correlacionada a outros fatores sociais que podem, sim, ser sistematizados.

Portanto, a Sociolinguística toma como objeto de pesquisa exatamente a diversidade linguística, por compreender que a língua, ao contrário do que diz a linguística estrutural, é heterogênea e mutável, ou seja, ela varia conforme os fatores condicionadores, e cabe aos estudiosos da área sistematizar e explicar tais fenômenos, em determinadas comunidades de fala.

Sobre o assunto, Labov apresenta a seguinte explicação:

Segundo Saussure, *langue* “est la partie sociale du language... elle n'existe q'uen vertu d'une sorte de contrat passé entre les membres de la communauté”[“é a parte social da linguagem... ela não existe fora de um tipo de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”], (1962: 321). [...] Saussure concebia a linguística como uma parte de “une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale” [uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”]. No entanto, de modo bastante curioso, os linguístas que trabalham dentro da tradição saussureana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da *langue*. Além disso, insistem e que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer fatos “externos” sobre o comportamento social. [...] Se todo indivíduo possui um conhecimento da estrutura da língua, se a *langue* é “un système grammatical existante virtuellement dans chaque cerveau” [“um sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro”] (p. 30), uma pessoa deveria ser capaz de obter os dados pelo

testemunho de qualquer outra – inclusive de si mesma. Por outro lado, dados sobre a *parole*, ou fala, só podem ser obtidos pelo exame do comportamento de indivíduos que estão usando a língua. Assim, temos o *paradoxo saussureano*: o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social. (LABOV, 2008, p. 217-218).

Neste direcionamento, é perceptível a importância e a relevância dos estudos Sociolinguísticos, enquanto teoria Linguística. Visto que, seu surgimento deu-se exatamente, da necessidade de se compreender a língua em seu contexto real de uso, nesse cenário, a Sociolinguística ganhou força e visibilidade nos últimos anos, dada sua pertinência como ciência que investiga, analisa e mostra as correlações entre os usos e fatores extralinguísticos, explicando sua existência, em determinadas comunidades e, muitas vezes, desmistificando preconceitos atrelados a ela.

No próximo tópico, apresentaremos um pouco mais sobre variação, especificamente a geográfica ou diatópica.

1.2.1 A variação geográfica

A extensão regional ou diatópica da variação linguística é aquela em que podemos encontrar diferentes traços linguísticos, em distintas regiões do país. O uso da língua neste caso está atrelado ao lugar, ao espaço geográfico, onde estão localizados os falantes.

Neste sentido, a variação geográfica pode ser compreendida, enquanto aquela que apresenta características diferentes, conforme a região de origem do falante. Tais diferenças são salientes aos ouvintes de outras regiões. As particularidades linguísticas, neste caso, podem estar relacionadas a diversos fatores. Na sequência, apresentamos um exemplo de variação geográfica.

Sobre o falar Nordestino, Bagno (2017), faz a seguinte afirmação:

Por ser uma área de colonização mais antiga do resto do Brasil, e por existirem até hoje **comunidades** rurais relativamente isoladas no sertão, o Nordeste exhibe em suas variedades linguísticas muitos *traços conservadores*, que preservam características do português trazido pelos primeiros colonizadores no século XVI. É muito comum, por exemplo, a realização de palavras do tipo areia e feio sem o [i] surgido para eliminar o hiato decorrente de síncopes diversas: arena > área>; foedu > feo. (BAGNO, 2017, p. 305, *grifos do autor*)

Como definido pelo pesquisador, as condições para a preservação de determinados traços linguísticos, são os mais diversos possíveis. No Brasil, temos uma gama de diversidade

linguística, fator que possibilita inúmeros estudos na área variacionista, em distintas regiões do país.

Tais particularidades regionais podem ser observadas tanto no léxico, quanto nos fonemas, cada qual com sua particularidade e, na maioria das vezes, o fator determinante para a preservação desses traços pode estar relacionado ao isolamento ou até mesmo à atitude⁴ do falante diante da sua própria fala, tomada, neste sentido, como marca de identidade e pertencimento.

Calvet (2002) argumenta que:

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo Brasil é chamado de “orga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste, e “largatixa” no Centro - Sul. (CALVET, 2002, p. 89, *grifos do autor*)

Além do exemplo mencionado pelo autor, podemos citar ainda como modelo de variação regional a unidade lexical “mandioca” – tubérculo comestível –, que a depender do lugar, pode ser encontrado pelo nome de “aipim” ou “macaxeira”, do mesmo modo, temos a unidade lexical “abóbora”, que também pode ser encontrada em outros lugares como “jerimum”, ou seja, dois ou três nomes para um referente. O que determinará um índice maior ou menor de recorrência, de uma ou de outra forma, é a região de origem do falante.

Muitas vezes os aspectos linguísticos regionais são tão óbvios, que acabam por determinar de onde o falante é, ou de qual lugar ele fala. As diferenças são tão marcantes que reconhecemos o lugar de origem do outro, apenas por ouvi-los, assim, reconhecemos um mineiro, baiano, mato-grossense, sulista, pelos traços característicos de cada falar.

Sobre a “língua” e os falantes, Bagno apresenta os seguintes argumentos:

Ora, “a língua” como uma “essência” não existe: o que existe são *seres humanos* que falam línguas, “os indivíduos que constituem o todo da população”. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. Se tivermos isso sempre e mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – “a língua” – para um plano concreto – os falantes da língua. Isso significa o quê, na prática? Significa olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os *seres humanos* que a falam e escrevem. Significa considerar a língua como uma atividade

⁴ Retomaremos o assunto no tópico 2.4.

social, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita. (BAGNO, 2002, p. 23-24, *grifos do autor*)

Considerando as ponderações feitas por Bagno (2002), percebemos que elo língua X seres humanos é colocada como atividade social, neste sentido, concordamos com o posicionamento do pesquisador, pois antes de qualquer julgamento linguístico devemos considerar que por trás dos fenômenos regionais, temos seres humanos com suas histórias e vivências.

Ou seja, como tal, temos especificidades linguísticas, desse modo, cada região apresenta alguma particularidade, por este motivo, não cabe a ninguém o papel de julgar as formas e sotaques (tão pouco os falantes), rotulando como feio ou bonito, certo ou errado, culto ou inculto, mas sim, procurar conhecê-las e respeitá-las, pois a beleza da língua falada está exatamente na sua diversidade.

No próximo tópico, seguiremos apresentando sobre variação, desta vez, nosso enfoque será a variação sociocultural.

1.2.2 A variação sociocultural

A variação diastrática ou sociocultural está relacionada às diferenças linguísticas do falante em decorrência de sua classe social. Bagno (2017, p. 89, *grifos do autor*) explica que “a **variação diastrática** é a que se verifica entre os falantes segundo seu lugar na sociedade: **a classe social** a que pertence, com tudo que isso envolve em termos de nível de renda, poder aquisitivo, acesso ao **letramento**, etc.”.

Subentende-se que as pessoas, quando possuem certo poder aquisitivo, acabam sendo submetidas a uma educação letrada mais formalista, de modo que os acessos aos bens materiais e culturais lhes são assegurados durante toda a vida e dessa forma eles conseguem se expressar de modo mais formal no exercício da profissão e no seu cotidiano, utilizando um vocabulário bastante complexo.

A esse respeito, Labov diz:

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21).

Por este viés, a língua acaba por sofrer inúmeras pressões cotidianas, fatores que muitas vezes acabam por determinar sua mudança ou não. Desse modo, a variação sociocultural ou diastrática pode ser compreendida como a língua sendo observada como marca social, de acordo com a posição dos falantes em sociedade, tais como a classe social, o sexo, a idade, a escolaridade, a etnia, a profissão etc., as quais pertencem, ou seja, os fatores externos à língua também são levados em consideração nas análises sociolinguísticas.

Entende-se, neste sentido, que existem fatores extralinguísticos que podem influenciar o uso da língua no momento da interação, assim, cabe ao pesquisador observar os usos linguísticos tomando diferentes grupos sociais, e dentre estes, verificar como as comunidades são constituídas linguisticamente.

Ainda em Labov (2008), vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

[...] vamos considerar brevemente a definição dada por Bernard Barber: a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social (1957: 1-3). O uso deste termo não implica qualquer tipo específico de classe ou casta, mas simplesmente que os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em status ou prestígio por acordo geral. (LABOV, 2008, p. 64-65).

Por conseguinte, entende-se que a própria sociedade produz tais diferenciações ao hierarquizar as formas linguísticas com status ou prestígios, segundo as categorias ou classes do falante. Dito de outro modo, a própria sociedade atribui rótulos aos falantes, de acordo com as funções que desempenham em sociedade.

E é exatamente por meio do cruzamento das variantes linguísticas, com as variantes sociais (etnia, escolaridade, idade, classe social, gênero etc.), que os pesquisadores da área podem observar a distribuição das variantes em uma comunidade de fala.

No próximo tópico, apresentaremos alguns estudos variacionistas que foram desenvolvidos em Mato Grosso.

1.3 Usos linguísticos: Estudos realizados no Estado de Mato Grosso

Apresentaremos aqui sínteses de alguns estudos variacionistas desenvolvidos em Mato Grosso, de modo que apenas os resultados obtidos pelos pesquisadores serão expostos. Nosso foco nas análises será apresentar os usos linguísticos peculiares do Alto Pantanal mato-grossense.

Tais fenômenos são provenientes dos diferentes processos pelos quais passaram o Estado no decorrer do tempo, sendo assim, são nítidas as diversas variantes regionais

existentes, principalmente nas cidades mais antigas do Estado, como Cuiabá, Cáceres, Vila Bela da Santíssima Trindade e Poconé. Retomaremos o assunto, mais adiante.

Dentre estes estudos variacionistas realizados em Mato Grosso, podemos citar Silva (2000), Macedo-Karim (2012), Dias (2016) e Mendes (2018). Seguem abaixo as sínteses dos resultados apresentados nos referidos estudos.

Silva (2000) estudou o fenômeno linguístico da alternância de [ão] e [on] no português falado na cidade de Cáceres-MT e, dentre os resultados obtidos pela estudiosa, os fatores mais relevantes na alternância do [ão] pelo [on] na comunidade em estudo foram os sociais, indicando, neste sentido, possíveis transformações no falar da comunidade local, sendo que a possível mudança sugerida pela pesquisadora, caminha na direção da troca da variante não padrão [on] pela variante padrão [ão].

Dos dados obtidos pela pesquisadora, com o Programa VARBRUL, os que se mostraram mais relevantes na pesquisa foram os seguintes:

Para analisar o fator idade, a pesquisadora trabalhou com estratificação de três grupos distintos, pessoas mais jovens, pessoas com idade intermediária e os mais velhos. Com isso, obteve os seguintes resultados: uso da forma padrão [ão] pelos mais jovens (pessoas de 12 a 20 anos) apresentou o índice de 92%, enquanto no grupo intermediário (pessoas de 21 a 50 anos), apresentou 42% e no grupo dos mais velhos (pessoas com mais de 50 anos), apresentou apenas 6% deste uso linguístico.

Quanto ao estilo e o uso da forma padrão [ão], os resultados apresentados pela pesquisadora foram os seguintes: em situações formais, o índice de ocorrência foi maior, apresentando 67%, já no estilo informal apresentou apenas 30 %. E ao estabelecer a relação entre a idade e o estilo da forma não padrão [on], os entrevistados mais velhos apresentaram índices de 95% no estilo informal e 93% no estilo formal; já com relação ao grupo intermediário (pessoas de 21 a 50 anos) ocorreram no estilo informal, o índice de 97% da forma não padrão [on].

Ainda sobre os estudos desenvolvidos por Silva (2000) em Cáceres-MT, a pesquisadora constatou que, naquele período, as mulheres usavam mais a forma padrão [ão] do que os homens. Ao associar os fatores sexo e idade, ao uso da forma padrão [ão], foram observados que as mulheres mais jovens (de 12 a 20 anos) atingiram o índice de 93%, enquanto os homens da mesma faixa etária atingiram o índice de 92 %; já no grupo intermediário (de 21 a 50 anos), as mulheres atingiram o índice de 52%, de modo que os homens da mesma faixa etária atingiram o índice de 20%. Sobre a forma não padrão [on], fora

constatado o índice de 95% no falar dos entrevistados mais velhos, do sexo masculino, e de 92% no falar das mulheres na mesma faixa etária.

Ao que se refere às variantes sociais, a pesquisadora obteve os seguintes dados: na classe média baixa, o uso da forma padrão [ão] apresentou o índice de 61%, na classe média passou a ser de 58%, e na classe baixa, de 56%. Com relação aos setores residenciais da cidade de Cáceres, apresentaram-se os seguintes resultados: os habitantes da área central utilizam mais a forma padrão [ão], já os residentes dos bairros mais periféricos utilizaram com maior frequência a forma não padrão [on]. Ao relacionar a classe social, a idade e o uso da forma não padrão [on], constatou-se que as pessoas mais velhas, nas três classes, apresentaram índices elevados de uso desta variante, como pode ser observado nos resultados: a classe social baixa apresentou 100% de uso, a classe social média baixa apresentou 94% e a classe média 91%.

Dos resultados obtidos com a pesquisa, Silva (2000) concluiu que a variante [ão], na cidade de Cáceres-MT, é mais comum na fala de pessoas mais jovens, enquanto a variante [on] é mais comum na fala de pessoas mais velhas, independente da sua classe social. Contudo, a autora ressalta que uma aparente mudança está em curso na comunidade, além disso, indícios levaram a pesquisadora a sustentar a hipótese de que a variante não padrão [on] é uma variante arcaizante e que, possivelmente, é um traço fonético trazido pelos colonizadores vindos do Norte de Portugal, no período da colonização.

Macedo-Karim (2012) desenvolveu seu estudo variacionista na comunidade São Lourenço, na cidade de Cáceres-MT. A pesquisadora constatou a presença de diversos fenômenos linguísticos, dentre os quais podemos mencionar o uso do masculino ao invés do feminino na concordância nominal de gênero, as realizações das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ] e a alternância de [ãw] e [õ], dentre outras peculiaridades locais.

Sobre o uso do masculino ao invés do feminino, ela destaca que este fenômeno pode ocorrer de formas distintas, na sequência apresentamos alguns exemplos deste uso linguístico na comunidade:

- (1) por que nós fala dereto né **nossa língua é um só**. (F2)
- (2) Ah, eles vêem assim... como as **pessoa** que é **preguiçoso**. (F2)
- (3) Eu acho o que deveria mudar em Cáceres é isso aí né... tê mais médicos né... pra atendê as **pessoa** né... e tem muitas **pessoas coitado** que fica aí né... se não tiver dinheiro morre. (F1). (MACEDO-KARIM, 2012, p. 68, *Grifos da autora*)

Como podemos observar nos fragmentos apresentados, os elementos masculinos são utilizados para inferir ao feminino. Ela enfatiza ainda, que tais variantes foram atestadas, tanto no falar masculino, quanto no feminino, conforme podemos observar nos dados a seguir.

O uso do masculino, no lugar do feminino, variante típica do falar local, apresentou 37 ocorrências, enquanto a concordância nominal de gênero no sintagma verbal e no sintagma nominal em palavras femininas apresentou 269 ocorrências.

Destas 37 ocorrências, o uso do masculino no lugar do feminino, apresentaram 18 ocorrências no falar dos homens mais velhos e 5 no falar dos homens mais jovens, enquanto no falar das mulheres, obtiveram 8 ocorrências no falar das mulheres mais velhas e 6 no falar das mulheres mais jovens. Sendo assim, ela concluiu que o uso do masculino ao invés do feminino apresenta maior incidência no falar dos mais velhos, em ambos os sexos, quando comparados aos usos apresentados pelos mais jovens de ambos os sexos.

Ainda a respeito do estudo desenvolvido por Macedo-Karim (2012), discorreremos sobre as realizações das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na referida comunidade. Sobre as realizações no falar local, trouxe os seguintes exemplos:

(4) O que deve ser mudado aqui em Cáceres só o **djeito** de administrá né só isso que ta fartano aqui administração. (M1)

(5) A lenda que eu conheço é só do aquela da igreja né... lembra aquela da igreja... aquela cobra a serpente... essa que é a lenda que eu conheço... mais a mais que a turma fala **atcho** que é essa. Ah (risada) isso nós não vamo falá porque é lenda que o pessoal antigo conto... passô de pai pra filho. (M2) (MACEDO-KARIM, 2012, p. 111-112, *Grifos da autora*)

Dos resultados obtidos com o estudo, constatou 196 ocorrências de [tʃ] e [dʒ], no falar dos nativos, destes, 115 usos ocorreram no falar dos homens mais velhos, 58 usos no falar das mulheres mais velhas, 14 usos no falar dos homens mais jovens e 9 usos no falar das mulheres mais jovens.

Sendo assim, concluiu-se que no local existe uma diferença no uso, tendo em vista, que os adultos mais jovens, apesar de usarem as africadas, não lhes são adeptos, deixando evidenciar sua preferência pelas fricativas, enquanto as pessoas mais velhas, tanto do sexo masculino, quanto do feminino, apresentam a fala marcada pelo uso das africadas [tʃ] e [dʒ].

Outro fenômeno encontrado é a alternância de [ãw] e [õ], no falar local. Como exemplo, a autora apresenta os seguintes recortes:

(6) Eh... lembro do Lobisomem (risos) lobisomem é um **cachoron** né que apartava as pessoa né (F1)

(7) Em Cuiabá tem... por quê nós não podemos tê... uns minino tocando violino... tocando um **violon... acordeion...** o siriri o cururu né... aquelas coisas. (M2) (MACEDO-KARIM, 2012, p. 113, *Grifos da autora*)

Dos resultados apresentados na pesquisa, foram registradas 38 ocorrências de [õ] e 188 ocorrências de [ãw], ou seja, os nativos apresentaram alternância de uso das variantes em estudo. Da variante [õ], típica do falar local, 13 ocorreram no falar das mulheres mais jovens, 13 ocorreram no falar das mulheres mais velhas, 2 ocorreram no falar dos homens mais jovens e 10 ocorreram no falar dos homens mais velhos.

Com base nos resultados obtidos, a pesquisadora concluiu que o uso de [õ] se conservam no falar das mulheres mais jovens, no falar das mulheres mais velhas e no falar dos homens mais velhos. Contudo, no falar dos homens mais jovens, houve mais incidência de uso do ditongo nasal [ãw].

Dias (2016) realizou um estudo variacionista na cidade de Poconé-MT, onde encontrou diversos usos linguísticos típicos do falar mato-grossense, dos quais apresentaremos uma síntese dos usos detectados pela estudiosa.

Dentre os usos encontrados por Dias (2016), podemos elencar os seguintes: a alternância do uso de [ãw] e [õ], o uso das africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ], a variação na concordância nominal de gênero, a ocorrência de rotacismo e o alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, entretanto, faremos uma breve explanação apenas da alternância do uso de [ãw] e [õ] e o uso das africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ] em Poconé-MT.

Iniciaremos discorrendo sobre a alternância de [ãw] e [õ] no falar poconeano. A fim de exemplificar, destacamos alguns recortes apresentados por Dias (2006):

(8) Olha... eu já vi falar daquele lá da **minhocôm...** que falam que a cabeça dela tá'qui na igreja na parte central. (1M25)

(9) Na cidade... Porque tem mais acesso... acesso rápido a tudo né... saúde... **educação.** Não que as pessoas que moram no campo **não** tenha esse privilégio... porque agora com tudo **tõm** acessível né. (1F27)

(10) Aqui é a pecuária né... Hoje **nõm...** mas por muito tempo foi o primeiro município de pecuária né... hoje já **nõm** ta mai em primeiro lugá por causa dessas fazenda grande...[...] pecuária e **mineração.** (3M53). (DIAS, 2006, p. 37-38, *Grifos da autora*)

Dos resultados obtidos pela pesquisadora com as variantes [ãw] e [õ] na comunidade, ela obteve um total de 418 usos da variação, destes, 47% foram ocorrências de uso de [õ], valor equivalente a 195 ocorrências, e 53% foram ocorrências de uso de [ãw], valor

equivalente a 223 ocorrências, valores analisados conforme os fatores extralinguísticos idade e sexo/gênero.

Dos fenômenos encontrados em Poconé, por Dias (2006), estão às realizações das africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ]. Para exemplificarmos, recortamos alguns fragmentos disponibilizados pela autora:

(11) Ave Maria... tem demais... Tem festa de São Binidito... Santo Antonio... tudo santo que ocê imaginar. Eles fazem um ritual da missa... da novena... e tem a **djanta** entendeu. (1M18)

(12) Eu faço unha... manicure... **metcho** com venda de produto... Tem dia que no final de semana nem me **atcha** em casa. (2F44)

(13) Aqui é tamém pau rodado... Falam “**tchegou** os pau rodado de **londje**”. (3F50). (DIAS, 2006, p. 46-47, *grifos da autora*)

Com relação ao uso das africadas [tʃ] e [dʒ] e das fricativas [ʃ] e [ʒ], a pesquisadora traz os seguintes dados: foram encontradas 17 ocorrências de [tʃ] na comunidade, sendo que 11 usos equivalentes a 65% apresentaram-se na segunda faixa etária, enquanto os outros 6 usos equivalentes a 35% foram detectados no falar da terceira faixa etária. A pesquisadora destaca, ainda, que não foi encontrado nenhum uso de [tʃ] na primeira faixa etária. Ao relacionar o uso de [tʃ] com fator extralinguístico sexo, a pesquisadora menciona que dos 17 usos, 13 ou 76,4%, apresentaram-se na fala das mulheres e 4 ou 23,6%, foram encontrados no falar dos homens.

Sobre o uso da africada [dʒ] na comunidade, a autora apresenta as seguintes informações: das 46 ocorrências, houve apenas um uso na primeira faixa etária, o fenômeno foi observado no falar de um homem, ou seja, apenas 2% de uso. Já na segunda faixa etária, foram constatados, 20 usos de [dʒ], ou seja, 44%. A pesquisadora ressalta ainda que 100% das ocorrências foram detectadas na fala de uma única entrevistada. Dos resultados de uso obtidos na terceira faixa etária, o estudo traz as seguintes informações: foram constatados 25% de uso dessa variante, o equivalente a 54% de uso, destes, 9 usos foram observados no falar das mulheres (36%) e 16 no falar dos homens (64%).

Dos estudos variacionistas desenvolvidos no Estado de Mato Grosso, podemos mencionar, ainda, a pesquisa desenvolvida por Mendes (2018). A pesquisadora desenvolveu seus estudos na comunidade fronteira Corixa-MT. Dos resultados obtidos por meio das entrevistas, constatou-se o uso de muitos fenômenos característicos do falar de algumas regiões mato-grossenses, como: a) a realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ]; b) A vocalização da lateral palatal [ʎ], exemplos: trabaio/trabalho – muié/mulher; c) a apócope do [l] e do [r] no final de palavras, exemplos: difící/difícil - prantá/plantar; d) a

metátese, exemplos: porciçõn/procissão – preguntadô/perguntador; e) a realização da vogal tônica [i] sobre a pretônica [e], exemplos: pirigo/perigo – minino/menino; f) a realização da vogal [i] ao invés da vogal [e] em início de palavra, exemplos: iducaçõn/educação – imprestadu/emprestado; g) o rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal, exemplos: pobrema/problema – crima/clima; h) a vogal central baixa [a] em ambiência nasal, exemplos: mándióca/mandioca – dánça/dança; i) alternância de uso de [ãw] e [õ], exemplos, coraçõn/coração – limon/limão.

Contudo, dada a saliência de uso da alternância [ãw] e [õ] na referida comunidade, optou-se, por focar a análise nos referidos usos. Tal fenômeno linguístico consiste na troca do ditongo nasal [ãw] pela vogal nasal [õ], em palavras terminadas em [ãõ] como: coraçõn/coração, mão/mon, limão/limon, etc. Entretanto, a pesquisa apresenta este fenômeno como alternância de uso, haja vista que os falantes utilizam as duas formas, tanto o ditongo nasal [ãw], quanto a vogal nasal [õ] na sílaba final, ou seja, ocorrendo neste caso, a alternância e não troca total na fala.

Para exemplificarmos o referido uso na comunidade Corixa-MT, destacamos alguns recortes apresentados por Mendes (2018), em sua pesquisa:

(14) Mais ou menos... eu gostu... tipo ao púbrico né...**movimentação**...ondi tivé mais **população**...aqui é muito quetu... paradu...num tem **opção** pra genti saí... assim num sábado saí pra passia né...i num lugá diferenti aqui num tem...só ficá im casa memo...as vez tem festinha na comunidadi...mas é difící tê. (LROM24)

(15) Eu por exempro... aqui cuzinho no **fogon** de lenha... eu como cumida cozinhada no **fogon** a gás só quando eu vô lá em Cáceres... na casa de minha irmã... do contrário é só á lenha... angico... é galinha cum aroz... carni cum **macaron**... carni cum mandioca. (FVM70)

(16) Tem **picon**... poejo... Gonçalo folha dele... a genti usa muito folha de **argudon**... pra **inframaçõn** né...esses remédio assim... que aqui nós num tem farmácia... o que tem é só esse né. (LSRF44)

(17) Tem **prantaçõn** sim... ele que prantô [...] mandioca... banana... milho... batata... **fejon**... essas coisa né. (NTF47). (MENDES, 2018, p. 48-49, *grifos da autora*)

Na comunidade Corixa-MT, as entrevistas foram realizadas com 12 homens e 12 mulheres, totalizando 24 entrevistados, dos quais se constatou a partir da análise da variável sexo os seguintes dados: no falar masculino, 74 ocorrências de [ãw], com índices de uso que variaram entre 67% equivalente a 19 ocorrências; até 0% de ocorrência, ou seja, nenhuma ocorrência de [ãw]; 174 ocorrências do [õ], com índices de uso que variaram entre, 17,81% equivalentes a 31 ocorrências; até 0% de ocorrência. Já no falar feminino encontraam-se 92 ocorrências do [ãw], com índices de uso que variaram entre 20,65% equivalente a 19

ocorrências; até 0% de ocorrência, ou seja, nenhuma ocorrência de [ãw]; seguida de 196 ocorrências de [õ], com valores percentuais que variaram entre 21,42% equivalentes a 42 ocorrências; e 0,51% equivalente a 1 ocorrência.

As justificativas apresentadas pela pesquisadora, com relação à fala dos homens e mulheres da Corixa-MT, estariam relacionadas aos seguintes fatores: O primeiro estaria relacionado aos possíveis reflexos do isolamento da comunidade em estudo: as mulheres ficam em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos, já os homens saem da comunidade com mais frequência por diversos motivos, dentre eles, trabalhar, fazer compras, entre outras atividades, influenciando, deste modo, os falares da comunidade. A variante [õ], por exemplo, apesar de ser recorrente no falar da comunidade, se destaca no falar feminino, que obteve como maior índice 196 ocorrências de uso desta variante, valor maior ao encontrado no falar masculino, que apresentou 174 ocorrências desta mesma variante.

Contudo, o fato de os homens terem interagido menos com a pesquisadora, por se tratar de uma mulher, também pode ser considerado como uma possível explicação na diferença dos resultados entre o falar masculino e feminino. Tais fatores, associados ao isolamento local, acabam por preservar o uso da variante padrão regional [õ] no falar feminino.

Silva (2000), Macedo-Karim (2012), Dias (2016) e Mendes (2018) apresentaram em suas pesquisas como justificativa para tais usos, os fatores sociais, porém Dias (2016) acrescenta, como possível justificativa de uso, a atitude do falante diante de sua língua (mais adiante retomaremos o assunto).

Conforme pudemos observar neste breve percurso dos estudos variacionistas desenvolvidos em Mato Grosso, existe uma diversidade linguística nestas regiões. Para esta pesquisa selecionamos apenas uma parte destes estudos desenvolvidos no Estado. Nos textos escolhidos notamos que os pesquisadores compartilham de um mesmo pensamento: de que os fenômenos linguísticos encontrados em Mato Grosso seriam heranças linguísticas deixadas nestas regiões pelos colonizadores, principalmente nas cidades fundadas no período do Brasil-Colônia.

1.4 Comportamentos e atitudes linguísticas

As atitudes ou comportamentos linguísticos são fatores que estão atrelados ao modo como o falante vê e avalia tanto a sua língua (fala), quanto a língua do outro, ou seja, tais

posicionamentos e avaliações, positivas ou negativas evidenciam-se por meio das reações diretas do falante com relação às variedades linguísticas.

Assim, o nativo da comunidade X pode expressar sentimentos positivos ou negativos acerca das variedades presentes em sua própria comunidade, podendo, também, esboçar sentimentos positivos ou negativos acerca das variedades linguísticas presentes em outras comunidades de fala.

Sobre o assunto em Lambert (1975), vamos encontrar a seguinte definição:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente. Os comportamentos essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. (LAMBERT, 1975, p. 100).

Neste sentido, as tendências ao reagir nas comunidades linguísticas podem ser compreendidas enquanto respostas do falante a algumas situações sociais, já que, em alguns casos, seu posicionamento pode ser caracterizado a partir do modo como essa identidade linguística está ou não presente na vida social e cultural desse indivíduo e isso reflete nas avaliações e nos julgamentos acerca da sua fala, bem como dos outros.

Sendo assim, os estudos nesta área, além de mostrarem determinados usos linguísticos, ainda têm por finalidade observar o modo como os nativos destas comunidades vêem as variedades inerentes do próprio lugar em que vivem e como esses acreditam que são vistos (julgados) pelos outros a partir deste falar.

Sobre o comportamento linguístico e suas consequências, Calvet (2002) faz a seguinte colocação:

Aqui, o que interessa à Sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequências sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo o modo de falar. (CALVET, 2002, p. 69).

As comunidades de fala são constituídas por indivíduos que partilham das mesmas variedades linguísticas, essas muitas vezes são instituídas enquanto o padrão daquele lugar. Contudo, elas podem ser vistas de pontos diferenciados, haja vista que em alguns casos os comportamentos negativos ou positivos podem emanar dos julgamentos sobre o falar certo ou errado, quando se tomam como padrão um modelo de fala prestigioso. Em outro caso, podem ainda insurgir através das avaliações que estes fazem sobre o lugar onde vivem, quando

classificam como bom ou ruim e gosto ou não gosto, etc., todas essas manifestações em relação à fala podem ser denominadas como atitudes ou comportamentos linguísticos.

Neste direcionamento, os estudos do comportamento e atitudes linguísticas são importantes para o campo linguístico, haja vista que toda comunidade de fala apresenta variantes normalmente vistas e subjulgadas pelos outros, mas para alguns nativos, aquele falar lhes é fator identitário, os quais se orgulham destes traços e reforçam seus usos, já os que não se identificam com determinadas variantes tendem a menosprezar ou inferiorizar tanto o lugar, quanto o falar característico daquele grupo, gerando o preconceito linguístico.

No tópico seguinte, abordaremos como foco de discussão o preconceito linguístico.

1.5 O Preconceito linguístico

Atualmente, muito se tem falado acerca dos preconceitos, sejam sociais, raciais, religiosos, etc. Qualquer retomada do assunto acaba por desencadear sérias discussões, principalmente quando a temática é exposta nas redes sociais, em que na maioria das vezes a indignação surge, dado o nível de hostilidade e intolerância atribuído ao outro por causa de alguma característica que lhe é pertencente, seja pela cor da pele, orientação sexual, religião, classe social, lugar de origem ou por sua forma de falar e se expressar etc.

Sobre este aspecto, Hilgert (2011), faz a seguinte argumentação:

Assim como as discriminações em geral também o preconceito e a intolerância na linguagem se estabelecem, numa comunidade de falantes, a partir da constatação de diferenças nos usos linguísticos. Estas se distinguem, em termos amplos, com base em critérios geográficos e socioculturais. [...] O critério geográfico também pode discernir o modo de falar das regiões social e economicamente mais desenvolvidas do de outras marcadas por mais pobreza e necessidades sociais (por exemplo, os falantes do sul e do sudeste em relação aos nortistas). O critério sociocultural dá especial evidência à distinção entre falantes escolarizados e não escolarizados, ou mais escolarizados e menos escolarizados. Quando essas diferenças são objeto de um juízo de valor que, por exemplo, considera um modo de falar *melhor* e o outro *pior*, um *certo* e o outro *errado*, institui-se o preconceito linguístico, que pode evoluir para a discriminação intolerante. (HILGERT, 2011, p. 21-22).

Ao se tratar, especificamente, do preconceito linguístico, muitos são os fatores que podem desencadear sérios debates e discussões sobre o assunto, dos quais podemos mencionar a intolerância linguística no ambiente escolar, o assunto deve ser abordado com frequência, pois a inércia diante do preconceito linguístico acaba desencadeando o *bullying*, que quando não tratado de forma adequada, pode causar sérios danos ao jovem que sofreu

com as piadinhas e brincadeiras de péssimo gosto, esse é apenas um dos exemplos, pois o preconceito linguístico pode apresentar-se em diferentes ambientes.

Na maioria dos casos, o preconceito é fruto do imaginário de uma língua homogênea, abstrata e fechada em si mesma, contudo as línguas em uso se opõem a tudo isso, pois são decorrentes de muitas transformações mostrando-se por meio das diversidades inerentes às comunidades linguísticas.

Nesta perspectiva, as variedades linguísticas não cabem na gramática, pois as mudanças ocorrem muito rapidamente e, ao se instituírem parâmetros dos modos de falar, como certo ou errado, bonito ou feio, melhor ou pior, comparando a língua em uso, com a da gramática normativa acabam por estabelecer os preconceitos linguísticos, tendo em vista que se abrem as portas para as ocorrências de julgamentos acerca da língua em uso.

Como argumentado por Hilgert (2011), o preconceito linguístico acaba sendo disseminado a partir dos juízos de valor criados e expressados contra os outros por causa de seu falar. Tais evidências linguísticas preconceituosas são fáceis de ser reconhecidas e, quando percebidas, causam constrangimentos às vítimas e geram a insegurança linguística.

No tópico seguinte, discorreremos sobre a segurança e a insegurança linguística.

1.6 Segurança e insegurança linguística

A segurança e a insegurança linguística estão relacionadas às atitudes dos falantes diante das variantes linguísticas, ambas costumam ocorrer em decorrência dos juízos de valor estabelecidos socialmente. Isso ocorre quando se estabelecem parâmetros avaliativos, cujo prestígio linguístico oferece status aos falantes de estilos cultos e reprimem os que usam as diversidades linguísticas.

Na perspectiva de Calvet (2002),

Fala-se de segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma. Ao contrário, há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam. (CALVET, 2002, p. 72).

Na maioria das vezes, a insegurança linguística surge da consciência do falante diante das formas prestigiosas da língua. Tais normas não contemplam as variedades linguísticas inerentes à língua em uso, mas as excluem por completo, assim, como a seus usuários. Como consequência, os falantes que não dominam a forma culta da língua, sentem-

se constrangidos, envergonhados e até mesmo inferiorizados por não fazerem parte do seletivo grupo dos falantes eruditos, cultos e, assim, apresentam atitudes negativas sobre a sua própria fala.

Se por um lado a insegurança linguística causa incerteza e até mesmo rejeição com relação às diversidades (por considerá-las menos prestigiosas), por outro, temos aqueles que tentam adequar seu repertório linguístico ao que consideram de maior prestígio. Contudo, por não dominar esta forma linguística, acabam cometendo a hipercorreção, isso acontece quando o falante quer atingir o falar que considera prestigioso e ao invés de fazê-lo da forma correta, acaba alterando-a.

Sobre o assunto Calvet (2002) faz a seguinte colocação:

É por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso que a pessoa tenta imitar, de modo exagerado, as formas prestigiosas [...] a hipercorreção pode ser percebida como ridícula por aqueles que dominam a forma “legítima” e que, em contrapartida, vão julgar de modo desvalorizador os que tentam imitar uma pronúncia valorizada. (CALVET, 2002, p. 79).

Ou seja, o medo e a incerteza com relação à própria fala acabam desencadeando os preconceitos acerca daquele falante que, a priori, discorreu daquele modo, no intuito de se enquadrar ao grupo de prestígio, mostrando que sua fala não era diferente, contudo, em vez disso, acaba sendo julgado e desvalorizado por sua atitude.

Se a insegurança linguística está associada ao fato do falante não conseguir dominar as normas de prestígio (por não praticar, por não querer ou por não conseguir), a segurança linguística acaba indo em direção contrária, pois por questões socialmente instituídas, os falantes não sentem receio, medo ou constrangimento em se comunicar, tendo em vista que acreditam dominar a norma prestigiosa da língua na certeza de que esta é a correta (“legítima”), sendo assim, tais aspectos não lhes preocupam, haja vista que jamais serão questionados sobre o assunto.

No próximo tópico, discorreremos sobre as atitudes positivas e negativas.

1.7 Atitudes positivas e negativas

As atitudes linguísticas estão associadas às percepções e aos julgamentos que fazemos acerca da língua em uso, que podem ser positivas ou negativas. Tais fatores dependem do modo como os interlocutores se posicionam diante das diversidades linguísticas inerentes a cada comunidade.

Na medida em que as variedades pertencentes aos grupos tornam-se perceptíveis e as ponderações acerca delas tornam-se comparativas, os modos como os indivíduos observam, avaliam, julgam a língua em uso ou o juízo de valor atribuído por ele, apresentará nuances de críticas ou de autoafirmação sobre este falar. Tendo em vista que as atitudes positivas ou negativas estão atreladas ao fato de haver paralelos entre o falar de prestígio ou não prestigioso, o falar bonito ou falar feio, a língua padrão ou a não padrão etc.

Sobre o assunto, Amâncio (2007) traz a seguinte reflexão:

O conceito de atitude, em sua origem, foi discutido pelos pesquisadores da psicologia social, que buscavam respostas para entender certos comportamentos humanos e suas motivações. Mais tarde, este fenômeno passou a interessar aos linguístas, que passaram a direcionar as pesquisas sobre atitudes para a esfera da língua, ou seja, investigando as manifestações positivas ou negativas que os falantes fazem sobre a fala dos outros indivíduos e sobre sua própria fala. Assim, o conceito de atitude se especifica e passa-se a utilizar o termo “atitudes linguísticas”, que tem a ver com o modo como o falante se julga ou é julgado pelos seus pares com referência ao seu comportamento linguístico (MELLO, 2003: 89). Os estudos nesta área objetivam investigar como são avaliados os traços linguísticos característicos de uma língua ou de uma variedade de língua. (AMÂNCIO, 2007, p. 42).

Por conseguinte, as atitudes negativas tendem a desencadear estereótipos nocivos aos falantes, tendo em vista que os usuários das variantes regionais, por vezes, acabam sendo ridicularizados por seu modo de falar. Em muitos casos, acabam sendo rotulados de “burros”, “incapazes de aprender a própria língua”, “incultos”, “analfabetos”, ou seja, é inegável que as línguas variam de acordo com diferentes fatores e essas variantes são compreendidas dentro de suas respectivas comunidades de fala, assim na maioria das vezes os julgamentos de certo e errado com relação a língua em uso, decorrem de pessoas que não pertencem ao grupo ou comunidade.

Apesar das atitudes negativas sobre as línguas em uso e suas respectivas consequências sociais, existem aqueles que apesar dos julgamentos negativos lançados sobre sua região de origem ou sobre sua fala, adotam uma atitude positiva com relação às variantes daquele lugar e reforçam sua identidade por meio dos usos característicos daquele ambiente, independente das críticas. Estes falantes tomam a língua como marcador identitário enquanto pertencente aquele grupo social.

Para finalizar o tópico, enfatizamos que as atitudes negativas ou positivas dos falantes, sobre a sua fala ou sobre o falar dos outros, são decorrentes dos juízos de valor instituídos sócio-historicamente, tendo em vista que se toma, na maioria das vezes, como

parâmetro o falar de prestígio. Isso se explica pelo fato de que a língua “cultura” é vista como uma possibilidade de imersão aos grupos de maior prestígio social. Como consequência, subjulgam os usos correntes e seus falantes, contudo, cabe ao falante se posicionar e adotar uma postura acerca das variantes locais.

No próximo tópico, apresentaremos a síntese de alguns estudos sobre atitudes linguísticas desenvolvidas no Estado de Mato Grosso.

1.8 Atitudes linguísticas: Estudos realizados

Apresentaremos aqui sínteses de alguns estudos de atitudes e comportamentos linguísticos desenvolvidos em terras mato-grossenses, de modo que, apenas os resultados obtidos pelos pesquisadores serão expostos. Nosso foco nas análises será o de destacar a forma como os nativos se posicionam, diante das variedades linguísticas típicas do Alto Pantanal.

Os usos linguísticos do Alto Pantanal são provenientes das várias mudanças, pelas quais passaram o Estado, no decorrer do tempo. Sendo assim, as diversas variedades regionais existentes são provenientes do processo de colonização, principalmente, as que estão presentes nas cidades mais antigas do Estado, como Cuiabá, Cáceres, Vila Bela e Poconé, porém, os falantes de tais variedades acabam sendo alvo de diversas avaliações e julgamentos, conforme podemos observar nos estudos que seguem.

Iniciamos nosso percurso apresentando a pesquisa desenvolvida por Bisinoto (2000). Seu estudo versou sobre as atitudes sociolinguísticas dos nativos da cidade de Cáceres-MT e sobre o modo como os migrantes que habitavam essa região avaliavam a variedade linguística local.

Dos entrevistados para a pesquisa, Bisinoto (2000) selecionou 12 migrantes, sendo que tinham que habitar na cidade de Cáceres-MT por no mínimo oito anos e 12 anos, os nativos. Dos fatores extralinguísticos, também levou-se em consideração, o aspecto profissional, separados em duas categorias: os profissionais que trabalhavam com a língua formal, como, professores, advogados, jornalistas e radialistas, e os que tinham outros ofícios.

Quanto aos resultados obtidos com a pesquisa, constatou-se a existência de estigmas e estereótipos relacionados à variedade linguística cacerense, de modo que o preconceito se apresentou em ambos os grupos, pois neste caso a variedade linguística local é desprestigiada tanto pelo migrante, quanto pelo próprio nativo. Contudo, Bisinoto (2000) salienta que as motivações de tais preconceitos distinguem-se nos grupos, pois para o migrante representa

uma forma de dominação sobre o nativo cacerense, por outro lado, o cacerense apresenta o preconceito como uma forma de defesa contra as pressões sociais e econômicas.

A esse respeito, na questão 13 apresentada pela pesquisadora é possível observar esse fato e como a pergunta apresentada acaba por se desdobrar em duas (a primeira de ordem pessoal e, a segunda diz respeito ao cacerense em geral).

Bisinoto (2000) obteve os seguintes resultados: ao serem questionados “se sentem vergonha ou orgulho do modo como os cacerenses falam?” (resposta pessoal - a pesquisadora solicitou que os entrevistados também opinassem sobre os outros nativos, acerca da mesma questão) como resposta obteve os seguintes dados, 83% acham que o cacerense, em geral, tem vergonha de sua própria fala e 17% não têm opinião a respeito.

Destes, poucos explicaram o porquê de seu orgulho: para alguns o estudo lhes possibilitou compreender o valor de sua cultura. Em contrapartida, apresentaram espontaneamente os motivos pelos quais os cacerenses têm vergonha de seu falar. Segundo a concepção destes entrevistados, por vezes, os cacerenses são criticados por seu modo de falar, os outros riem e corrigem os nativos.

Para os entrevistados os nativos cacerenses não descobriram o valor de sua cultura, por isso não têm liberdade/segurança para falar do seu jeito e por sempre ter sua fala comparada com outros falares, acabam julgando como feia. Pensam que falam errado, não gostam de sua própria fala, são humildes.

Bisinoto (2000) segue dizendo que a estigmatização da variedade local não é exclusividade do imigrante, tendo em vista que ela também reflete as atitudes dos nativos cacerenses e que, algumas vezes, acabam materializando-se em seus próprios atos. Neste caso a materialização ocorre em forma de “correção” dos traços linguísticos cacerenses no falar dos filhos.

Como exposto por Bisinoto (2000), o resultado obtido em relação à questão 13 é representativa do conflito que se manifesta, inclusive, no relacionamento do nativo com sua linguagem, pois estes quando indagados diretamente sobre o seu sentimento em relação ao falar cacerense dizem sentir orgulho, porém, na sequência, admitem que “os cacerenses em geral” têm vergonha da forma como falam. A pesquisadora segue dizendo que os informantes não demonstram interesse em querer explicar o motivo de seu orgulho, mas sempre que puderam, apontaram os motivos da vergonha dos outros, de modo que as responsabilidades recaíssem sobre os imigrantes e sobre os próprios cacerenses.

Dos estudos desenvolvidos no Alto Pantanal mato-grossense e que também apresentam como temáticas as atitudes e as crenças linguísticas dos nativos, podemos

mencionar os estudos desenvolvidos por Macedo-Karim (2012). A pesquisadora além de discorrer sobre as variedades linguísticas presentes na comunidade São Lourenço, na cidade de Cáceres-MT, traz ainda o posicionamento desses com relação ao falar local.

Com o intuito de observar as atitudes linguísticas de aceitação ou rejeição do falar na comunidade, ela fez o seguinte questionamento aos seus entrevistados: Você sente orgulho ou vergonha da forma como o cacerense fala?

Dos resultados obtidos e apresentados pela pesquisadora, podemos observar os seguintes índices, no total, 75% dos entrevistados disseram que sentem orgulho do falar cacerense e apenas um entrevistado 8,34% expressou ter vergonha do falar local. Dos entrevistados, alguns não manifestaram opinião sobre o assunto, esses equivalem a 16,66%, conforme dados disponibilizados pela pesquisadora.

Para exemplificarmos, recortamos fragmentos das entrevistas disponibilizadas por Macedo-Karim (2012) em seu estudo:

(18) Non... eu sinto orgulho... pode escrevê aí... que esse sim... eu sinto orgulho de falá arrastado... com tudo errado... mais é bunito. (M2)

(19) Eu tenho... sinto orgulho né... eles fala assim... já nasceram assi né. (F2)

(20) Eu tenho orgulho do que eu falo... agora os outros devem se envergonhá mesmo... né. Porque eu não... eu não tenho vergonha não. (F1)

(21) Não... não cada um tem seu lugá pa... eu atcho... tem sua vez... ele não pode tê vergonha do que ele é... do djeito que ele é... ele tem que sê. (M2)
(MACEDO-KARIM, 2012, pág. 146)

Conforme Macedo-Karim (2012), os resultados apontam atitudes positivas com relação ao falar da comunidade, ocorrendo nesse caso a aceitação do entrevistado ao seu modo de falar, fator evidenciado no fragmento descrito acima. Apesar dos resultados refletirem alguns estigmas com relação aos usos presentes no falar cacerense por parte das pessoas vindas de fora, a pesquisadora salienta que esse fator não influencia os nativos, visto que esses não demonstram insegurança e nem interesse em mudar seu modo de falar, em decorrência do estigma que envolve sua fala.

Ainda com o intuito de observar as atitudes linguísticas na comunidade São Lourenço, Macedo-karim (2012) lançou aos seus entrevistados a seguinte pergunta: As pessoas que nasceram em Cáceres falam de um modo que você considera (a) agradável ou (b) desagradável?

Nas respostas obtidas, constatou-se que 100% dos entrevistados avaliam o falar dos cacerenses como agradável, testificando assim o posicionamento positivo dos nativos da comunidade São Lourenço com relação ao falar da local.

Seguindo este direcionamento, Macedo-Karim (2012) apresentou o seguinte questionamento aos seus entrevistados: Se uma pessoa de fora debochasse de você por causa do seu jeito de falar, o que você diria para ele? Isso já aconteceu?

Dos resultados obtidos, 50% dos seus entrevistados reconheceram que ocorrem deboches por parte das pessoas vindas de outros lugares contra os nativos da comunidade, das reações, essas são as mais variadas possíveis. Já 16,67% dos entrevistados disseram que não sofrem deboche por parte das pessoas vindas de fora. Dos resultados obtidos 8,33% disseram que em caso de deboche por parte das pessoas vindas de fora, não esboçariam nenhuma reação, pois optariam pelo silêncio. Destes entrevistados 16,66% optaram por não responder à questão proposta pela pesquisadora.

Nos fragmentos apresentados por Macedo-Karim (2012), é possível observar o modo como estes nativos são tratados por pessoas originárias de outros lugares e suas respectivas reações.

(22) Eu só dô risada é... eu não acho ruim.((Isso já aconteceu?)) Já várias vezes... várias vezes.

(23) Ah aí eu tenho uma resposta pesado né. Ai... com o perdão da palavra... eu diria assim... você é um burro... você é burro é... você não entende nada... é mió você ficá queto... então uns fica queto e vão imbora né... e otro ignora... e aí que eles apanha... né. (M1)

(24) Responderia que o que que eles fazem aqui? Né que aqui não é o lugar deles né... se atcha que não tá certo né... vorta pra onde veio né ((risada)). (F2)

(25) ((Isso já aconteceu?)) Já... mhm... eu simplesmente eu falei assim... eu sou feliz porque eu sou... (MACEDO-KARIM, 2012, p. 148)

Por fim, Macedo-Karim (2012) conclui que a maioria dos cacerenses entrevistados reagiria diante das afrontas recebidas por parte das pessoas vindas de outras regiões, com relação ao falar local, ao passo que os demais entrevistados disseram que preferem não manifestar reação diante dos insultos, preferindo permanecer em silêncio.

Ainda com intuito de apresentar alguns estudos desenvolvidos no Alto Pantanal mato-grossense, cuja temática verse sobre atitudes e crenças linguísticas, discorreremos neste momento sobre o estudo desenvolvido em Cuiabá-MT por Campelo (2022).

Dentre os temas abordados na pesquisa desenvolvida por Campelo (2022), estava o de identificar as atitudes linguísticas dos cuiabanos perante a variedade linguística local, para tanto, a pesquisadora aplicou na comunidade um questionário, das quais cinco perguntas versam sobre as atitudes linguísticas dos nativos entrevistados.

Com intuito de averiguar o posicionamento dos nativos diante da variedade regional, Campelo (2022) fez o seguinte questionamento: O que você acha do falar cuiabano?

Como resultado, a pesquisadora apresentou uma nuvem de palavras com os seguintes dados: das palavras mencionadas pelos entrevistados, que caracterizam o falar cuiabano estão, **engraçado** e **cultura**, que apresentou maior incidência, ao todo 10 ocorrências; por sua vez as palavras **diferente** e **sotaque**, apresentaram 5 ocorrências; enquanto as palavras **característica** e **linguajar** tiveram 4 ocorrências; apareceram também as palavras **admiração**, **dialeto** e **diferenciado** com 3 ocorrências.

De acordo com Campelo,

Os nativos, em sua maioria, apresentaram atitudes positivas perante o falar cuiabano. Somente quatro informantes mostraram atitudes negativas: “Não acho muito boa o falar muito errado o português” (Inf. 31). “Preguicoso” (Inf. 35) “Se for o linguajar dos mais antigo, acho estranho e difícil de entender” (Inf. 16). “Muito Feio” (Inf. 03) A seguir, selecionamos algumas falas que demonstram atitudes linguísticas positivas:

26. A minha **raiz**. O meu jeito de vida. Amo (Inf. 33)

27. eu gosto de ter um dialeto **característico** da minha cidade (Inf. 36).

28. Como toda cultura para alguns e muito diferente, mas eu amo, e um linguajar simples, **puro sem malícia**, objetivo e suas características de um povo meio índio, meio caboclo fica perfeito! (Inf. 07).

29. O falar cuiabano promove uma **rica cultura** sobre a capital de Mato Grosso, posso considerar uma **referência múltipla** a qual admiro e considero importante, e que talvez não tenha a percepção do “falar diferente” (Inf. 04). (CAMPELO, 2022, p. 125, *grifos da autora*)

Diante dos resultados a pesquisadora fala sobre a importância e a relevância das atitudes positivas dos nativos diante das variedades regionais, pois segundo Campelo (2022) este fator é de extrema importância para a preservação do falar local, tendo em vista que tais atitudes podem ter por consequência a manutenção ou não do falar local.

Ainda com o objetivo de observar as atitudes linguísticas dos cuiabanos diante do falar cuiabano, Campelo (2022), fez o seguinte questionamento aos seus entrevistados: “Existem situações em que você tem vergonha de falar com sotaque regional? Por quê?”

Como resultado a pesquisadora obteve os seguintes dados: 82% dos entrevistados disseram que não sentem vergonha do falar local; 7% falaram que sentem vergonha; 7% declararam sentir vergonha às vezes; um único entrevistado disse ter sentido vergonha apenas uma vez, correspondendo a 2%; outro entrevistado correspondente também a 2%, afirmou que já sentiu vergonha do falar cuiabano. Após apresentar esses resultados, Campelo (2022) traz fragmentos das entrevistas, em que há atitudes positivas com relação à variedade linguística cuiabana.

30. Não... Tenho muito **orgulho** (Inf. 5)

31. Não. Devemos **valorizar nossas raízes** (Inf. 6)

33. Jamais. E minha **identidade**, faz parte da minha cultura, está presente em todas as minhas gerações, quero mantê-la, sou a favor de não deixá-la ser esquecida (Inf. 18) (CAMPELO, 2022, p. 125, *grifos da autora*)

De acordo com a pesquisadora, o posicionamento dos seus entrevistados apresenta a valorização da variedade local, o que para ela pode ser o resultado do tombamento do falar cuiabano como patrimônio imaterial ocorrido em 2013. Para Campelo (2012), é como se os nativos precisassem “do aval das autoridades” para se expressar e se posicionar de forma positiva diante do falar cuiabano.

Quanto às atitudes negativas dos entrevistados Cuiabanos, Campelo (2022) apresenta os seguintes fragmentos:

34. **Às vezes**, tem lugar que **as pessoas** dão risada do modo de dizer algumas palavras (Inf. 41)

35. **Às vezes**. Quando converso com **pessoas de outros Estados**, e eles começam a rir ou a não entender algumas pronúncias (Inf. 24)

Por fim, as últimas falas são específicas de nativos que já se sentiram envergonhados com o falar local.

36. **Já tive vergonha**, apesar de não falar tanto cuiabanês, mas alguns palavreados ainda saem. As pessoas riam, mas hoje acho lindo e super engraçado (Inf. 19)

37. **Só tive uma vez vergonha**, porque aonde trabalho meu antigo chefe me chamou na sala dele e pediu para escrever 10 palavras em uma folha branca, depois que escrevi perguntei para que era aquilo, aí ele disse que achava que eu não sabia escrever elas já que falo errado, mas expliquei que não era errado, somente meu sotaque era diferente (Inf. 22). (CAMPELO, 2022, p. 134, *grifos da autora*)

Considerando os respectivos posicionamentos dos entrevistados que apontam vergonha ao usar a variedade local, Campelo (2022) salienta que:

[...] essa atitude decorre do julgamento dos outros perante o falar cuiabano, pois, na justificativa desses três depoimentos, há um outro que atribui adjetivos ruins para o falar local. Os três informantes em si não atribuem aspectos ruins ao falar local, conforme evidenciado nas respostas, isso parte de outras pessoas. (CAMPELO, 2022, p. 138)

Diante de todas as evidências encontradas na fala dos nativos cuiabanos, apontam que de modo geral, eles apresentam atitudes positivas com relação à variante local. Porém, a pesquisa apresenta uma exceção, tendo em vista que um entrevistado teve atitude negativa com relação ao falar cuiabano, apesar dessa evidência negativa, a ela concluiu que, na maioria das vezes, as designações ruins e negativas acerca do falar local partem dos outros e não dos nativos.

De acordo com os percursos traçados neste ensaio, observamos que os estudos sobre atitudes linguísticas desenvolvidos em Mato Grosso têm crescido consideravelmente, apesar

de terem outras demandas que abarcam a temática, selecionamos para essa breve explicação apenas três.

Observamos nos textos selecionados que os pesquisadores compartilham de um mesmo pensamento: enquanto as atitudes negativas com relação à variante local, na maioria das vezes, decorrem de pessoas vindas de fora do estado, os nativos do Alto Pantanal mato-grossense em sua maioria apresentam atitudes positivas com relação ao falar local, fator de suma importância para a preservação da variedade local.

1.9 Identidade: afinal, o que é e como se expressa?

Na linguística, a identidade está relacionada ao modo como os falantes das comunidades linguísticas se identificam e tomam determinados traços linguísticos, em seu cotidiano, evidenciando por meio da língua em uso, seu posicionamento diante das variedades presentes naquele grupo, entretanto, o fator identidade não é fixo, pois depende do modo como cada indivíduo percebe a sua fala e a do outro.

O fator identitário, como marca linguística, pode ainda estar associado ao prestígio linguístico e isso se explica pelo fato de que as pessoas tendem a adequar sua fala conforme o padrão prestigioso local, daí a ideia de mobilidade da identidade, já que inúmeros são os fatores que podem estar associados às escolhas destes usuários da língua.

Sobre o assunto, em Bortoni – Ricardo (2005) encontramos a seguinte explicação:

O segundo aspecto prende-se ao significado que a variabilidade assume no contexto das relações sociais como mecanismo de identificação social e de pertinência a determinado grupo. Cada enunciado é para o falante um ato de identidade. À medida que os usuários da língua se movimentam através do espaço sociolinguístico multidimensional que compõe seu repertório, usam os recursos de variação para marcar diferentes dimensões de sua identidade social, tais como sexo, faixa etária, grupo ocupacional, religioso ou étnico, background regional etc. (cf. Le Page, 1988; Mitroy, 1980, *in*, Bortoni-Ricardo, 2005, p. 71)

Neste aspecto, podemos observar que a variabilidade linguística assemelha-se com o fator identitário, tendo em vista que ambas são heterogêneas, multifacetadas e se manifestam por meio da língua. Por este motivo, são dinâmicas e dependem do modo como são vistas na comunidade, dito de outro modo, “pode-se afirmar que algumas dessas variações dependem da identidade da pessoa a quem se fala ou da pessoa de quem se fala”. (BRIGHT⁵, 1974, p. 41).

⁵ A publicação original do pesquisador é de 1960, em língua inglesa, porém neste estudo trabalhamos com a tradução feita por Elizabeth Neffa Araújo Jorge, do ano de, 1974.

Sendo assim, existem muitos outros fatores por trás deste assunto, cujas identidades sociais e suas respectivas dimensões fazem parte do nosso cotidiano, ou seja, determinadas identidades podem ainda constituir-se a partir dos juízos e valor que a própria sociedade institui como sendo pertencente ao grupo X ou Y, nesse caso podemos citar, a fala feminina quando direcionada ao bebê, a fala de um advogado no âmbito profissional, a fala dos jovens ao direcionar-se aos idosos etc.

Considerando essa linha de raciocínio, podemos inferir também que um falante ao agregar determinados traços linguísticos em seu repertório cotidiano, acaba se reafirmando enquanto pertencente à comunidade em que vive por meio do uso das variantes que representam o falar local, entretanto os que mudam sua fala e priorizam os repertórios considerados de prestígio, tendem a rejeitar as variantes, o lugar e os usuários daquela língua, pois como dito pela pesquisadora acima, todo pronunciamento é para o usuário da língua uma ação de identidade.

Neste sentido, faz-se necessário discorrermos brevemente sobre o papel da língua na definição da identidade, pois ela é um dos principais elementos caracterizadores das sociedades, e é por meio dela que conhecimentos são armazenados e transmitidos por gerações, sendo assim é um marcador identitário de grande relevância. Por meio da língua também podemos observar marcas de resistência.

Conforme estudos desenvolvidos por Krug,

[...] estudos comprovam que a língua é um dos principais fatores para a determinação da identidade étnica de um povo, embora não seja o único. Segundo Kleiman (1998: 268), a “perda da identidade de certos grupos está geralmente simbolizada pela perda da língua materna em consequência de um processo de deslocamento linguístico na direção da língua dominante”. Esse deslocamento não deve ser visto como característica exclusiva da língua de grupos minoritários (alemão, italiano e outros) inseridos em comunidades dominantes (português). Deve-se ter claro que a língua não existe por si só e que ela só ganha sentido na interação. Portanto, não se pode associar a língua a um objeto preexistente ou sobreposto a todos, mas sim como uma filiação do indivíduo, como uma posição que ele assume em relação a este objeto que está posto no meio social. (KRUG, 2004, p. 14).

Por este viés, é inegável que a língua exerce um papel de suma importância na formação cultural, social e identitária de diferentes povos, pois quando a mudança ou o apagamento das variantes regionais ocorrem e elas são substituídas pelas formas prestigiosas de determinadas línguas, não são apenas as variantes que “morrem”, mas parte da identidade regional desaparece com ela, sendo assim, perdem-se costumes, crenças, conhecimentos

próprios dos grupos, etc; tais mudanças em alguns casos são irreversíveis e não acontecem do nada, elas modificam-se aos poucos até consolidar-se.

Conforme proposto por Krug (2004), normalmente tais mudanças ocorrem quando grupos minoritários acabam se aderindo ao falar dos grupos dominantes, haja vista que as pessoas tendem a adequar seu repertório linguístico segundo a maioria, ou seja, se o grupo X está em um número maior de pessoas e fala de tal modo, a tendência é que o grupo Y, que é minoria, acabe modificando seu falar adequando-se ao grupo X.

Neste sentido, a forma como a língua é vista por seu usuário é muito importante na manutenção ou consolidação da mudança, entretanto, isso não significa que sua identidade fora apagada por completo, pois existem outros elementos que podem caracterizá-la.

Krug (2004) segue afirmando que:

Nessa rede de identidades, a língua aparece como elemento constitutivo importante, porém não exclusivo, como já lembramos acima. Acompanham-na nesta função, várias outras marcas simbólicas, como danças, trajes típicos, tipos de casas (em enxaimel), clubes, músicas, entre outros. Isso significa, em certos casos, a possibilidade de abrir mão da língua, uma vez que a expressão da identidade está assegurada por outros ícones. (KRUG, 2004, p. 19).

Apesar da construção identitária não ser exclusivamente de responsabilidade linguística, podemos considerá-la como elemento essencial na preservação e difusão dela, isso porque em conjunto com outros fatores provocam o sentimento de pertencimento nos nativos. Sobre esse aspecto, Bagno (2017) esclarece que:

A identidade é a **representação** social que o indivíduo constrói acerca de seus grupos de pertencimento e de referência, de maneira que se sinta incluído em certas **comunidades** e excluído de outras, natural de seu país e estrangeiro nos outros, por exemplo. Bagno (2017, p. 199, *grifos do autor*).

Sendo assim, o sentimento de pertencimento (ou não) do indivíduo é condizente com as especificidades sociais da comunidade, de modo que se os nativos sentem-se inclusos naquele lugar, com sua língua, seu povo, suas músicas, crenças, suas danças, acabam sentindo orgulho de pertencer a esse grupo: enquanto os outros (normalmente pessoas vindas de fora) podem não se identificar com a língua e o modo de vida daquele lugar. De acordo com Bagno (2017, p. 199, *grifos do autor*) a identidade “está relacionada com o conhecimento que o indivíduo tem de pertencer a certos **grupos sociais** e com o significado emocional ou valorativo que resulta desse pertencimento”, em suma, a construção identitária nada mais é do

que um aglomerado de elementos sociais que juntos trazem conforto, bem-estar, segurança linguística e o sentimento de pertencimento aos indivíduos em comunidade.

SEÇÃO II

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nesta seção, apresentaremos a base metodológica adotada neste estudo. Salientamos que não foi simples encontrarmos um roteiro de análise, visto que, neste estudo, trabalhamos com letras de músicas e não com entrevistas como, normalmente, vemos nos trabalhos Sociolinguísticos e assim nos deparamos com nossa primeira problemática: a metodologia. Sobre esse assunto, Labov (2008, p. 63) faz a seguinte constatação “toda pessoa que comece a estudar a língua em seu contexto social imediatamente se depara com o clássico problema metodológico: os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados”.

Apesar de não estarmos trabalhando com entrevistas a campo, tomamos como materialidade linguística seis composições regionais, cujas letras versam sobre as diversidades culturais e linguísticas de Cuiabá-MT.

Nessas composições é possível observar a representatividade cuiabana por meio da fala, ritmos, descrições gastronômicas, dentre outros elementos representados por elas e que constituem a identidade cuiabana. Entendemos assim, que “A fala de um indivíduo revela a seus interlocutores algumas das marcas que lhe são peculiares, podendo informar tanto sua etnia, a classe sociocultural, a faixa etária e, principalmente, suas atitudes em relação a sua própria linguagem” (FROSI, 2010, p. 43). Neste sentido, entendemos que os falares descritos nas composições refletem a identidade cuiabana por meio delas.

Do acervo bibliográfico que constitui este estudo, além, das leituras voltadas aos usos, crenças e atitudes linguísticas, apresentamos ainda, textos relacionados à cultura cuiabana dos quais podemos mencionar ARIANO (2002), ALMEIDA (2009), LIMA (2006), PEDROSO (2022) etc.;

Nos tópicos que seguem, faremos a apresentação dos procedimentos metodológicos por nós adotados.

2.1 Constituição dos corpora de pesquisa

Ao observarmos o quadro das músicas, que compõem as canções representativas do ser cuiabano, percebemos que algumas apresentam características peculiares, pois além das descrições culturais, elas enfatizam as belezas, a gastronomia e principalmente apresentam a diversidade linguística local em suas letras, fatores que nos levaram a um conhecimento maior sobre o assunto.

Neste sentido, tomamos como *corpus* de análise seis músicas típicas da baixada cuiabana, três dos anos 80 e três de produções recentes. Dos anos 80 temos: a) “Comida Cuiabana” (Dona Belinha), b) “Menina, vou te contar” (Vera e Zuleika) e a c) “A La cuiabana (oxi)” Vera e Zuleica). Das produções recentes temos: d) “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” (Ana Rafaela) e) “Rap do Xô Dito para Cuiabá” (Thyago Mourão) e f) “Não deixa morrer nosso linguajar” (Thyago Mourão).

Outra característica interessante das músicas selecionadas, é que duas delas foram compostas e são interpretadas por um comediante: “Rap do Xô Dito para Cuiabá” e “Não deixa morrer nosso linguajar” (Thyago Mourão). Apesar das particularidades de cada produção, é perceptível que todas apresentam uma rica descrição das tradições, costumes, falares e belezas naturais cuiabanas.

As descrições das expressões locais representadas nas músicas são de cunho, fonológico, morfossintático e lexical⁶, e, por sua vez, tais diversidades são vistas, teoricamente, como fenômenos linguísticos e não como “erro”. Por este motivo tomamos as variedades presentes nas composições como *corpus* de análise, pois para a Sociolinguística as línguas são vivas e mutáveis, de modo que todos os fenômenos na língua são passíveis de explicações, daí nosso interesse em analisá-las.

Neste estudo analisamos também, as atitudes linguísticas representadas nas composições selecionadas, considerando que todas trazem as variedades linguísticas típicas do Alto Pantanal. Assim, observamos as descrições e os posicionamentos dos compositores, diante das diversidades locais, julgamentos estes que não passam despercebidos, pois são evidenciadas de formas distintas nas respectivas letras, conforme poderemos verificar na seção de análise.

Por compreendermos que as atitudes linguísticas versam sobre a percepção que os falantes têm da própria língua, bem como a dos outros, observaremos tais evidências nas seis composições em estudo, por consequência apontaremos no decorrer das análises os fatores identitários presentes nelas.

Considerando que a depender do modo como esse nativo percebe a variedade regional (de forma positiva ou negativa), seu ponto de vista pode variar, afetando não somente em seu repertório linguístico, mas também em tudo que ocorra inferência à língua em uso, como por exemplo: na escolha das músicas que ouvem e dos documentários ou programas

⁶ Conforme podemos observar nas transcrições do tópico 5.1.1.

que assistem dos jornais que lêem/assistem, os *memes* que veem e compartilham, os vídeos que escolhem, etc.

Neste direcionamento, mencionamos o estudo desenvolvido por Campelo (2022), que realizou uma pesquisa sobre o falar das mídias cuiabanas e observou que os nativos cuiabanos ao serem questionados a expressar suas preferências a respeito das variedades nas mídias locais analisam e opinam sobre os usos linguísticos da TV e da rádio local.

Os resultados obtidos por Campelo (2022) evidenciam que:

Ao compararmos os dados da pergunta 9 com a pergunta 12, fica evidente que os nativos estabelecem diferenças em relação aos usos linguísticos da TV e do rádio, uma vez que a palavra mais recorrente para os usos linguísticos do rádio foi cuiabano, enquanto para a TV, a preferência é pelo uso da linguagem formal. Nessa via, as preferências linguísticas dos entrevistados são diferentes para o rádio e TV. (CAMPELO, 2022, p. 148)

Por meio do resultado apresentado intuimos que a escolha dos nativos está atrelada ao modo como julgam e avaliam as variedades locais. Por exemplo, o nativo tem a opção de escolher dois programas de TV, um em que é apresentado com o falar cuiabano e outro em que não ocorra essa variedade. A escolha de um programa, cuja língua seja mais formal, em detrimento de outro programa, em que seja apresentado com a variedade regional pode ser indicativo do processo identitário, social e linguístico, tendo em vista que esboçaram suas preferências linguísticas por meio de uma escolha.

Do ponto de vista de Willian Bright (1974⁷):

Pode-se afirmar que algumas dessas variações dependem da identidade da pessoa a quem se fala ou da pessoa de quem se fala; os casos clássicos são aqueles do Nootka, onde se usam formas linguísticas diferentes quando se fala às crianças ou sobre elas, o mesmo acontecendo quanto a pessoas gordas, anãs, corcundas, etc. (Sapir, 1915). Outras variações estão relacionadas à identidade do falante. Entre elas incluem-se, por exemplo, os casos de diferença entre a fala do homem e da mulher, verificadas no Koasati (Haas, 1944). Mais tipicamente, a variação linguística está correlacionada ao *status* do falante; pode se chamar a isto uma variedade de variação sócio-linguística. (BRIGHT, 1974, p. 41).

Por compreendermos que as variações linguísticas existem e fazem parte dos diversos complexos sociais, optamos por observar as variantes linguísticas representadas nas músicas locais, bem como, seu funcionamento e importância no contexto local. Analisamos também, as atitudes linguísticas dos compositores e averiguamos ainda, as evidências

⁷ A publicação original do pesquisador é de 1960, em língua inglesa, porém neste estudo trabalhamos com a tradução feita por Elizabeth Neffa Araújo Jorge, do ano de, 1974.

identitárias descritas nelas. É salutar dizer que em nossos estudos não realizamos entrevistas, pautamos nossas análises apenas no levantamento referencial e bibliográfico.

Enfatizamos que todas as músicas selecionadas para esta pesquisa são consideradas mato-grossenses porque de algum modo representam o Alto Pantanal e a baixada cuiabana. Neste sentido, observamos que a representatividade é marcada não só pelas descrições da natureza, costumes e tradições, mas principalmente pelas diversidades linguísticas locais.

Nos tópicos seguintes, apresentamos mais informações sobre cada uma das músicas, bem como as descrições relacionadas aos compositores e intérpretes delas.

2.1.1 Descrição das músicas/canções e seus compositores

Neste tópico, faremos uma breve descrição do nosso *corpus* de análise. Primeiramente, discorreremos sobre as composições, buscando delinear os principais aspectos dessas.

Feito isso, discorreremos acerca da biografia dos compositores, nas quais pontuaremos os dados mais relevantes acerca de suas vidas e produções artísticas, cujo objetivo será tão somente explicitar os fatores extralinguísticos que permeiam cada composição.

Sendo assim, iniciamos nosso percurso pontuando os principais aspectos da composição “Comida Cuiabana”, de Dona Belinha.

2.1.2 Comida Cuiabana (Dona Belinha)

A música “Comida Cuiabana” é um rasqueado muito animado, cuja letra apresenta uma linguagem simples e dinâmica, características comuns nas composições da cuiabana Isabel S. P. Palácios⁸, carinhosamente denominada de Dona Belinha. Conhecida, ainda, como a “Dama do rasqueado”, nasceu em 07/05/1927 e faleceu em 09/07/2015. Durante toda sua trajetória, fez da cultura cuiabana fonte de inspiração para compor e descrever as diversidades locais. Falecera aos 88 anos em Cuiabá.

Dona Belinha, cantora da velha guarda cuiabana, deixou como legado várias composições de sua autoria, dentre suas produções, selecionamos para este estudo apenas uma: “Comida cuiabana”.

⁸ Informações extraídas de uma matéria exibida no MTTV 2º edição – Cuiabá, em 10 de julho de 2015. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4314210/>>. A reportagem foi exibida exatamente em homenagem a dona Belinha em decorrência do seu falecimento, após uma longa busca pela biografia da compositora, a única fonte de informações sobre ela fora esta matéria.

Optamos pela música “Comida cuiabana”, por nela constarem determinados posicionamentos identitários, fatores que nos possibilitam observá-la de vários ângulos. Uma delas é por meio da contemplação gastronômica, em que a compositora delimita o que é nosso (Cuiabano) e o que é do outro. Para tanto, faz descrições dos pratos típicos cuiabanos, ressaltando e valorizando a diversidade da culinária local, ao passo que menciona o que não é pertencente das terras cuiabanas.

Neste sentido, podemos observar, ainda, as marcas identitárias na composição pelo viés linguístico, já que a presença dos usos regionais na música denota uma valorização do “linguajar” da região mato-grossense, aspectos interessantes para a pesquisa.

Simultaneamente, ambas as evidências se sobressaem no seguinte fragmento: “Assim é nossa vida, na nossa Cuiabá, comendo nossa comida e falando a linguadjá”, embora direcionadas aos cuiabanos, tais usos e descrições gastronômicas também fazem parte do contexto e das vivências dos nativos de outras regiões do Estado.

Considerando as diversidades linguísticas descritas na/pela composição “Comida cuiabana”, nossa análise variacionista nesta música pautar-se-á em cinco realizações linguísticas, típicas do falar da baixada cuiabana. Para tanto lançamos mão das teorias sociolinguísticas para explicarmos os fenômenos nas composições e salientarmos a representatividade identitária, por meio da língua em uso, em consonância com os aspectos sociais e culturais.

No próximo tópico, apresentaremos uma síntese sobre os aspectos mais relevantes da composição em homenagem ao aniversário de 300 anos de fundação da cidade de Cuiabá.

2.1.3 Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá 300 anos (Ana Rafaela)

Ana Rafaela é uma cantora cuiabana, nascida em 08/07/1994, ficou conhecida nacionalmente em 2012, aos 18 anos, após sua participação na primeira temporada do programa The Voice Brasil, da rede globo, em que chegou a ser semifinalista. Representante dos gêneros pop, música popular brasileira e romântica, a cantora ainda apresenta um vasto repertório de músicas regionais (mixes), nas quais descreve e divulga as tradições cuiabanas, destacando sempre os ritmos, sotaques e costumes locais.

Logo, dentre os inúmeros trabalhos desenvolvidos por Ana Rafaela e divulgados em sua página do Youtube, estão as homenagens feitas a Cuiabá, das quais selecionamos para este estudo apenas a música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá 300 anos”. Tal obra é um “mix” de composições que de algum modo representam Cuiabá e cujos compositores

são famosos regionalmente, desses podemos mencionar Dona Belinha “Comida Cuiabana”, Vera e Zuleica “Moreninha cuiabana”, Roberto Lucialdo “Papai Mamãe – Siriri”, Chico Gil “Ei, amigo” - Lambadão Liu Arruda “Leva pra benzê” e Pescuma, Henrique e Claudinho “É bem Mato Grosso” – Rasqueado, etc.

Em virtude das diversidades representadas na/pela composição, optamos por selecioná-la para o nosso estudo, já que as principais inspirações deste “mix” denotam marcas identitárias do ser cuiabano, tanto pelo viés linguístico (dadas as reproduções dos usos regionalistas em suas composições), quanto pelas nuances descritivas que caracterizam a cultura presente na região mato-grossense.

Deste modo, tomamos o referido arranjo, enquanto manifestação identitária representante da cultura local, pois é evidente que a mencionada composição descreve, valoriza e dissemina as diversidades regionais cuiabanas.

Ressaltamos ainda que esta é uma das seis letras que estruturam o *corpus* do nosso estudo. Conforme descrito anteriormente, o arranjo desta música constituiu-se, a partir de vários fragmentos extraídos de outras composições, formando assim um “mix” representativo e descritivo dos ritmos mato-grossenses, os quais apresentam aspectos de suma importância e de grande relevância para os estudos sociolinguísticos. Por este motivo, tomamos essas harmonias como elementos constitutivos desta pesquisa.

Sucessivamente, apresentaremos uma sinopse dos aspectos mais importantes da composição “Menina, vou te contar” de Vera e Zuleica.

2.1.4 Menina, vou te contar (Vera e Zuleica)

A dupla Vera e Zuleica são cantoras e compositoras conhecidas como representantes do rasqueado cuiabano. Zuleica Arruda é cuiabana nata, nascida em 01/11/1951, é bacharel em direito, arte-educadora, professora universitária e artista plástica.

Já Vera Baggetti, nasceu no Rio de Janeiro em 08/11/1955, arquiteta, mestre em educação patrimonial, professora universitária e artista plástica. Em suas composições musicais e plásticas, abordam como temática as tradições cuiabanas, utilizam-se de suas obras para divulgar e interpretar as pluraridades regionais.

Dentre as composições de Vera e Zuleica, selecionamos duas para este estudo. Ambas descrevem e representam as diversidades cuiabanas, marcando a identidade do ser cuiabano, o que se nota tanto pelos fatores linguísticos por meio das reproduções do falar local, quanto pelas descrições culturais mato-grossenses.

A música “Menina, vou te contar”, apresenta uma letra simples com traços e elementos típicos marcantes, apesar de bem curta. A mencionada composição descreve, valoriza e dissemina as diversidades cuiabanas.

A composição é um rasqueado, cuja letra é curtinha, o ritmo animado e os usos regionais são recursos importantes e indicam serem marcadores identitários relevantes para o estudo que nos propomos desenvolver. Por este motivo, tomamos tal arranjo como elemento constitutivo desta pesquisa.

Das variantes linguísticas presentes na letra da música descrita, analisaremos cinco tipos de realizações linguísticas, todas são típicas do falar cuiabano e dos falares das regiões do Alto Pantanal mato-grossense. Nosso intuito será o de explicarmos os fenômenos nas composições, enquanto traços identitários característicos das diversidades locais.

A seguir apresentamos composição “A La cuiabana (oxi)” de Vera e Zuleica e um apanhado das características linguísticas mais relevantes para a nossa pesquisa.

2.1.5 A La cuiabana (oxi) (Vera e Zuleica)

Das muitas composições de Vera e Zuleica disponíveis no *Youtube*, selecionamos duas para este estudo: a primeira, “Menina, vou te contar”, apresentada e descrita no tópico anterior, e “A La cuiabana (oxi)”. Ambas apresentam características representativas do ser cuiabano.

O arranjo aqui mencionado apresenta distintivas peculiaridades: os sons produzidos, a voz aguda e a rapidez com que as palavras são pronunciadas no decorrer da composição, que dificultam o entendimento, uma vez que dá a impressão de estar em um lugar tumultuado com muitas mulheres falando ao mesmo tempo. Outro aspecto interessante a ser ressaltado são as inserções e a representação do falar cuiabano/mato-grossense durante todo o arranjo.

Assim, salientamos que a música “A la cuiabana (oxi)” apresenta vários traços e elementos linguísticos que caracterizam o falar cuiabano, fatores marcantes que designam a identidade na/pela língua. Apesar de curta, traz refrões que se repetem no decorrer do arranjo e, por este viés, entendemos que a composição descreve, valoriza e dissemina as diversidades cuiabanas.

Ao observarmos a composição acima, podemos notar os usos linguísticos nela presentes. Neste sentido, propomos avaliar nove tipos de realizações, destacando, ainda, que a música em apreciação apresenta algumas peculiaridades lexicais interessantes para a nossa pesquisa social e cultural. Todas são típicas do falar cuiabano.

Consecutivamente, apresentamos uma síntese das principais características do arranjo “Rap do Xô Dito para Cuiabá”, de Thyago Mourão, para a nossa pesquisa.

2.1.6 Rap do Xô Dito para Cuiabá (Thyago Mourão)

Thyago Mourão, compositor e intérprete deste rap, é ator, produtor e diretor teatral. Cuiabano nato, aos 14 anos de idade começou a demonstrar interesse por assuntos ligados à cultura. É formado em rádio e televisão pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Destacamos que para o referido estudo, selecionamos duas de suas composições para análise, pois ambas trazem descrições representativas e culturais do ser cuiabano, principalmente por meio dos aspectos linguísticos.

Em suas peças, costuma abordar questões ligadas à cultura mato-grossense, criador e intérprete de “Xô Dito, um ribeirinho cuiabano”, que traz como característica principal o falar cuiabano e que por meio de suas representações divulga e dissemina o falar local. O referido personagem apresenta ainda toda a caracterização do ribeirinho, ou seja, usa sempre uma camisa xadrez, chapéu de palha, violinha de cocho, etc., detalhes que complementam na construção da personagem como um todo, constituindo e disseminando a identidade cuiabana por meio da representação.

O Rap do Xô Dito em análise apresenta nuances distintas das composições até então apresentadas neste estudo, pois as músicas anteriormente descritas, além de trazerem as variedades regionais em suas letras, se assemelham por meio dos gêneros regionais, ou seja, trazem como ritmo o siriri, o rasqueado e o lambadão, cujos compassos são alegres e dançantes.

No caso da música em questão, trata-se de um Rap, cujo ritmo é por meio de batidas e rimas, ou seja, a composição é mais reflexiva e não dançante, além disso, a letra expõe e denuncia as mazelas políticas e sociais de Cuiabá. Assim, compreendemos a referida composição, como representativa e disseminadora do falar cuiabano. Por este viés, Xô Dito demonstrou toda sua revolta e tristeza diante dos fatos, através do rap.

O referido arranjo é um rap, de cunho denunciativo e reflexivo em alusão ao abandono político em Cuiabá. Ao contrário das músicas mencionadas anteriormente, esta é ritmada por batidas e rimas, não é alegre e dançante como as demais, característica comum do rap, porém como exposto na descrição acima, traz um arsenal linguístico diversificado. Os referidos usos designam o ser cuiabano. São recursos importantes que podem ser considerados

como marcadores identitários locais e por este motivo tomamos esse arranjo como elemento constitutivo desta pesquisa.

Como exposto na letra da música, ela apresenta usos linguísticos típicos dos falares das regiões mais antigas do Estado de Mato Grosso. Como balizado, consideraremos dez tipos de realizações, além das peculiaridades lexicais interessantes para o estudo descritivo dos dados sociais e culturais.

Finalizando nossas considerações preliminares, apresentamos a seguir uma síntese, contendo as principais características da última composição selecionada para análise, “Não deixa morrer nosso linguajar” de Thyago Mourão.

2.1.7 Não deixa morrer nosso linguajar (Thyago Mourão)

A composição em questão é muito interessante, pois apresenta um clamor pela valorização do falar local, já que aparentemente, conforme o exposto na/pela composição, corre o risco de desaparecer/morrer, por este motivo o Xô Dito não poupa os usos e os inserem na composição, cujo intuito é demonstrar, valorizar e disseminar as diversidades locais.

Esta é a última das seis composições que formam o *corpus* do nosso estudo. Ela apresenta uma súplica pela valorização do linguajar cuiabano. Cada estrofe representa as diversidades locais de modo alegre e dinâmico, designando por meio dos traços, o fator identitário.

De acordo com os usos representados na figura 6, a composição traz diversidades linguísticas características do falar cuiabano. Destas, analisaremos quatro tipos de realizações em que estão ainda presentes algumas peculiaridades lexicais relevantes para o nosso estudo descritivo, a fim de que possamos explicar e exemplificar os fenômenos, respaldando, assim, nossos dados, considerando que os fenômenos nas composições, são tomados enquanto traços identitários que designam o ser cuiabano.

Como podemos notar, as músicas em estudo trazem em suas letras usos linguísticos e culturais que representam o cuiabano, especificamente os nativos das cidades mais antigas do Estado. Tornando o *corpus* da pesquisa interessante, pois abordamos questões linguísticas de diferentes perspectivas e concomitantemente, trazemos as descrições culturais e sociais do ser cuiabano, pelo viés musical e linguístico.

Na sequência, apresentamos os usos linguísticos selecionados para este estudo, dentre as quais estão as variáveis fonológicas, morfológicas e lexicais.

2.2 A seleção dos usos linguísticos em estudo

O Estado de Mato Grosso foi fundado no período colonial e como marcas desse processo ficaram algumas cidades mais antigas. Ao longo dos anos o estado foi se desenvolvendo e com o crescimento surgiram novas cidades. Desse modo, temos o antigo *versus* o novo que se contrastam e acabam por confrontar hábitos e culturas antigas com as novas. Com isso, percebemos que esse embate não se apresenta somente nos hábitos culturais, ele também é marcado na fala.

Sendo assim, analisamos neste estudo usos linguísticos em diferentes níveis: fonológicos (ou seja, no modo como as palavras são pronunciadas), morfossintáticos (ou seja, as relações sistemáticas das palavras em frases ou orações) e lexicais (ou seja, as palavras que são usadas), em letras de músicas locais.

Abaixo estão alguns traços linguísticos presentes nas referidas composições:

- a) A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ];
- b) a vocalização da lateral palatal [ʎ], exemplos: trabaio/trabalho – muié/mulher;
- c) a apócope do [l] e do [r] no final de palavras, exemplos: difici/difícil - prantá/plantar;
- d) o rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal; exemplos pobrema/problema – crima/clima;
- e) o uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, exemplos: mándioca/mandioca – dância/dança;
- f) alternância de uso de [ãw] e [õ], exemplos, coração/coração – limon/limão;
- g) as formas tchô e tchá ou xô e xá, tanto para senhor e senhora, quanto para os pronomes possessivos seu e sua.

Tais peculiaridades linguísticas apresentam-se no falar dos habitantes nativos das cidades mais antigas do Estado de Mato Grosso e são consideradas por Silva (2000), Macedo-Karim (2012), Dias (2016), entre outros pesquisadores da área, como resquícios deixados pelos colonizadores. Estas particularidades da língua podem ser encontradas no falar dos moradores das cidades mato-grossenses, fundadas no período do Brasil-Colônia, como: Cuiabá, Cáceres, Poconé e Vila Bela, de acordo com estudos já desenvolvidos nestas regiões.

SEÇÃO III

DESCRIÇÕES DOS USOS LINGUÍSTICOS NAS MÚSICAS CUIABANAS E A ATITUDE LINGUÍSTICA DOS COMPOSITORES

Nesta seção, apresentamos as análises desenvolvidas a partir das músicas regionais selecionadas para este estudo. Objetivamos mostrar, por meio dessas análises, os usos linguísticos típicos do falar cuiabano. Embora, determinadas composições apresentem maior índice de recorrência em comparação às outras, todas visam simbolizar, descrever, representar e ressaltar as diversidades locais sejam elas de evidências linguísticas, sociais, históricas.

Dos gêneros musicais selecionados para esta pesquisa estão cinco letras de rasqueado e um rap, todas as composições selecionadas apresentam diferentes traços da variedade linguística cuiabana e apresentam também, descrições gastronômicas regionais por meio da música, salientando por meio dessas letras os principais aspectos da baixada cuiabana e o modo de vida dos seus nativos.

Sobre o rasqueado cuiabano, Ferreira (2001) faz as seguintes considerações:

Em Mato Grosso, a expressão musical *Rasqueado Cuiabano* ou *Dança Popular Mato-Grossense*, traz no seu processo histórico toda uma saga, que começou após o fim da Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), quando os prisioneiros e refugiados da retomada de Corumbá ficaram confinados à margem direita do Rio Cuiabá, atualmente cidade de Várzea Grande. Logo após o final do conflito, estes prisioneiros não voltaram para o seu país de origem, aqui permanecendo e espalhando-se ao longo do rio, miscigenando-se e interagindo-se à vida dos ribeirinhos. Essa integração resultou em várias influências; costumes, linguajar e principalmente danças folclóricas: a polca paraguaia e o siriri mato-grossense. A primeira pulsante e larga, modulada no ternário-composto, a segunda saltitante, com percussão forte (de origem negra-bantu). A fusão dessas duas danças resultou numa terceira, o *Pré-Rasqueado*. (FERREIRA, 2001, p. 228-229, *grifos do autor*)

Por meio desse retrospecto histórico acerca do rasqueado, percebemos que este gênero é um ritmo musical tipicamente cuiabano, constituído e afetado por influências de outras culturas e grupos sociais, mas com origem na Baixada Cuiabana⁹, reforçamos que as características descritas pelo pesquisador são evidenciadas nas composições em análise, conforme apresentaremos no decorrer da pesquisa.

⁹ De acordo com Cox (2009, p. 78), “denomina-se Baixada Cuiabana a região formada pelos municípios e comunidades que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes. Segundo Santiago-Almeida (2005: 21), “as águas desses rios foram utilizadas pelos monçoeiros e bandeirantes paulistas, no século XVIII, como principal caminho de acesso, primeiramente, às aldeias indígenas (minas de escravos) e, depois, às minas auríferas da dita região”. Tais atividades econômicas deram origem ao povoamento dessa região, provendo-a de uma base cultural e linguística homogênea determinante na formação do falar cuiabano”.

Outro gênero em análise, neste estudo, é o Rap. Seleccionamos apenas um desse estilo musical, embora não seja um ritmo de origem mato-grossense é atual e aborda como temática as diversidades regionais, trazendo informações importantes em forma de denúncia. Tais fatores são interessantes para o nosso estudo, pois “O rap do Xô Dito” apresenta as batidas versadas e ritmadas do rap ao passo que é cantada por um personagem que representa o pescador nativo cuiabano, essa junção de atualidade com elementos culturais consolidados torna essa música interessante, assim apresentamos um estudo descritivo e analítico da respectiva composição.

Das seis composições em estudo, três são mais antigas, pois compõem o repertório musical dos anos 80 em que a ascensão do rasqueado cuiabano ganhou ampla divulgação na baixada cuiabana. Das suas representantes seleccionamos para esse estudo três composições: uma composta por Dona Belinha e duas de autoria de Vera e Zuleica. Observamos que as respectivas composições buscam descrever e ressaltar as belezas e diversidades cuiabanas, demonstrando, por meio de suas letras, as singularidades encontradas apenas nessa região. Outro diferencial é a presença dos fenômenos linguísticos como símbolo da identidade cuiabana, conforme apresentaremos no decorrer das análises.

Das músicas atuais, seleccionamos uma da cantora e compositora Ana Rafaela e duas do ator, comediante e cantor Thiago Mourão. Percebemos que as composições mais atuais também evidenciam as diversidades linguísticas cuiabanas, buscando ressaltar, por meio das variantes, a autenticidade linguística local, todavia das composições mencionadas duas evidenciam o apagamento ou “esquecimento” de variantes regionais que outrora foram constituídas historicamente, enquanto típicas do falar da cuiabania.

Na composição “Não deixa morrer o nosso linguajar”, por exemplo, percebemos um apelo para a manutenção linguística e cultural da cuiabania. Nesse sentido, o linguajar na composição é expresso com intuito de divulgar, disseminar e valorizar as variantes regionais, tendo em vista que, apesar de algumas estarem quase extintas, ainda ocorrem no falar cuiabano e seguem sendo elencadas como marcas desse falar, ou seja, conjecturamos esse gesto como uma forma de demonstrar resistência linguística por parte dos compositores diante das pressões e transformações sociais, que estão ocorrendo na cuiabania, conforme descreveremos nas análises.

Neste sentido, apresentamos nossas análises fonológicas, morfossintáticas e lexicais das referidas letras.

Os traços a serem analisados nas composições são os seguintes:

- a) A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ];
- b) A vocalização da lateral palatal [ʎ], exemplos: trabaio/trabalho – muié/mulher;
- c) A apócope do [l] e do [r] no final de palavras, exemplos: difici/difícil - prantá/plantar;
- d) O rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal, exemplos: pobrema/problema – crima/clima;
- e) A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, exemplos: mándióca/mandioca – dánça/dança;
- f) A alternância de uso de [ãw] e [õ], exemplos: coração/coração – limon/limão;
- g) As formas tchô e tchá ou xô e xá, tanto para senhor e senhora, quanto para os pronomes possessivos seu e sua.

Nessa seção, além de desenvolvermos um estudo sobre as variedades linguísticas descritas acima, nos propomos também a apresentar um breve estudo sobre os léxicos expostos nas músicas e que são típicos do falar cuiabano. Tanto as variedades linguísticas, quanto os léxicos são perceptíveis nas músicas selecionadas e analisadas nesse estudo.

Dito isso, iniciamos nosso percurso analisando as variedades linguísticas nas músicas cuiabanas e, para tanto, tomamos como aporte teórico os estudos desenvolvidos por William Labov (2008), pois esses, além de serem basilares na área, nos possibilitam observar, descrever e analisar a língua em sociedade de vários prismas.

3.1 Usos linguísticos na música “Comida Cuiabana” (Dona Belinha)

A música “Comida Cuiabana”, de Dona Belinha, descreve e representa o modo de vida dos cuiabanos e o falar local. Neste sentido, podemos observar que a diversidade linguística descrita e interpretada pela compositora reafirma a existência de tais variantes linguísticas, em Cuiabá-MT, que são apresentadas como símbolo da cuiabania.

Iniciamos nosso percurso analítico apresentando a letra da música: “Comida Cuiabana”, de Dona Belinha.

Figura 1 – Usos linguísticos na letra da música “Comida Cuiabana”

Comida Cuiabana
(Dona Belinha)

Cumida boa é cumida cuiabána,
Petchê frito cum farinha, ensopado cum bánána,
Carne seca cum arroz, farofinha de bánána,
Tutuzinho de fedjõn, a cumida cuiabána
Mujica de pintado, ensopado de pacu,
pirõm apimentado, sobremesa furundu.
(1X)

Aqui não tem!
Aqui não há!
Não tem o caruru, nós num tem o vatapá
Mas aqui tem!
Mas aqui há!
(1X)

Carne seca cum quiabo e anguzinho de fubá
Assim é nossa vida, na nossa Cuiabá
Comendo a nossa comida e falando a linguadjá
(2X)

Cumida boa é cumida cuiabána,
Petchê frito cum farinha, ensopado cum bánána,
Carne seca cum arroz, farofinha de bánána,
Tutuzinho de fedjõn, a cumida cuiabána
Mujica de pintado, ensopado de pacu,
pirõm apimentado, sobremesa furundu.
(1X)

Aqui não tem!
Aqui não há!
Não tem o caruru, e nem tem o vatapá
Mas aqui tem!
Mas aqui há!
(1X)

Carne seca cum quiabo e anguzinho de fubá
Assim é nossa vida, na nossa Cuiabá
Comendo a nossa comida e falando a linguadjá.
(2X)

Fonte: Música disponível no *Youtube*¹⁰

Podemos observar que a música, além de descrever as variedades gastronômicas, apresenta as descrições do falar local, dando ênfase no final da estrofe ao *linguadjar* cuiabano, ou seja, as questões culturais e linguísticas se entrecruzam e formam um só grupo representativo, descritivo do ser cuiabano. Assim, o fator identitário fica evidenciado por meio das representações gastronômicas, culturais e linguísticas locais.

Ao falar sobre os atos de identidade Bagno (2017) apresenta as seguintes considerações:

¹⁰ Transcrição feita pela autora, a partir do vídeo disponibilizado no *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CiqJIoLf5D4>>.

Termo empregado por Robert LePage e Andrée Tabouret-keller (1985) em obra homônima. Segundo os autores, qualquer ato de **fala** empreendido por um indivíduo constitui em si um ato de identidade. Em qualquer situação, os falantes escolhem dentre a gama de **variedades** a seu dispor em seu **repertório verbal**, conforme a **identidade** pessoal e social que desejem projetar. Ao fazer a opção por determinada pronúncia, forma gramatical ou palavra vinculadas a um **grupo social** particular, o falante projeta sua identidade como membro pertencente a esse grupo e não a outro. A **acomodação**¹¹, em qualquer de seus dois tipos (convergente ou divergente) pode ser interpretada como um ato de identidade. (BAGNO, 2017, p. 27, *grifos do autor*)

Considerando as ponderações feitas por Bagno (2017), observamos que a música em análise representa a identidade cuiabana em diferentes aspectos, tendo em vista que, além do falar regional, enfatiza e descreve a gastronomia local, delimitando o que é cuiabano e o que é do outro. Ou seja, como o linguajar denota representatividade. Nesta composição, além das variantes linguísticas é possível observar que a identidade cuiabana se consolida por meio da gastronomia.

A relação afetiva da compositora com relação ao falar e a gastronomia local pode ser observada em diferentes momentos da música. A escolha da compositora por apresentar e descrever as diversidades gastronômicas e linguísticas locais é indicativo de uma atitude positiva com relação a elas, pois, tendo a opção de apresentar a gastronomia local de outra forma, escolheu utilizar os traços linguísticos locais em sua composição.

Para reforçar a identidade local, observamos que a compositora salienta que Cuiabá – MT tem uma culinária diversificada, com a presença do “*Petchê frito cum farinha, ensopado cum bânána, Carne seca cum aroz, farofinha de bânána, Tutuzinho de fedjõn, a cumida cuiabana Mujica de pintado, ensopado de pacu, pirõm apimentado e de sobremesa furundu*”.

Como podemos constatar no fragmento acima, Dona Belinha faz menção a variados pratos regional. Todavia, destes se sobressai a presença dos peixes, fator explicável, pois esse é um dos alimentos mais consumidos em Cuiabá – MT e região.

Em uma busca rápida no *Google* por restaurantes que apresentem cardápios com culinária tradicional cuiabana, percebemos uma vasta lista de peixarias em Cuiabá - MT, fator interessante e que corrobora com a ideia de que a música em análise é um marcador identitário da cultura local. Como podemos verificar ao se referir aos alimentos, dona Belinha

¹¹ Conforme Bagno (2017), a teoria da acomodação diz respeito “ao fenômeno que se dá quando as pessoas mudam seu modo de falar dependendo de com quem estão falando. A teoria da acomodação prevê duas formas principais de como essa mudança pode ocorrer: (1) convergência, quando os falantes alteram seu sotaque, dialeto etc. para aproximá-lo ao das pessoas com quem estão falando, com o objetivo de demonstrar solidariedade; e (divergência, menos frequente, quando insistem em preservar as características de sua fala com a finalidade de marcar distância social, indicar desaprovção, por meio do sarcasmo e da ironia)” (p. 3).

se refere a peixe por três vezes, ela fala do **Petchê frito, Mujica de pintado e ensopado de pacu**, ou seja, esse é um alimento muito apreciado pelos cuiabanos.

Dentre os cardápios *online*, um chamou nossa atenção pela variedade de pratos a base de peixes disponíveis. Além dos pratos, o cardápio apresenta outros diferenciais, como a presença de um mapa regional destacando os principais pontos turísticos cuiabanos, seguido de um dicionário regional, contendo alguns léxicos do falar cuiabano, em adição, a peixaria apresenta dois pratos nomeados com expressões cuiabanas, conforme podemos verificar na imagem 3 temos os seguintes pratos **Peixada cuiabana de tchapa e cruz e Pirarucu à tcháporDeus**. Para exemplificação, trouxemos a imagem parcial do cardápio disponível no site do restaurante.

Figura 2 – Cardápio do restaurante Lélis – Cuiabá – MT

RODÍZIO

QUALIDADE QUE NÃO TEM COMPARAÇÃO

GUARNIÇÕES: ARROZ BRANCO, ARROZ E ALHO, PURÉ DE BATATAS COM MAÇÃ, VINAGRETE, FAROFA DE BANANA E PIRÃO.

Salada Mix
 Pastel de camarão
 Kibe de pirarucu
 Caldo de pintado
 Pintado à milanesa
 Mojica de pintado
 Pacu assado na brasa com farofa de couve
 Ventrecha de pacu à milanesa
 Matrinxã recheada com cebola
 Piraputanga assada na brasa recheada com cebola
 Banda de pacu com sal grosso na brasa
 Pirarucu no espeto
 Pintado com raspas de laranja
 Arraia à milanesa
 Pintado a belle muniere
 Lambari frito
 Linguíça pantaneira de jacaré
 Jacaré à milanesa
 Jacaré no espeto
 Porpeta de jacaré
 Pintado à parmegiana
 Banda de pintado na brasa
 Tilápia oriental milanesa
 Tilápia ao molho indiano
 Kafta de piraputanga
 Bolinho de pacu à milanesa



PAQU NA BRASA À MODA CUIABANA
 Pacu assado na brasa, recheado com farofa de couve. Acompanha: farofa de banana, pirão, vinagrete, puré de batata, e arroz branco. Grilled Pacu Ribs - (Made with capers.) Includes: white rice, farofa(manioc flavor mixture) with banana, mashed potatoes with apple, vinaigrette and mush)
 (3 pessoas/people) 199,90

BANDA DE PACU NA BRASA
 Pacu assado na brasa com molho de alcaparras. Acompanha: farofa de banana, vinagrete, puré de batata, pirão e arroz branco. Grilled Pacu Ribs - (Made with capers.) Side dishes: Includes: white rice, farofa(manioc flavor mixture) with banana, mashed potatoes with apple, vinaigrette and mush)
 (2 pessoas/people) 179,00

PIRARUCU NO ESPETO
 Peixe da Amazônia, assado na brasa com pedaços de tomate, pimentão e cebola. Acompanha: farofa de banana, vinagrete, puré de batata, pirão e arroz branco. Pirarucu Skewer (Fish from the Amazon region, roasted with sliced tomatoes, bell peppers and onions). Side Dishes: Includes: white rice, farofa(manioc flavor mixture) with banana, mashed potatoes with apple, vinaigrette and mush)
 (2 pessoas/people) 169,00

199,90

340,00

179,00

169,00

PEIXES À LA CARTE

A la Carté Fish Plates

PINTADO À PARMEGIANA
 Pintado à milanesa com molho ao sugo, coberto com queijo mussarela, levado ao forno para gratinar. Acompanha fritas arroz branco. Parmegiana fillet of pintado (fish with tomato sauce). Side dishes: French fries and plain rice.
 (2 pessoas/people) 179,00

PINTADO AO MOLHO DE CAMARÃO
 Pintado à doré coberto com molho de camarão. Acompanha: pirão, farofa de banana e arroz branco.
 Pintado shrimp sauce (Filet doré pintado covered with shrimp sauce) Side dishes: pirão, farofa of banana and plain rice.
 (2 pessoas/people) 189,90

PINTADO À PORTUGUESA
 Pintado grelhado e cozido no azeite com mini batatas, mini cebolas, alho, cebola em cubos, alho poró, azeitonas pretas, brócolis, ovos cozidos, louro, alho frito. Acompanha: arroz branco e salada verde.
 Pintado grilled/ Filet grilled in olive oil with mini potatoes, mini onions, garlic, diced onion, garlic, black olives, broccoli, boiled eggs, bay leaf, fried garlic) Side dishes: white rice and green salad
 (2 pessoas/people) 179,00

179,00

189,90

179,00



 MOQUECA DE PEIXES <i>Moqueca Fish</i>	
<p>🐟 MOQUECA DE PINTADO COM CAMARÃO</p> <p>Postas de pintado com camarão, temperadas e cozidas com azeite de dendê, leite de coco. Acompanha: pirão, farofa de banana e arroz branco. <i>Moqueca of painted with shrimp (Sliced painted, shrimp, seasoned and cooked with palm oil and coconut milk.) Side dishes: pirão, farofa of banana and plain rice.</i></p> <p>(2 pessoas/people)</p>	189,00
<p>🐟 MOQUECA DE PINTADO</p> <p>Postas de pintado, temperadas e cozidas com azeite de dendê, leite de coco. Acompanha: pirão, farofa de banana e arroz branco. <i>Moqueca of painted (Pieces of painted, seasoned and cooked with palm oil and coconut milk.) Side dishes: pirão, farofa of banana and plain rice.</i></p> <p>(2 pessoas/people)</p>	159,00
<p>🐟 PINTADO DO LÉLIS</p> <p>Postas de pintado cozidas com cebola, alho, tomate sem pele, pimentões coloridos, batatas, brócolis, ovos cozidos e azeitonas pretas. Acompanha: pirão de peixe, farofa de banana e arroz branco. <i>(Sliced fish, cooked with onion, garlic, peeled tomato, bell peppers, eggpotatoes, broccoli, black olives.) Side dishes: pirão, farofa of banana and plain rice.</i></p> <p>(2 pessoas/people)</p>	169,00
<p>🐟 PEIXADA CUIABANA DE TCHAPA E CRUZ</p> <p>Mojica de pintado, filé de pintado à milanesa, costeletas de pacu à milanesa. Acompanha pirão de peixe, farofa de banana e arroz branco. <i>(Moqueca of painted, fish fillet with crunchy pacu ribs, pirão, farofa of banana, vinaigrette and plain rice).</i></p> <p>(2 pessoas/people)</p>	169,00
<p>🐟 PIRARUCU À TCHÁPORDEUS</p> <p>Postas cozidas em panela de pedra com azeite, cebola, alho, tomates sem pele, pimentões coloridos, brócolis e azeitonas pretas. Acompanha: arroz branco. <i>(Pieces of desalted pirarucu fish, cooked in olive oil and onions, garlic, skinless tomatoes, bell peppers, broccoli and black olives, in a clay pot.) Side dish: plain rice.</i></p> <p>(2 pessoas/people)</p>	169,00
<p>SALADA</p> <p>(mix de folhas verdes tomates, palmito, azeitonas cebola e cenoura ralada). <i>Special Salad (Mix green leaves, tomatoes, hearts of palm, olives, onion and grated carrot).</i></p>	59,00



Fonte: Cardápio da Lélis Peixaria¹²

O cardápio¹³, na figura 8, pertence à peixaria Lélis que fica localizada na capital Cuiabá – MT. Como pudemos verificar por meio do cardápio, assim, como a música em análise, apresentam elementos que caracterizam a identidade cuiabana, como a gastronomia e a variedade linguística regional, fator que reforça nossa hipótese de que a música se apresenta enquanto marcador, disseminador e conservador linguístico.

Com base no número de peixarias em atividade na capital cuiabana, percebemos que o consumo de peixes na baixada cuiabana é grande. O cardápio, exposto pela peixaria Lélis, é diversificado e apresenta variados tipos de peixes. Isso acontece, por que dentro da culinária local esse é um alimento muito consumido, tal fator se dá em decorrência da localização da cidade que é cercada por um rio de água doce e por esse motivo os nativos aprendem desde cedo a arte da pesca e por consequência consomem muito peixe.

O peixe é um alimento tão importante para os nativos que existe inclusive um mito em Cuiabá relacionado ao seu consumo, conforme o ditado popular, **o visitante que come a cabeça de pacu, não sai mais de Cuiabá**. É perceptível na letra dessa música a afetividade existente por parte da compositora e intérprete com relação ao peixe e outros alimentos

¹² Disponível em: <www.lelispeixaria.com.br>. Acesso em 12/11/2022.

¹³ Para reafirmar nossos dados, adotamos a intertextualidade como materialidade linguística, pois por meio dessa pretendemos demonstrar que as variantes regionais não aparecem apenas nas letras das referidas composições, mas sim, que elas permanecem atuantes no falar da comunidade local, assim, a inserção das figuras dos cardápios, das fachadas, dos *folders* e *slogans* apresentados neste estudo, visa a exemplificação dos fenômenos linguísticos em uso.

regionais, pois o peixe além de ser um alimento representativo da gastronomia local, serve também como fonte de renda para muitos ribeirinhos pescadores.

De acordo com Senra e Silva (2012), o hábito de consumir peixes em Cuiabá é uma herança indígena, tendo em vista que a alimentação destes povos, em sua maioria, é a base de produtos extraídos da própria natureza, sendo assim, houve a preservação deste costume entre os cuiabanos e se mantém até a atualidade.

Conforme Senra e Silva (2012),

Os alimentos da população tradicional mato-grossense são em sua maioria oriunda de ingredientes retirados da própria natureza, como peixes, carnes de caça, milho, mandioca, banana e arroz, alimentos adquiridos ou cultivados pelos indígenas, que, apesar da influência de outros povos, ainda permanecem como a base da culinária cuiabana (SENRA E SILVA, 2012, p. 58)

A construção identitária cuiabana na letra da música apresenta-se de diferentes maneiras: basta observarmos a forma carinhosa com que dona Belinha fala da gastronomia local, usando inclusive palavras no diminutivo para referir-se a elas, como podemos verificar no seguinte fragmento, **farofinha de bânána, Tutuzinho de fedjõn**, aqui vemos uma atitude afetiva com relação aos respectivos alimentos.

No fragmento seguinte, podemos ver o posicionamento de pertencimento da compositora na consolidação dessa identidade cuiabana, observemos o recorte **Aqui não tem! Aqui não há! Não tem o caruru, nós num tem o vatapá. Mas aqui tem! Mas aqui há! Carne seca cum quiabo e anguzinho de fubá. Assim é nossa vida, na nossa Cuiabá, comendo a nossa comida e falando a linguadjá**. Ou seja, os nativos não precisam pegar o que é do outro, pois tem sua própria culinária, vemos assim, a representação da identidade cuiabana, em que é perceptível a satisfação e o orgulho de mostrar o ser cuiabano por meio da descrição linguística e gastronômica.

Para Senra e Senra e Silva (2012),

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. [...] Dividir e classificar significa, nesse caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (SENRA E SILVA, 2012, p. 82).

No caso da composição em estudo, a identidade cuiabana é estabelecida por meio de da comparação feita pela compositora como um modo de mostrar que os cuiabanos têm uma identidade gastronômica definida, por este motivo não precisam emprestar de outra região,

tendo em vista que o caruru e o vatapá mencionados na composição são comidas clássicas da culinária baiana.

Sendo assim, constatamos através deste excerto, que ao distinguir as culinárias na música, Dona Belinha acaba por reforçar, a identidade cuiabana por meio de sua língua e gastronomia própria, dito de outro modo, os nativos dessa região não precisam pegar emprestado o que é do outro, pois já têm a sua identidade definitiva, e assim, ela acaba por delimitar, salientar e disseminar a autenticidade desta.

Em suma, a representatividade na composição também é feita por meio da descrição do falar cuiabano, e fazendo uma analogia entre a música e o cardápio, concluímos que em ambas, a comida e o falar regional simbolizam a identidade cuiabana por meio da afetividade gastronômica e linguística.

A seguir apresentamos a tabela 1, com os usos linguísticos selecionados na música “Comida Cuiabana”:

Tabela 1 - Realização dos usos na música “Comida Cuiabana”

Nome da Música/Compositor	Usos linguísticos selecionados	Realizações linguísticas
“Comida cuiabana” (Dona Belinha)	“Cuiábána, bánána”	A vogal central baixa [a] em ambiência nasal;
	“Petchê, linguadjá, fedjõn”	A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ];
	“Fedjõn, pirõn”	Alternância dos ditongos nasais [ãõ] e [õ];
	“Nós num tem”	Concordância verbal/ausência de plural;
	“Cumida”	Realização do [u] no lugar do [o];
	“Furundu ¹⁴ ”	Nome atribuído a um doce tradicional mato-grossense;

Fonte: MENDES (2023)

Conforme podemos observar na tabela 1, a música “Comida Cuiabana” evidencia a diversidade linguística cuiabana, das quais podemos destacar as seguintes realizações:

3.1.1 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Comida Cuiabana”

Na composição em questão, este fenômeno fonológico deu-se nos vocábulos bánána > banana e cuiábána > cuiabana.

¹⁴ O “furrundú” / “furrundum” ou “furundu” é uma sobremesa típica da culinária cuiabana, feita do caule do mamoeiro ou do próprio mamão verde ralado, no doce ainda são adicionados rapadura, canela e cravo.

A música “Comida Cuiabana” é curta e se desenrola em três estrofes, em que a letra da música se repete. Observamos que na primeira, o fenômeno fonológico acontece em dois vocábulos **bánána** e **cuiabána**, reiterando-se o uso na estrofe seguinte nas mesmas palavras. Apresentamos, na tabela 2, a descrição deste fenômeno:

Tabela 2 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Comida Cuiabana”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Banana	Bánána	[ba ^ˆ a ^ˆ a]
Cuiabana	Cuiabána	[kuyaba ^ˆ a]

Fonte: MENDES (2023).

Como podemos observar na tabela acima, existe uma diferença significativa entre as variantes apresentadas na música, tendo em vista que o som da vogal /a/ deveria ser nasalizado, entretanto, no falar cuiabano acaba por apresentar-se oralizada, ou seja, esse traço fonológico pode ser considerado como um marcador representativo do falar local.

Notoriamente, a presença deste fenômeno linguístico em uma música que exalta a gastronomia e o **linguadjar** cuiabano acaba por preservar, disseminar e valorizar a língua falada, haja vista, que este fenômeno se apresenta com maior incidência nas cidades do Alto Pantanal mato-grossense, em comum, todas as cidades passaram por um longo processo de colonização por portugueses.

Na próxima subseção, apresentamos a análise do uso das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana”.

3.1.2 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana”

Dentre as realizações observadas na música “Comida Cuiabana”, estão os usos das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], que neste caso ocorreram nos vocábulos, *petchê* > *peixe*, *fedjõn* > *feijão* e *linguadjá* > *linguajar*.

Como a música é dividida em duas estrofes que se repetem, observamos que tais fenômenos reiteram-se na segunda estrofe sem alteração dos usos linguísticos, reforçando, assim, a representatividade do **linguajar** cuiabano. Apresentamos na tabela 3, a descrição deste fenômeno:

Tabela 3 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Peixe	Petchê	[peʃe]
Feijão	Fedjõn	[fedʒõ]
Linguajar	Linguadjá	[li ^ɲ ɡuadzjá]

Fonte: MENDES (2023).

Como podemos observar na tabela 3, os usos das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ] na música “Comida Cuiabana” se instaura como um marcador linguístico de referência do falar cuiabano, tendo em vista que a compositora e intérprete da música faz questão de enfatizar esse fenômeno no seguinte fragmento, “Assim é nossa vida, na nossa Cuiabá, comendo nossa comida e falando o **linguadjá**”, ou seja, de acordo com a música, a cidade em si apresenta uma gastronomia característica e diversificada, além de elencar variantes que se distinguem das apresentadas em outras regiões do país, já que o **linguadjá**¹⁵ refere-se a variantes cuiabanas e é o nome dado a essa fala que conforme a música designa o falar local.

Entretanto, na atualidade os usos das africadas no falar da cuiabania vêm passando por um processo de transformação, como constatado nos estudos desenvolvidos por Justina (2021). Sobre esse aspecto a pesquisadora argumenta que:

Sobre os sons [tʃ, dʒ] > [ʃ, ʒ], que ainda podem aparecer nos dois contextos (Cuiabá e Guia) como variantes africadas, construíram-se alguns trajetos históricos que podem justificar a entrada e subsistência deles africados ali bem como em outros locais da Baixada Cuiabana. No Brasil, essas antigas africadas encontram-se em processo de desaparecimento cedendo lugar somente às fricativas [ʃ, ʒ]; mas entraram em cena, há algumas décadas, as africadas procedentes das oclusivas dentais/alveolares diante de ‘i’, e de lá para cá seguem espalhando-se país afora. Chegaram a algumas localidades mais cedo e já estão implantadas em muito deles. Nesse cenário, a Baixada Cuiabana está se juntando a muitos outros locais do Brasil, isto é, excluindo as antigas africadas e implantando as novas africadas, e isso valida hipóteses deste estudo, mesmo que os resultados não se alinhem totalmente ao conjecturado. (JUSTINA, 2021, p. 126)

Como exposto pela pesquisadora, na atualidade os usos das africadas [tʃ] e [dʒ], encontram-se em processo de desaparecimento tanto na capital cuiabana, quanto na

¹⁵ De acordo com o dicionário online de Português, “Linguajar é: Toda forma de se expressar que traga características particulares, caracterizando um grupo de pessoas; dialeto: linguajar regional, urbano”. Disponível em: <www.dicio.com.br>.

comunidade da Guia. Justina (2021) salienta que os usos das variantes antigas foram evidenciadas apenas no falar das pessoas mais velhas, o que aponta para a resistência dos usos apenas no falar desse grupo, todavia no falar dos jovens predomina o uso das fricativas o que demonstra a inovação linguística no falar desses jovens e conseqüentemente levando ao aparente apagamento dos usos antigos.

Fazendo um paralelo, podemos observar que a respectiva composição visa representar e descrever as variedades linguísticas e culturais correspondentes ao período da composição. Por este viés, a inserção dos fenômenos na música em estudo pode estar sendo tomada como símbolo da cuiabania dos anos 80, período em que as africadas eram mais frequentes no repertório linguístico dos nativos, porém depois de todas as pressões e estigmatizações sofridas, aparentemente, estão sendo aos poucos substituídas pelas variantes inovadoras.

Neste direcionamento, ressaltamos que as seis músicas selecionadas para esta pesquisa apresentam a realização das africadas [tʃ] e [dʒ] como marcador identitário do falar cuiabano, ou seja, apesar dos estudos recentes apontarem para o desaparecimento da variante antiga no falar local, elas ainda são consideradas símbolos da cuiabania. Isto é, nas letras em estudo percebemos que as inclusões dos fenômenos linguísticos nas músicas estão atreladas ao fator identitário, cuja designação cuiabana faz-se por meio dos usos das africadas e de outros fenômenos considerados como sendo específicos desse lugar.

No próximo tópico, discorreremos sobre a alternância dos ditongos nasais [ãõ] e [õ], na música “Comida Cuiabana”.

3.1.3 Alternância dos ditongos nasais [ãõ] e [õ], na música “Comida Cuiabana”

Conforme disposto na tabela 7, a música “Comida Cuiabana” apresenta ainda, a alternância dos ditongos nasais [ãõ] e [õ], que na música em questão apresentaram-se nos vocábulos *fedjõn* > feijão e *pirõn* > pirão.

Podemos observar as descrições dos respectivos fenômenos na tabela 4, a seguir:

Tabela 4 - A alternância dos ditongos nasais [ãõ] e [õ], na música “Comida Cuiabana”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Feijão	Fedjõn	[fedʒõ]
Pirão	Pirõn	[pirõ]

Fonte: MENDES (2023).

Este fenômeno consiste na troca ou alternância dos ditongos nasais [ãõ] por [õ] em palavras como pão, limão, mão, televisão que no caso do falar regional passam a ser pronunciadas como pon > pão, limon > limão, mon > mão, televison > televisão. Como pode ser observado, este fenômeno dá-se nos ditongos nasais finais.

Sobre a frequência de uso dos ditongos na baixada cuiabana, Lima (2018), pontua que:

Outro fenômeno que é recorrente no falar cuiabano é a alternância de [ãw] ~ [õ] em final de vocábulo. Essas duas formas variantes coexistem no sistema linguístico dessa comunidade, com tendência maior à realização da variante [õ], estigmatizada pela maioria dos falantes, com o gatilho do desaparecimento disparado. [...] Duas hipóteses circulam na comunidade: a ocorrência de um caso de monotongação do ditongo [ãw] ou que a variante [õ] seja uma herança da colonização portuguesa. (LIMA, 2018, p. 31-32)

Como constatado por Lima (2018), a presença da alternância [ãw] e [õ] ocorre com frequência no falar da baixada cuiabana, embora seja uma variante estigmatizada segue sendo um uso característico e representativo do falar local. Neste sentido, mais uma vez temos uma afirmação identitária por meio de um fenômeno que representa o falar da baixada cuiabana. Porém, é de se salientar que a música apresentou apenas duas ocorrências de uso da variante, e foi a única a ter apresentado esse fenômeno. Neste momento é interessante pensarmos na afirmação feita por Lima (2018) quando ele diz que na baixada cuiabana a variante [õ] caminha para o esquecimento.

Na sequência, apresentamos a descrição de algumas realizações gramaticais, igualmente representadas na letra da música “Comida Cuiabana”.

3.1.4 Concordância verbal, ausência de plural e a realização do [u] no lugar do [o], na música “Comida Cuiabana”

Além das realizações descritas anteriormente, constatamos que na letra da música aparecem outros fenômenos gramaticais e lexicais, no caso da oração **Nós num tem > Nós**

não temos, observamos a ausência do plural, fator que não está de acordo com a concordância verbal sugerida pela norma-padrão, contudo para que ocorra a equivalência na oração, o vocábulo **não** equivale a **num** e **temos** equivale a **tem**, ou seja, apesar de não concordar com a primeira pessoa do plural **Nós**, a realização **num tem**, faz sentido na fala.

Outra realização observada na música é a troca do [o] por [u], na unidade lexical **comida>cumida**. Podemos observar as descrições destes usos na tabela 5, a seguir:

Tabela 5 - Concordância verbal, ausência de plural e a realização do [u] no lugar do [o], na música “Comida Cuiabana”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Nós não temos	Nós num tem∅∅
Comida	Cumida
Com	Cum
Frito	Fritu

Fonte: MENDES (2023).

Como podemos observar na tabela 5, os usos linguísticos acentuam-se por meio da música, representando o uso real da língua na composição, nesta dinâmica constatamos tanto a troca do [o] por [u] na expressão **cumida > comida, cum > com, frito > fritu**, bem como a ausência do plural na oração, **nós num tem > nós não temos**, neste sentido tanto as ocorrências lexicais, quanto as gramaticais, representam a língua em uso.

Sobre o assunto, Santiago-Almeida (2005) encontrou a troca do [o] por [u] no falar da baixada cuiabana, e conforme os resultados obtidos por ele:

Esse fenômeno registrado em sílaba pretônica no português falado na Baixada Cuiabana não destoa do português brasileiro em geral, nem do português padrão europeu: [du.ʃmi] *dormir*, [bunita] *bonita*, [pulitika] *política*, [kʊʃtumadu] *acostumado*, [kubɛ.ʃtu] *coberto*, [aɪguduĩ] *algodoim*, [kumesu] *começo*, [nuvilĩɲu] *novelinho*, [murɛñia] *moreninha*, [pu.ʃke] *porque*. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 75)

Como podemos observar nos registros feitos por Santiago-Almeida (2005), os fenômenos na música não ocorreram por um acaso, uma vez que tais usos fazem parte do repertório lexical cuiabano e apesar de não serem restritos a esse grupo, como pontuado pelo pesquisador, se apresentam de forma considerável no falar local. Das variantes acima representadas, observamos que a frequência de uso destas, deu-se poucas vezes no decorrer da

música, haja vista que houve a alternância dos usos, ou seja, hora as palavras eram pronunciadas com [o] e em outros com [u].

Com relação à oração **nós num tem**, prevaleceu tal forma, do início ao fim da música, sem que houvesse qualquer alternância de uso.

Na sequência, apresentamos as descrições dos usos presentes na letra da música, “Menina, vou te contar” (Vera e Zuleica).

3.2 Usos linguísticos na música “Menina, vou te contar” (Vera e Zuleica)

A letra da música “Menina, vou te Contar” é curta, dinâmica e divertida, além de apresentar uma linguagem simples, fatores comuns nas composições de Vera e Zuleica, cujas letras costumam descrever hábitos e vivências cuiabanas. No caso da música em análise, ela traz alguns elementos linguísticos que descrevem o falar local. Este aspecto se observa na letra, a seguir:

Figura 3 – Usos linguísticos na música “Menina, vou te contar”

<p>Menina, vou te contar (Vera e Zuleica)</p> <p>Menina, vô te conta que de xô pai num tenho medo Já mandei fazê um ané pra coloca no tchô dedo Passarinho que bebe água na semente de capim Você mesmo que é curpada de nós dois vivê assim Na foia da bananeira onde canta a perereca Tchô pai já te criou para ser minha boneca Busca faca no meu peito Quero vê sangue corê Nos braços do meu benzinho, Hei de viver até morrer. (2X)</p>
--

Fonte: Música disponível no *Youtube*¹⁶.

Como podemos observar na letra da música “Menina, vou te contar”, ocorre a descrição do falar presente na baixada cuiabana, cuja simplicidade da música, em consonância com as variantes linguísticas representadas por meio dela, denotam a construção da identidade cuiabana, por meio da fala.

A seguir, apresentamos a tabela 6, com o os usos linguísticos selecionados na música “Menina, vou te contar”:

¹⁶ Transcrição feita pela autora, a partir do vídeo disponibilizado no *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8WOgtagF-ZU>>.

Tabela 6 - Realização dos usos na música “Menina, vou te contar”

Nome da Música/Compositor	Usos linguísticos selecionados	Realizações linguísticas
“Menina, vou te contar” (Vera e Zuleica)	“Tchô , xô”	A realização do Tchô para senhor/seu;
	“Fazê, vivê, ané, core, conta”	O apagamento do [l] e do [r] no final de palavras e o r retroflexo;
	“Curpada”	Troca do l por r;
	“Foia”	Vocalização da lateral palatal [ʎ];

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 6 apresenta as diversidades linguísticas conhecidas como típicas do falar caipira. Estes usos também fazem parte do repertório linguístico dos cuiabanos nativos e por esse motivo, foram representados na música “Menina, vou te contar”. Destacamos as seguintes realizações para análise:

3.2.1 A realização do Tchô/Xô para senhor/seu, na música “Menina, vou te contar”

A música “Menina, vou te contar” apresenta a realização de uso do **Tchô** ou **Xô** em vez de **seu**, ou seja, **xô pai** equivale a **seu pai** e **tchô dedo** equivale a **seu dedo**. Esse fenômeno linguístico é comum em Cuiabá-MT, o que justifica sua representação na composição.

Como dito anteriormente, a música “Menina, vou te contar” é uma música bem curta, dividida em duas estrofes que se repetem, assim, os fenômenos representados nela, reiteram-se na segunda estrofe sem alteração dos usos. Nesta tessitura musical e linguística, evidenciam-se a representatividade do falar caipira das cidades mais antigas do estado. Apresentamos na tabela 7, a descrição deste fenômeno:

Tabela 7 - A realização do Tchô/Xô para senhor/seu, na música, na música “Menina, vou te contar”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Menina, <u>vou</u> te contar que do <u>seu</u> pai não tenho medo.	Menina, <u>vô</u> te conta que do <u>xô</u> pai num tenho medo.
Já mandei fazer um anel, para colocar no <u>seu</u> dedo.	Já mandei <u>fazê</u> um <u>ané</u> , pra coloca no <u>tchô</u> dedo.

Fonte: MENDES (2023).

Na tabela 7, podemos observar os usos do **tchô** inferindo-se ao pronome possessivo **seu**, contudo, nas regiões mato-grossenses **tchô** e **tchá** ou **xô** e **xá** podem ser utilizados ainda

para inferir-se a senhor e senhora, respectivamente e ao passo que tais formas apresentam-se como um marcador linguístico. Salientamos que a música em questão abarca outras demandas linguísticas, todas conhecidas como típicas do falar regional. Como podemos observar na imagem abaixo, a variante linguística aqui descrita transpõe a fala e aparece inclusive como termo usado para nomear um espaço infantil na capital cuiabana. Observemos a figura que segue:

Figura 4 – Espaço infantil da peixaria Lélis “xás creança”



Fonte: Imagem do site da Lélis¹⁷.

Como podemos observar na figura 10 acima apresentada, a peixaria Lélis que fica situada em Cuiabá – MT, além de trazer uma gastronomia voltada para as comidas regionais cuiabanas, cujas especialidades são os peixes e jacarés, apresenta ainda em seu cardápio pratos nomeados conforme o falar regional. Além das descrições do falar cuiabano na nomeação dos seus pratos, a peixaria também apresenta como diferencial um espaço infantil nomeado de **xás creanças**, termo muito usado no falar cuiabano que significa **suas crianças**, ou seja, neste caso, **xás** equivale ao pronome possessivo **suas**, reafirmando, desse modo, a identidade cuiabana pelo viés linguístico, apontando também uma atitude afetiva com relação ao uso descrito. De acordo com Krug (2004):

Deve se ter claro que a língua não existe por si só e que ela só ganha sentido na interação. Portanto, não se pode associar a língua a um objeto preexistente ou sobreposto a todos, mas sim como uma filiação do indivíduo, como uma posição que ele assume em relação a este objeto que está posto no meio social. (KRUG, 2004, p. 14)

Sendo assim, tanto a presença dessa variante na composição em estudo, quanto o processo de nomeação do espaço infantil da peixaria Lélis, não são invenções dos

¹⁷ Disponível em: <www.lelispeixaria.com.br>. Acesso em: 12/11/2022.

compositores ou dos proprietários da peixaria, uma vez que ela designa o cuiabano por meio das comidas e variedades locais, ou seja, ao nomear o espaço com a respectiva variedade regional, há um posicionamento positivo acerca da variante cuiabana, mostrando que ali é um espaço verdadeiramente cuiabano. Neste caso, a autenticidade da identidade cuiabana em ambos os casos reafirmam-se pela posição assumida sobre o falar local.

Na próxima subseção, apresentaremos a “apócope do [l] e do [r] no final de palavras e o *r* retroflexo na música, “Menina, vou te contar””.

3.2.2 A apócope do [l] e do [r] no final de palavras e o *r* retroflexo na música, “Menina, vou te contar”

A música “Menina, vou te contar”, apresentou ocorrências da apócope do [l] e do [r] no final de palavras e o *r* retroflexo. Esses fenômenos ocorreram nos seguintes lexemas, fazer > fazê, viver > vivê, anel > ané e escorrer > corê. Conforme estudos desenvolvidos anteriormente, tais formas linguísticas por muito tempo foram consideradas como traço do falar caipira, entretanto nas atuais conjecturas sociais e linguísticas, podem ser vislumbradas em grandes proporções no falar de diferentes regiões brasileiras, tornando-se usual no falar.

Na tabela 8, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 8 - O apagamento do [l] e do [r] no final de palavras e o *r* retroflexo na música, “Menina, vou te contar”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Fazer _r	Faze∅
Viver _r	Vivê∅
Anel _r	Ané∅
Escorrer _r	Cor∅ê∅
Contar _r	Conta∅

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 8 apresenta parte da diversidade descrita na música “Menina, vou te contar”, no caso em análise o apagamento do [l] e do [r] no final de palavras e o *r* retroflexo, ou seja, a música apresenta os verbos sem o *r* final, como em **viver**, **fazer** e **correr** que na respectiva música apresenta-se como **vivê**, **fazê** e **core**. Bem como, apresenta também a ausência do *l* final em **anel**, que na música aparece como **ané**, por fim, temos o *r* retroflexo e a ausência do prefixo **es** na mesma unidade lexical, neste caso o verbo **escorrer** na música surge como **corê**.

Sobre língua e identidade Krug (2004) argumenta que “Levando em consideração a importância existente entre os fatores sociais e linguísticos na construção da identidade, estudos comprovam que a língua é um dos principais fatores para a determinação da identidade étnica de um povo, embora não seja o único” (p. 14).

Por este viés, entendemos que por ser uma variedade linguística cuiabana usual, supomos que o referido fenômeno não é alvo de estigma na comunidade, haja vista sua frequência nas músicas em estudo. Assim as respectivas descrições designam a identidade linguística local.

No tópico seguinte, apresentamos “A troca do l por r” na música, “Menina, vou te contar”.

3.2.3 A troca do [l] por [r] / rotacismo na música, “Menina, vou te contar”

Verificamos na música “Menina, vou te contar” a troca do l por r e o rotacismo no léxico culpada > curpada. Esse uso linguístico foi por muito tempo alvo de críticas por ser considerado traço do falar caipira. Na atualidade, apesar dos estudos desenvolvidos sobre a língua falada e a conscientização dos usos, ainda encontramos quem julgue e critique pessoas por seu modo de falar. Entretanto, podemos observar essa variedade linguística em grandes proporções no falar de diferentes regiões brasileiras e o fato de constar em uma música, impulsiona a consolidação e a representatividade da troca do **l** por **r** no falar regional. Na tabela 9, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 9 - A troca do l por r rotacismo na música, “Menina, vou te contar”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Cu pada	Curpada

Fonte: MENDES (2023).

Na tabela 9, mostramos a troca do l por r e o rotacismo na música “Menina, vou te contar”, fenômeno comum no falar cuiabano. Na música em questão, o uso ocorreu na palavra **culpada**, efetivando-se de acordo com o padrão regional **curpada**. Tal uso, bem como as demais variantes apresentadas nesta música são consideradas, enquanto típicas do falar caipira ou rural. Sobre essa variação na baixada cuiabana Cox (2009), faz as seguintes ponderações:

Um último fenômeno consonantal – o rotacismo – cabe ser aqui apresentado como um traço característico do falar cuiabano pela sua intensidade, mesmo não sendo exclusivo dessa variedade linguística [...] pela sua associação com

ruralidade, oralidade e analfabetismo, é um traço estigmatizado e timbrado com a pecha de caipirismo, é um marcador social, por assim dizer. Entretanto, na região da Baixada Cuiabana, é um indicador linguístico, pois reúne, indistintamente, falantes das zonas rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letrados, e ocorre em contextos de interação mais ou menos formais. (COX, 2009, p. 79-80)

Como argumentado por Cox (2009), em outras regiões do país essa variedade linguística pode ser considerada um marcador social, e por meio dela podem-se distinguir os falantes da área urbana e da rural. Contudo, de acordo com estudos desenvolvidos pela pesquisadora nessa região, esse fator não ocorre em Cuiabá, visto que na baixada cuiabana essa variedade aparece com recorrência, tanto no falar urbano, quanto no rural.

Na sequência, apresentamos a vocalização da lateral palatal [ʎ] na música, “Menina, vou te contar”.

3.2.4 A despalatização e iotização do fonema [ʎ] na música, “Menina, vou te contar”.

Outra ocorrência apresentada na letra da música “Menina, vou te contar” é a despalatização do fonema /ʎ/ e sua consequente iotização. No *corpus* em análise, o fenômeno ocorreu apenas em folha > foía. Assim como os demais usos linguísticos apresentados nesta música, este fenômeno também é considerado como típico do dialeto caipira e, por este motivo, seus falantes foram duramente criticados por muito tempo. Na atualidade, a aceitabilidade dos diferentes modos de falar está em ascensão. A viabilidade de discussões acerca do tema aponta para um processo de conscientização linguística. Na tabela 10, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 10 - A despalatização e iotização [ʎ] na música, “Menina, vou te contar”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Folha	Foía	[foya]

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 10 apresenta o processo de iotização do fonema palatal /ʎ/ na música “Menina, vou te contar”, como podemos observar no quadro descrito, o léxico **folha** sofre um processo despalatização de /ʎ/ e consequentemente sua iotização, trazendo para a forma gráfica essa variante linguística consiste na troca do **lh** por **ia**, assim o léxico na música passa a ser **foía**.

Como exemplo deste uso linguístico, apresentamos o fragmento do cardápio *online* do restaurante “Ixpiaí”- cuja especialidade gastronômica é a alimentação *fit*. Localizado na capital cuiabana apresenta, como diferencial, os nomes dos pratos escritos na variante cuiabana, incluindo a iotização do fonema palatal /ʎ/, como podemos verificar no seguinte recorte:

Figura 5 – A iotização do fonema palatal [ʎ], no combo do restaurante “Ixpiaí”



Fonte: ixpiaialimentacaosaudavel.menudino.com¹⁸

Como podemos observar, a figura 5 apresenta algumas variantes, das quais nos cabe mencionar a palavra **ôrêia**, ou seja, linguisticamente descrita. Nela ocorreu a supressão do fonema /ʎ/ na palavra **orelha** e por consequência acarretando na iotização dessa palavra, como explicação para este fenômeno Reis (2020, p.113) elucida que, “Linguisticamente o que justifica essa variação é a aproximação entre os pontos de articulação da palatal /ʎ/ e da semivogal /y/”.

Ademais, no enunciado a mencionada palavra não aparece sozinha no nome combo, pois é possível observarmos que ela compõe a expressão **Até na orêia**, que no vocabulário regional corresponde a **estar satisfeito** ou em outros contextos pode indicar ainda **estar cheio de algo**.

Neste sentido, a representação do falar local no processo de nomeação do referido combo, assim como sua manifestação na letra da música, justifica-se por sua presença no falar cuiabano, que por vez, possibilita ao nativo o sentimento de representatividade/pertencimento pela língua em uso.

Na próxima subseção, apresentamos os usos linguísticos na música “A La Cuiabana (oxi)”.

¹⁸ Disponível em: <<https://ixpiaialimentacaosaudavel.menudino.com>>

3.3 Uso linguístico na música “A La Cuiabana (oxi)” (Vera e Zuleica)

A letra da música “A La Cuiabana (oxi)” é curta, divertida e apresenta a diversidade linguística regional. Como ocorre com toda música cantada conforme o falar cuiabano é necessária muita atenção para compreender o que está sendo dito, pois as palavras são pronunciadas rapidamente.

Sobre a composição da música *À la cuiabana* Oliveira (2016), diz que:

A história da composição da canção *À la cuiabana* é interessante e vale a pena ser relatada, pois retrata uma das formas como Zuleica compõe suas músicas. Certo dia, estava Zuleica almoçando com Vera no Restaurante Flutuante¹⁹ quando percebeu algumas mulheres à beira do Rio Cuiabá, onde estavam para lavar suas roupas. Zuleica pergunta então para Vera se ela havia reparado nas lavadeiras conversando “sem parar”. Pararam então para ouvir um pouco mais e perceberam uma sonoridade de vozes agudas conversando, de uma forma bem rápida e utilizando-se do modo de falar do cuiabano. Sem ouvir o conteúdo da conversa, mas baseada na sonoridade dos fonemas, Zuleica passa a compor *À la cuiabana* ali mesmo, no restaurante. (OLIVEIRA, 2016, p. 162, *grifos do autor*)

Desse modo, percebemos que a composição dessa música ocorreu de modo aleatório a partir da observação de uma atividade cotidiana – lavar roupas. Essa é uma das características das composições de Vera e Zuleica, dada simplicidade dos temas abordados que costumam descrever hábitos mato-grossenses, elementos salientes na música em análise, conforme podemos constatar na letra abaixo:

¹⁹ Peixaria Restaurante Flutuante – restaurante conhecido por sua comida e localização (junto ao Rio Cuiabá), localiza-se à Rua do Flutuante, 135, Várzea Grande-MT. (OLIVEIRA, 2016, p. 162)

Figura 6 – Usos linguísticos na música “A La cuiabana (oxi)”

<p>A La cuiabana (oxi) (Vera e Zuleica)</p> <p>Nhá cá, tá dgira? Tchá Marica djá vai cutchitchá, Vamo' largá disso! Mitchirica iguár tarová! (2X)</p> <p>Tchussa aqui, tchussa ali (6X) Ê a, dúvida? (1X) Carca aqui, carca ali (6X) Cuidado raigá! (1X)</p> <p>Tchussa aqui, tchussa ali (6X) Ê a, dúvida? (1X) Carca aqui, carca ali (6X) Cuidado raigá! (1X)</p> <p>Tá pirpitinha, Invedjoso, djá vai me canhá! Demais de bom! Tchá por Deus! Vô até pipiná! (2X)</p> <p>Tchussa aqui, tchussa ali (6X) Ê a, dúvida? (1X)</p>	<p>Carca aqui, carca ali (6X) Cuidado raigá! (1X)</p> <p>Tchussa aqui, tchussa ali (6X) Ê a, dúvida? (1X) Carca aqui, carca ali (6X) Cuidado raigá! (1X)</p> <p>Oxi, oxi, oxigênio... A pele do branco! A pele do negro! A pele do índio! A pele na pele! A pele repele?</p> <p>Oxi, oxi, oxigênio... A pele da onça! A pele do tigre! A pena da arara! A pena da garça! A pele do jacaré..! Dawê... Oxi... Oxi... Oxi</p>
---	--

Fonte: Música disponível no *Youtube*²⁰

Como constatamos na letra acima, a presença da variação linguística típica do falar cuiabano é evidente. Além disso, temos algumas expressões lexicais que formam o repertório linguístico local e que em consonância com as descrições culturais representam a identidade cuiabana. Todavia, se observarmos o título da música perceberemos que nem todas as expressões fazem parte do vocabulário regional, como é o caso da expressão francesa “À La”, sobre o assunto Oliveira (2016), traz a seguinte elucidação:

“À la”, expressão francesa incorporada por nós brasileiros, significa o mesmo que o nosso “à”, tem o sentido de “ao estilo de”, “à moda de”, “nos termos de”. Neste caso, o título da canção está coerente com o propósito da letra, pois retrata, a partir do uso de um linguajar típico cuiabano, um diálogo de lavadeiras “ao estilo da mulher cuiabana”. (OLIVEIRA, 2016, p. 150)

Como pontuado pelo pesquisador, a inserção do termo em língua francesa no título da música não alterou o sentido e nem interferiu no modo como os traços regionais foram

²⁰ Transcrição feita pela autora, a partir do vídeo disponibilizado no *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rmXda0weU-g>>.

elencados na composição, na verdade acabou trazendo enriquecimento para a música ao fazer referência á mulher cuiabana.

Outra curiosidade sobre a música é o ritmo acelerado, com que as cantoras pronunciam as palavras, de modo que se a pessoa não prestar muita atenção no que está sendo dito, não consegue acompanhar a letra e tão pouco compreender os sentidos apresentados.

De acordo, com Oliveira (2016),

E é assim que se apresenta a canção *À la cuiabana*, uma composição “construída” a partir de um ritmo bastante “atarantado” – termo que a própria autora escreve na contracapa do LP – e que significa aturdido, confuso, perturbado, com “efeitos sonoros” e a apropriação e emprego de palavras e expressões do “vocabulário cuiabano”, interpretando-as inclusive com o “sotaque cuiabano característico”. (OLIVEIRA, 2016, p. 163)

Por este viés, é nítido que os cuiabanos nativos possuem um vasto repertório lexical, como representado na composição. Alguns destes léxicos, só possuem sentidos e significados dentro da comunidade cuiabana, desse modo a construção identitária na respectiva música não se institui aleatoriamente, mas pensado a partir de uma representatividade, cuja descrição e caracterização da língua falada, tornam-se atos de resistência linguística e cultural. De acordo com Bisinoto (2000),

[...] ao lado de uma variedade linguística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto a linguística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social. Nesta perspectiva, a atitude linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas a linguagem dos homens numa sociedade plural. (BISINOTO, 2000, p. 36)

Por esta via, conjecturamos que o intuito da composição seria tão somente o de disseminar e valorizar as peculiaridades cuiabanas, considerando que ao ressaltar as normas linguísticas e os léxicos locais, apresentando, por meio de uma música, o cotidiano das lavadeiras e descrevendo o diálogo entre elas.

Com isso, as compositoras demonstram seu posicionamento regionalista, reforçando, a autenticidade da identidade cuiabana a partir delas. Demonstram ainda uma atitude positiva com relação a este falar, já que em vez de tomarem outras variantes, optaram por inserir na composição apenas as variantes cuiabanas para descrever e simbolizar o falar das lavadeiras.

A seguir apresentamos a tabela 11, com os usos linguísticos selecionados na música “A La cuiabana (oxi)”:

Tabela 11 - Realização dos usos na música “A La cuiabana (oxi)”

Nome da Música/Compositor	Usos linguísticos selecionados	Realizações linguísticas
“A La cuiabana (oxi)” (Vera e Zuleica)	“Djá, dgira, cutchitchá, mitchirica, tchussa, invedjoso”	A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ];
	“Tchá”	A realização de Tchá para dona / senhora;
	“Largá, raigá, cutchitchá, canhá, pipiná”	A apócope do [r] no final de palavras;
	“Vamo’, raigá”	Supressão do s final e troca do s por i no meio da palavra, produzindo uma ditongação.
	“Iguár, vô”	Troca do l por r e a ausência do u final;
	“Nhá cá, tá gira, carca, pipitinha, tchá por Deus, canhá, pipiná, tarová, cutchitchá, mitchirica”	Expressões lexicais mato-grossenses;

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 11 apresenta a descrição das variedades linguísticas típicas do falar mato-grossense, presentes na música “A La cuiabana (oxi)”, das quais destacamos as seguintes realizações:

3.3.1 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “A La cuiabana (oxi)”

A música “A La cuiabana (oxi)” apresenta características peculiares: a música em si é muito rápida, além de trazer uma sonoridade bastante aguda, como se muitas pessoas estivessem conversando. Entre os usos descritos na música estão as africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], as incidências de uso deram-se nos vocábulos, já > djá, cochichar > cutchitchá, mexerica (o) > mitchirica, chuçar > tchussa, invejoso > invedjoso e dgira > **.

Este uso pode ser considerado como um símbolo da identidade cuiabana, haja vista que é um dos usos mais representados nas músicas em estudo e por sua recorrência no Alto Pantanal mato-grossense.

Apresentamos na tabela 12 a descrição deste fenômeno:

Tabela 12 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “A La cuiabana (oxi)”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Já	Djá	[dʒá]
Cochichar	Cutchitchá	[kufʃitʃá]
Mexerica (o)	Mitchirica	[mitʃirika]
Chuçar	Tchuça	[tʃusa]
Invejoso	Invedjoso	[iˈvedʒozo]
**	Dgira	[dʒira]

Fonte: MENDES (2023).

De acordo com a tabela 12, os usos das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ] na música “A La cuiabana (oxi)” ocorreram nas unidades lexicais já > djá, cochichar > cutchitchá, mexerica (o) > mitchirica, chuçar > tchussa, invejoso > invedjoso e dgira > **, tais fenômenos, bem como os demais usos descritos na música, surgem como símbolos linguísticos do falar cuiabano. Já no título da música podemos verificar um marcador identitário, no qual um dos vocábulos que o compõem faz menção às “cuiabanas”.

Sobre a respectiva variante na comunidade cuiabana, Lima (2018) faz as seguintes considerações:

Uma das características linguísticas da comunidade cuiabana é a alternância entre as consoantes fricativas alveolares e as fricativas alveopalatais. As consoantes fricativas pré-palatais surdas /ʃ/ e sonoras /ʒ/, no falar cuiabano, de maneira geral, são pronunciadas, respectivamente, como africadas surdas /tʃ/ e sonoras /dʒ/: chuva [ˈtʃuchuva], chave [ˈtʃave], peixe [ˈpeʃi], ajuda [aˈdʒuda], caju [kaˈdʒu], jipe [ˈdʒipe], joli [dʒoˈli], João [ˈdʒãu] etc. Segundo Karl von Den Steinen (1894) e Roquete Pinto (1935), essa variação era restrita somente às zonas caipiras de Mato Grosso. Mas de acordo com Silva Neto, essa variação não se restringia apenas às zonas rurais, mas também às citadinas e a pessoas cultas. (LIMA, 2018, p. 28)

Como pontuado pelo autor, por muito tempo essa variante foi recorrente no falar cuiabano, fato evidenciado por diferentes pesquisadores e também nas músicas em estudo. Neste sentido, em virtude da frequência de uso destes fenômenos nas músicas em análise e por compreendermos que se trata de um traço que se apresenta em diferentes localidades de Mato Grosso, por já ter sido observado por diferentes estudiosos no estado, optamos por dedicar um tópico exclusivamente para ele.

Na sequência, discorreremos sobre a realização de Tchá para senhora/dona, na música “A La cuiabana (oxi)”.

3.3.2 A realização de Tchá para senhora/dona, na música “A La cuiabana (oxi)”

A música “A La cuiabana (oxi)”, apresenta a realização do uso linguístico **Tchá** ou **Xá** em vez de **senhora/dona**, ou seja, **Tchá Marica** equivale a **senhora/dona Marica**.

A forma como as palavras são expostas na música, lembram muito uma conversação confusa, a voz aguda das cantoras, a entonação e os barulhos remetem a um lugar movimentado, dando a sensação de um espaço com muitas mulheres falando ao mesmo tempo, evidenciando os fenômenos representados nela. Neste cenário, as tessituras musicais e linguísticas reforçam a representatividade do falar caipira ou regionalista das cidades mais antigas do estado. Apresentamos na tabela 13 a descrição deste fenômeno:

Tabela 13 - A realização de Tchá para senhora/dona, na música “A La cuiabana (oxi)”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
<i>Senhora/dona Marica já vai cochichar.</i>	<i>Tchá Marica djá vai cutchitchá.</i>

Fonte: MENDES (2023).

Na tabela 13, podemos observar o uso de **tchá** para designar **senhora/dona**. Destacamos que essa forma linguística não é um invento das compositoras, mas um uso comum no falar cuiabano, já que os nativos deste local apresentam **tchô** e **tchá** ou **xô** e **xá** como formas de tratamento utilizados para se referir a **senhor** e **senhora** respectivamente, ao passo que tais formas apresentam-se como um marcador linguístico. Salientamos que a música em questão abarca outras demandas linguísticas, como poderemos ver mais adiante.

No tópico seguinte, arguiremos sobre “o apagamento do /r/ no final de palavras na música, “A La cuiabana (oxi)””.

3.3.3 O apagamento do [r] no final de palavras, na música “A La cuiabana (oxi)”

Observamos na música “A La cuiabana (oxi)” a constância do apagamento do /r/ no final dos verbos, tais fenômenos incidiram-se nas seguintes unidades lexicais, largar > largá, rasgar > raigá, cochichar > cutchitchá. Este fenômeno fora por muito tempo avaliado como traço do falar caipira, contudo, na atualidade pode ser encontrado em grandes proporções no falar de diferentes regiões brasileiras, tal fato, fez com se tornasse usual no falar. Na tabela 14, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 14 - O apagamento do [r] no final de palavras, na música “A La cuiabana (oxi)”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Largar	LargáØ
Rasgar	RasgáØ
Cochichar	CochicháØ

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 14 apresenta a supressão do /r/ nos verbos: **largar** que na música apresenta-se como **largá**, o verbo **rasgar** apresenta-se como **raigá** e o verbo **cochichar** aparece como **cutchitchá**. Consideramos a supressão do /r/ final, enquanto padrão regional, por ser considerado usual e se apresentar em diferentes pontos do estado.

As pesquisas desenvolvidas sobre o respectivo uso apresentam o fenômeno enquanto herança linguística trazida pelos negros durante o processo de colonização e característica marcante no falar dos indígenas, pois ambos os grupos suprimiam o [r] no final das palavras, acarretando num processo que posteriormente ficou conhecido como criouliização²¹ da língua, sendo que este foi por muito tempo duramente criticado, pois seu uso era considerado como marcador do falar caipira. Sobre o falar cuiabano e sua origem, Cox (2009) faz a seguinte colocação:

Em resumo, o falar cuiabano seria fruto ou de uma situação de isolamento que teria favorecido a conservação de traços de português antigo que chegaram à região via dialeto caipira, ou de um processo de criouliização em que as gramáticas do português, das línguas indígenas faladas pelas nações que habitavam a região e das línguas africanas trazidas pelos escravos teriam se misturado (SOUZA, 1999), ou de influência do castelhano em vista da vizinhança com a América Hispânica e mesmo da presença dos espanhóis na região, antes da entrada das bandeiras paulistas, conforme Mendonça (1970). É bastante provável que os fatores focalizados individualmente por essas hipóteses tenham agido em conjunto na formação da identidade do falar cuiabano. (COX, 2009, p. 78)

Como podemos observar, o falar cuiabano sofreu várias influências linguísticas e culturais no decorrer do tempo, fatores de suma importância para compreendermos a formação identitária e étnica cuiabana por meio da língua. Desse modo, a inserção das variantes linguísticas na composição são representativas do respectivo grupo.

²¹ De acordo com Bagno (2017) “Processo pelo qual um **pidgin** se transforma num **crioulo**, implicando normalmente uma expansão no nível estrutural (léxico, gramática) e estilístico – ou seja, trata-se de uma língua de **contato**, utilizada normalmente para fins comerciais (daí também ser chamada *língua de comércio* ou *trade language*) que sofreu um processo considerável de pidginização, mas cuja consequente redução foi compensada por uma fase de expansão ou de criouliização em decorrência de ter adquirido uma **comunidade** de falantes nativos e de ter passado a ser utilizada para uma gama cada vez maior de finalidades” (p. 69, *grifos do autor*).

No tópico seguinte, apresentamos a “Troca do l por r e a ausência do u final”, na música “A La cuiabana (oxi)”.

3.3.4 Troca do l por r e a ausência do u final, na música “A La cuiabana (oxi)”

Dentre os fenômenos representados na música “A La cuiabana (oxi)” estão os seguintes: a troca do l por r e a ausência do u final, tais fenômenos ocorreram nos seguintes lexemas: igual > iguár e vou > vô. As respectivas formas são usuais e habitualmente apresentam-se no falar de diferentes grupos sociais, contudo a troca do l por r costuma apresentar-se em maior incidência no falar dos mais velhos, no entanto, a supressão do u é usual no falar de diferentes faixas etárias.

As respectivas formas linguísticas, no passado, eram consideradas, unicamente, enquanto traço do falar caipira, contudo, na atualidade pode ser encontrado em grandes proporções no falar de diferentes regiões brasileiras. Na tabela 15, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 15 - Troca do l por r e a ausência do u final, na música “A La cuiabana (oxi)”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Igual	Iguár
Vou	VoØ

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 15 apresenta a troca do l por r e a ausência do u final. Tais fenômenos ocorreram nos seguintes lexemas, igual > iguár e vou > vô destes, a troca do l por r é mais comum no falar dos mais velhos, enquanto a supressão do u pode ser encontrada no falar de diferentes faixas etárias, conforme demonstrado por Reis (2022):

[...] “...mas não é iguar o do corgo” < “mas não é igual ao do córrego”, “carne sargado” < “carne salgada”; “Se nõw conseguimos pegá pro armoço, só pego prá djanta”. < “Se não conseguimos pegar para o almoço, só pegamos para a janta.” “O pacu gosta de sarsitcha...” < “O pacu gosta de salsicha”, “Nós ia de bicicleta ou de tcharrete” < “Nós íamos de bicicleta ou de charrete”, “pessoar” < “pessoal”, “exempru” < “exemplo”, “artu” < “alto”, “arguem” < “alguém”, “vortu” < “volto” (MIPCS); “Baía da Vorta” < ... da Volta”, “...arrof sem sar” < ... sal [’saw], “O sinar da cruz, fazia da testa até nu imbigo...” < sinal [si’naw] da cruz..., “...vem quarqué tropicassõw.” < ... qualquer, “Incrusive eu sô cadastrado numa coisa de viola de cotcho prá cantá cururu.” < Inclusive..., “...eu acredito que tem é o tar de lobisome”. < tal de..., “...odje eu vô armoçá em Cuiabá.” < almoçar, “Odje,

por exemplo djá gosto...” < ...exemplo... (M2MJO) (REIS, 2020, p. 109, *grifos da autora*).

Como podemos observar no fragmento acima, Reis (2022) apresenta os resultados obtidos no falar dos nativos da cidade de Cáceres – MT, e como na capital mato-grossense trocam o l por r no falar local. A pesquisadora estudou as variedades linguísticas em duas faixas etárias, a primeira de 38 a 60 anos, grupo denominado por ela como adultos jovens e a segunda faixa etária de 65 a 81 anos, denominados como adultos idosos, ou seja, o índice de uso obtido para o fenômeno pode ser explicável em decorrência da idade dos entrevistados.

Já a ausência do u final é conhecida por ser usual e se apresenta no falar de diferentes idades e em diferentes pontos do estado. Todavia, este fenômeno não é exclusivo do repertório linguístico mato-grossense, já que seu uso se aplica e aparece em outras regiões do Brasil. Seu índice de uso pode variar para mais ou para menos dependendo do nível de letramento da pessoa, ou classe social, tendo em vista, que em ambos os casos o uso das variantes está vinculado ao status social e ao nível de letramento do nativo.

No tópico seguinte, apresentamos algumas expressões lexicais mato-grossenses, representadas na música “A La cuiabana (oxi)”.

3.3.5 Expressões lexicais mato-grossenses na música “A La cuiabana (oxi)”

Além dos usos anteriormente descritos, a música, por representar uma conversação entre cuiabanas, apresentou uma vasta proporção de expressões lexicais características do falar cuiabano. Algumas são mais comuns, outras nem tanto, mas todas são representativas e demonstram a diversidade local, por meio de expressões e sentidos próprios, desse modo, consideramos apresentá-las e descrevê-las, conforme o falar regional. Na tabela 16, apresentamos as expressões expostas na música e seus respectivos sentidos:

Tabela 16 - Expressões lexicais cuiabanas, na música “A La cuiabana (oxi)”

Expressões: sentidos/significados em Mato Grosso	Ocorrência na Música
“Vem cá, Venha aqui”	“Nhá cá”
“Está louca?”	“Tá dgira?”
“Apertar / aumentar a fofoca”	“Carca aqui, carca ali”
“Comparação do amarelado do ouro (a pepita), com o amarelo da manga madura (fruta no ponto)”	“Pirpitinha”
“Expressão de espanto - Valha-me Deus / Só por Deus”	“Tchá por Deus”
Canhar / cainha - “Negar algo á alguém, pessoa egoísta”	“Canhá”

“Pepinar” – “Comer novamente / comer devagar”	“Pipiná”
“Louca / maluca”	“Tarová”
“Cochichar – falar baixo”	“Cutchitchá”
“Fofocar / falar mal dos outros”	“Mitchirica”
“Expressão de espanto, admiração”	Êh, ah!
“Chuçar – espetar / furar / cutucar”	“Tchussa aqui, tchussa ali”
“Muito bom”	“Demais de bom”

Fonte: MENDES (2023).

Como podemos constatar na tabela 16 a incidência de peculiaridades lexicais na música foi grande, tal fator se deu exatamente pelo fato de a música representar uma conversação entre lavadeiras cuiabanas, além de apresentar descrições culturais e linguísticas locais.

Embora essa composição seja dos anos de 1980, permanece sendo representativa na atualidade, tendo em vista que as expressões linguísticas descritas nela ainda podem ser evidenciadas na comunidade local. Para exemplificar a presença das expressões linguísticas recentemente, apresentamos o fragmento do cardápio digital do restaurante especializado em comida *fit* “Ixpiaí”. Nele é possível vermos duas expressões cuiabanas nomeando os combos, para melhor compreensão apresentamos a figura abaixo:

Figura 7 – Expressões lexicais, no combo do restaurante “Ixpiaí”



Fonte: ixpiaialimentacaosaudavel.menudino.com

Na figura 7 fica evidente a presença das expressões **Nha-cá** e **Tchá por Deus**²² como designação dos combos do restaurante especializado em comida *fit* “Ixpiaí”, que fica localizado na baixada cuiabana. Nesse contexto compreendemos que o processo de nomeação dos combos com as expressões cuiabanas teria por finalidade estabelecer um vínculo entre os clientes e as comidas a serem servidas.

Embora o restaurante não disponibilize em seu cardápio comidas tradicionais cuiabanas, dizem por meio das expressões linguísticas que as refeições são feitas para eles - os cuiabanos, proporcionando por meio das expressões regionais identificação com o público alvo. Sobre o assunto, Bortoni-Ricardo (2014) diz que “Até aqui vimos que peculiaridades do sistema fonológico de uma língua funcionam como marcas objetivas de identidade de seus falantes, permitindo que seus interlocutores identifiquem sua origem” (p. 27-28). Por esse viés, entendemos que a presença das expressões linguísticas, tanto na letra da música, quanto na designação dos combos, tem por intuito representar os cuiabanos nativos através dos traços específicos que os distinguem dos demais grupos.

²² Como exposto na tabela acima 21, a expressão linguística **Nhá-cá** no falar regional significa **vem cá** ou **venha aqui**, já a expressão **Tchá por Deus** no cuiabanês significa **só por Deus** ou **somente por Deus** a variante normalmente é utilizada para demonstrar espanto, vemos aqui em ambos os casos, a fala regional sendo simbolizada por meio da língua em uso.

Como podemos observar as três primeiras composições descritas pertencentes à velha guarda do rasqueado, enfatizaram as diversidades gastronômicas, culturais e linguísticas da baixada cuiabana, cuja variedade local foi apontada como atuante no falar daquele período. Neste sentido, a consolidação dessa identidade, nas composições, estabeleceu-se por meio das inserções e descrições feitas, cuja simbologia designa e condiz com o contexto cuiabano dos anos 1980, todavia como a música é atemporal e pode continuar significando, mesmo com o passar dos anos, percebemos que muitos dos fenômenos descritos permanecem atuantes no cenário linguístico presente.

Nesse momento, é pertinente fazermos uma breve contextualização sobre o período em que essas músicas foram produzidas. A partir da década de 1970, dois fatos importantes aconteceram em Mato Grosso e que influenciaram em muitas obras artísticas, o primeiro diz respeito a expansão agrícola e agropecuária no estado e o segundo é exatamente a consequência dessa expansão, ou seja, o processo migratório em grande escala que ocorreu para a região Centro Oeste como um todo.

A chegada dos novos munícipes em Cuiabá-MT e adjacências causaram grande alvoroço na comunidade, pois com eles vieram também novas tradições, costumes, hábitos e principalmente a fala, desses novos habitantes destacam-se os sulistas donos de uma cultura forte e traços marcantes e ao chegarem a Cuiabá começaram a estigmatizar o falar local.

Por sua vez, a comunidade local em destaque os intelectuais da época iniciaram um movimento na defesa das tradições regionais, esse movimento de preservação foi denominado como Muxirum²³, cuja pauta principal era a união de forças para que houvesse a preservação da cultura cuiabana, contra a opressão dos migrantes.

De acordo com Mahon (2020)

O Muxirum Cuiabano era formado por um conjunto de personalidades da tradicional cuiabanidade, mas apresentava um pensamento heterogêneo quanto às relações culturais frente aos fluxos migratórios [...] Ernani Calhao sustentava a integração com as culturas alienígenas, enquanto Silva Freire pretendia a ocupação do território aberto para a exploração agrícola. Considerando que o verbo ‘ocupar’ é mais relacionado à conquista do que ao diálogo, a visão do escritor não deixa de reproduzir a hegemonia da cuiabanidade irradiada para as demais cidades mato-grossenses. (MAHON, 2020, p. 80)

²³ “No mesmo periódico, poucos dias depois, a jornalista Sara Brunini (1990) emplacou reportagem com a manchete “Muxirum resgata valores perdidos”. O termo resgate empresta a noção de salvamento de uma cultura estática, personificada como vítima de inundação, naufrágio, isolamento, crise em geral. Esse conceito de cultura pura, que necessita de resgate, encontra-se presente nas questões levantadas pela jornalista”. (MAHON, 2020, p. 79)

Como podemos observar no fragmento acima, o grupo formado por personalidades cuiabanas estavam divididos acerca da nova situação imposta, em suma eram heterogêneos em seu posicionamento. Desse modo, haviam os que concordavam com as expansões agrícolas e a vinda dos migrantes e os que não concordavam, já que esses estavam preocupados com relação às novas pressões que o falar e tradições cuiabanas estavam sofrendo com a chegada dos outros – denominados pela comunidade de “paus rodados” – e a preservação dessa identidade.

Sobre o assunto, Mahon (2020) pontua que:

A professora de linguística da UFMT argumenta que “o que importa dizer então é sobre o preconceito. É comum as pessoas que chegam aqui acharem o falar cuiabano engraçado, diferente, interessante, até acharem errado” (POSSARI, 1991, p. 97). Prossegue com a tese de que os aspectos da linguística regional estariam estigmatizados pelos migrantes, sobretudo sulistas e, por fim, alerta para a tentativa de ambos os grupos – cuiabanos e não cuiabanos – de monopolizar o padrão comunicacional [...] O alerta de Possari dá-se em mão dupla. Ao perceber a tensão entre cuiabanos e “paus rodados”, a professora evidencia o duplo movimento: de um lado, os cuiabanos pretendem monopolizar o conhecimento sobre a própria cultura, tratando-a como objeto cuja propriedade está delimitada por códigos linguísticos; de outro, migrantes de cidades maiores menosprezam os acentos regionais e tentam impor uma linguagem homogeneizadora. O aspecto conflituoso percebido pela pesquisadora é, na esmagadora maioria das publicações da época, relegado e substituído pela visão vitimista da tradição cuiabana. (MAHON, 2020, p. 78-79)

Por este ângulo, é possível observar o conflito desencadeado entre os grupos que agora partilhavam o mesmo espaço, o movimento desordenado provocado hora pelos cuiabanos com suas crenças, tradições e fala, na busca pelo “monopólio” linguístico. De outro, estavam os “paus rodados” com seus costumes e língua, na pretensão de uniformizar o linguajar local, nesse embate, os migrantes na procura da padronização linguística não escondiam seus estigmas e preconceitos acerca do falar local.

Nesse cenário, temos as produções musicais representantes do período, haja vista que as três primeiras composições são difusoras dessa identidade, abarcando, representando e disseminando as variantes linguísticas e culturais cuiabanas e mesmo diante dos estigmas e pressões sociais sofridas permaneceram atuantes na comunidade local.

Apesar das aparentes mudanças linguísticas, em curso, muitas variantes ainda podem ser vistas e são representativas da comunidade. Como exemplos desses usos linguísticos na atualidade, trouxemos outras materialidades linguísticas, as figuras selecionadas mostram as variantes cuiabanas em uso na contemporaneidade – expressas em forma de *folders*, cardápios

e fachadas comerciais – demonstrando por meio das amostras que os fenômenos persistem no falar regional.

Diante do exposto, consideramos ser pertinente trazer as análises das três músicas atuais, pois elas, assim, como as dos anos 1980, visam descrever, disseminar e valorizar as variantes cuiabanas. Desse modo, as composições contemporâneas expressam preocupação com a preservação e disseminação da cultura local, assegurando por meio dos arranjos um gesto de resistência que visa demonstrar simbolicamente que a baixada cuiabana tem uma cultura bonita, rica e diversificada e que precisa ser preservada.

A seguir, apresentamos para análise a próxima composição “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”.

3.4 Uso linguístico na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” (Ana Rafaela)

A música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”, foi desenvolvida com intuito de homenagear Cuiabá em seu aniversário de 300 anos. Conforme podemos observar na letra abaixo:

Figura 8 – Usos linguísticos na música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá 300 anos
(Ana Rafaela)

Tchá por Deus, de que que esse?
Votê, cruz credo, terás eu quiço povo meu?
Ah, relâ de que será?
Que esse falar a minha dgenti exqueceu.
(1X)

Cumida boa é cumida cuiabána,
Petchê frito cum farinha, ensopado de banáná,
Carne seca cum arroz, farofinha de banáná
Tutuzinho de fedjão,
A cumida cuiabána.
(1X)

Vô tomá guaraná,
Tchupá cadjú,
Comê banana,
Passeá com você, doce moreninha cuiabana
(1X)

Papai, mamãe!
Me dá uma pena de angola,
Pra mim dá, pro meu amor
Que estou namorando agora.
(1X)

Hei, amigo, toque uma lambada,
Que eu estou querendo me esquentar,
Vou entrar agora na fulia
E só vou pra casa quando o dia claria.
(1X)

É bem Mato Grosso,
Um bailão de rasquiado
Ninguém fica parado até o dia claria.
(1X)

Nandaia, nandaia
Vamos todos nandaiá!
Seu padre, vigário venha me ensinar dançar!
(1X)

Êta, guri pestiado!
Leva pá benzê,
Levá pá benzê,
Oi, levá pá benzê!
(1X)

Cachimbocó, cachimbocó, cachimbocó, cachimbocó!
(1X)

Fonte: Música disponível no *Youtube*²⁴.

Observamos por meio dessa homenagem um movimento de preservação do falar peculiar da cuiabana, o que se evidencia no seguinte fragmento “Tchá por Deus, de que que

²⁴ Transcrição feita pela autora, a partir do vídeo disponibilizado no *Youtube*. Disponível em: <<https://youtube.com/watch/bSRx9gepKMQ>>.

esse? / Votê, cruz credo, terás eu quiço povo meu? / Ah, relâ de que será? / Que esse falar a minha dgenti exqueceu”, vemos neste fragmento o posicionamento da compositora diante de um possível esquecimento – apagamento das variedades linguísticas locais.

E como um gesto de resistência descreve e reforça a identidade cuiabana por meio das diferentes descrições conhecidas como sendo pertencentes a essa identidade. A composição em análise é formada por trechos de músicas famosas em Cuiabá - MT, cujas letras e ritmos descrevem o modo de vida e o falar local, podendo ser considerado como um difusor da cultura cuiabana.

A música em questão apresenta usos linguísticos típicos do falar cuiabano, mas não é somente isso, pois ela também ressalta as características das mulheres cuiabanas conhecidas por serem belas morenas. Fator explicável, em decorrência do processo de miscigenação provocado pela colonização, isso porque historicamente diferentes grupos passaram a conviver em terras cuiabanas a partir desse advento. Neste sentido, não é somente a língua que sofreu influências, as características físicas e culturais também se misturaram.

Ferreira (2001), ao falar sobre os primórdios de Cuiabá - MT, destaca que “nesse território viviam primeiramente tribos indígenas” (p. 442), posteriormente vieram os portugueses e espanhóis – colonizadores – e por fim, os negros - escravizados trazidos para estas terras como mão de obra – nesse sentido, todos esses povos contribuíram para o surgimento da miscigenação local, ou seja, em Cuiabá houve o encontro e a mistura de diferentes povos.

Outro aspecto interessante apresentado na composição são as descrições dos costumes cuiabanos, como o ato de tomar guaraná pela manhã e no período da tarde, ritual diário, considerado um costume mato-grossense, inclusive foi mencionado no estudo desenvolvido por Silva (2012), de acordo com a pesquisadora “Para se revigorar, os cururueiros cultivam o hábito de pela manhã tomar o guaraná de ralar²⁵, ao qual acrescentam água e açúcar. Segundo os apreciadores dessa bebida, trata-se de um produto afrodisíaco” (p. 58).

Costume esse descrito no seguinte fragmento “*Vô tomá guaraná, Tchupá cadjú, Comê banana*”, além da menção ao costume de tomar o guaraná ralado, a música ainda cita algumas frutas típicas da região e que costumam produzir em abundância, no caso a banana e o caju.

²⁵ Conforme, Senra e Silva (2011), “O guaraná de ralar se apresenta em forma de bastão, e usa-se a lima de afiar faca para ralar. A lima é também conhecida como groza” (p. 58).

Considerando ainda, as tradições descritas nesta música, enquanto representativas da identidade cuiabana, está a crença em benzimentos, em que toda e qualquer moléstia se cura por meio das rezas e folhas mergulhadas na água, costume evidenciado no seguinte recorte “Êta, guri pestiado! Leva pá benzê, Levá pá benzê, Oi, levá pá benzê!”, como pode ser observado até meninos travessos podem ser benzidos para melhorar seu comportamento.

Na sequência, temos a descrição representativa da diversidade gastronômica local, como observamos no seguinte fragmento: “*Cumida boa é cumida cuiabána, Petchê frito cum farinha, ensopado de banáná, Carne seca cum aroz, farofinha de banáná, Tutuzinho de fedjão, A cumida cuiabana*”, concomitantemente à descrição gastronômica, enfatiza-se que os respectivos pratos pertencem à gastronomia cuiabana, o que reforça ainda mais a efetivação da identidade cuiabana por meio da “boa” comida.

Sobre atitudes linguísticas Pedroso (2018), faz a seguinte explanação:

Sentimentos e reações são aprendidos através dos princípios da associação e satisfação de necessidades. Desse modo, enquanto as atitudes positivas se desenvolvem quando as associamos a um fato agradável, as atitudes negativas se desenvolvem na associação a episódios e fatos decepcionantes. “Assim, evitam-se pessoas ou coisas associadas a episódios desagradáveis e aproxima-se das associadas com acontecimentos agradáveis” (BOTASSINI, 2013, p. 60). Ao evitar pessoas e situações, estamos satisfazendo nossas necessidades. Já o princípio da transferência ocorre quando transferimos características de outras pessoas para nós. A respeito dos dois últimos princípios, não são todas as atitudes que incorporamos, mas somente aquelas que nos parecem adequadas. Nesse sentido, ocorre o princípio da satisfação de necessidades quando selecionamos as atitudes que são propícias para nós. Nessa perspectiva, Lambert destaca a influência de pais, professores, familiares e amigos na formação das atitudes, explicando que esses são indispensáveis na constituição das mesmas. (PEDROSO, 2018, p. 39)

Neste sentido, concordamos com o posicionamento da pesquisadora, pois percebemos na afirmação: **comida boa é comida cuiabana** uma atitude positiva da compositora em relação à culinária local, bem como das associações culturais difundidas na composição, nas quais ela posiciona-se favoravelmente diante de diferentes aspectos pertencentes à identidade cuiabana, dos quais podemos mencionar o falar e expressões regionais descritos, a menção aos costumes regionais cuiabanos, etc.

Fatores evidenciados por Ana Rafaela em uma entrevista concedida ao programa Da Hora na TV Assembléia MT²⁶ e dentre os assuntos abordados estavam suas trajetórias musicais e sua relação com Cuiabá-MT, desse modo, trouxemos fragmentos em que ela apresenta um ponto de vista favorável acerca de Cuiabá-MT e da cultura regional.

²⁶ Entrevista disponível no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gZkblcFRqMM>.

Sobre seu posicionamento, observamos que ao ser indagada sobre sua relação com Cuiabá ela expressa satisfação e orgulho por ser legitimamente cuiabana, fato evidenciado no seguinte fragmento:

A minha relação com Cuiabá é muito legítima porque eu sou daqui, eu amo a comida daqui, as pessoas daqui, as paisagens, né, o jeito nosso, o nosso jeitinho de falar, de receber as pessoas, de fazer amizade, cuiabano parece um imã, cê do outro lado do mundo, você vê um cuiabano cê “djá adjodja” já junta, então é muito bom ser cuiabana, eu tenho muito orgulho disso, aonde eu vou, eu falo que sou cuiabana a galera já abre o sorriso pra mim porque sabe da nossa fama, assim, né, de ser genti boa. (Ana Rafaela, Entrevista disponível no *Youtube*)

Na sequência a artista é questionada sobre o que mais gosta em Cuiabá, em resposta ela diz que:

A comida, a comida é o que eu mais gosto de Cuiabá, o que mais me conecta com minha infância, minha família, eu realmente me emociono, assim, com a comida. Quando eu tava morando em São Paulo, fiquei 4 anos morando em São Paulo, eu vim em maio de 2021, né, pra cá de volta, cara comer a farofinha de banana, comer o peixinho na bera do rio pra mim é, assim, o que me faz mais cuiabana e é o que eu quero mostrar quando alguém vem de fora, algum músico de fora, algum artista, não sei, alguma pessoa que eu tô conhecendo e querendo mostrar sobre Cuiabá, eu vô leva ela pra comê “petchinho na bêra do riu”, ave Maria pra mim, não sei, é o que traz a raiz, a lembrança mais afetiva, mais afetiva. E o palavreado também, o sotaque cuiabano é muito, a minha família inteira por parte de pai, né, é fala muito cuiabano, muito, muito puxadinho, assim. (Ana Rafaela, Entrevista disponível no *Youtube*)

Como podemos averiguar na resposta obtida pelo jornalista Claudio de Oliveira, a cantora inicia sua fala demonstrando extremo afeto com relação a comida regional, chegando ao ponto de dizer que se emociona ao falar sobre o assunto, ao passo que menciona também o falar cuiabano, desse modo, ela recorre à alguns termos para inferir ao falar local, tais como, “palavreado”, “sotaque”, “muito cuiabano” e “puxadinho”.

Sobre o assunto Bagno (2017) evidencia que

O acento, portanto, é a maneira como cada falante “canta” a sua língua, de acordo com a “melodia” de sua região, de sua classe social ou de sua etnia. Decerto por isso é que, ao se falar do sotaque de alguém ou de algum grupo, é comum usar os adjetivos “cantado”, “cantarolado” e semelhantes para designar o traço prosódico característico dessas pessoas. (BAGNO, 2017, p. 443)

Nesse contexto, compreendemos que ao mencionar os termos ela está se referindo aos traços suprasegmentais do falar cuiabano, ou seja, os traços prosódicos que caracterizam esse falar diferindo-os das pessoas pertencentes aos outros grupos. Em tom de brincadeira o jornalista Claudio de Oliveira rebate a fala da cantora e diz: “Mas agora de quê, cê num tem

sutaqui”. Considerando que a palavra “sotaque” apareceu duas vezes durante a entrevista (a primeira vez na fala da artista e a segunda na fala do jornalista), pensamos ser pertinente apresentarmos a acepção de “sotaque”.

Para Bagno (2017):

Os sotaques são as manifestações mais imediatas da identidade linguística dos falantes. Ao abrir a boca para falar, todo e qualquer locutor, de toda e qualquer língua do mundo, exhibe os traços segmentais e suprasegmentais característicos de sua variedade linguística, de sua região, de sua classe social etc. São poucas pessoas que conseguem, por uma aptidão natural ou por esforço consciente, “falar sem sotaque” – uma expressão que, embora muito usada é uma contradição em termos. Afinal, quando se diz que alguém, ao falar sua língua, fala “sem sotaque”, o que se está realmente querendo dizer é que essa pessoa fala de um modo mais próximo do sotaque que, por razões exclusivamente históricas e socioculturais, se transformou numa fala “neutra” da língua nacional. (BAGNO, 2017, p. 443)

Durante a entrevista a cantora fala muito sobre a cultura cuiabana e demonstra orgulho por fazer parte desse grupo, fatores que indicam seu posicionamento positivo com relação a cultura local, todavia em grande parte da conversa ela utilizou a fala considerada “neutra” para responder aos questionamentos e até esse ponto da entrevista havia inserido o falar cuiabano de forma esporádica em seu repertório linguístico, fato que mudou com essa provocação, pois em resposta trouxe diferentes expressões desse falar, como podemos observar no seguinte fragmento.

Agóra cuándo é porque djá sô geração nova, né, mas minha madrinha tudo esse ela fala, assim, “boom dia Ana, Ana Rafaela”, minhas tias avós elas falam, assim, e se eu não me policio eu fico falando bem cuiabanês, “agora cuándo”, “inda mais quando tô londge eu quero mostra prô povo como que é, ave Maria”, “eh, ah!”, “ah, humm”, “bamburrei”, “comi a ufã”, “tô até na tampa”, “tchá por Deus”. (Ana Rafaela, Entrevista disponível no *Youtube*)

Notamos aqui, a identidade cuiabana sendo manifestada por meio dos sotaques regionais, haja vista que a cantora reforçou os traços prosódicos tão marcantes do falar cuiabano para demonstrar ao jornalista que ela tem sim o sotaque e como argumento para o fato de não utilizá-lo o tempo todo, ela pontua que já faz parte de uma nova geração e apesar disso, convive com as variantes regionais em seu seio familiar e se não se policiar fica falando o cuiabanês, diz ainda que quando está longe de Cuiabá-MT, faz questão de mostrar como são os traços desse falar para as pessoas de fora.

A terceira pergunta direcionada a Ana Rafaela sobre sua relação com Cuiabá foi a seguinte: Se você tivesse uma varinha de condão e pudesse mudar uma coisa em Cuiabá, o que você mudaria? Como resposta Ana Rafaela disse que:

Mais amor a cultura mesmo, esse incentivo a cultura cuiabana, ao rasqueado, ao siriri, ao cururu, ao sotaque, essa coisa de você num tolir a criança que

fala o cuiabanês, o sotaque porque é isso que é o bonito, a beleza é a preservação da história porque agente o jovem ele num, não vejo pelo menos, não sei se estou falando besteira, mas eu não vejo o jovem engajado em manter, em ser mantenedor dessa cultura, né, eu enquanto musicista, compositora, cantora eu tento sempre trazer o rasqueado e principalmente se aproximando do aniversário de Cuiabá. (Ana Rafaela, Entrevista disponível no *Youtube*)

É salutar pontuar a fala da artista, uma vez que ela retoma assuntos interessantes sobre a cultura regional, cuja postura evidencia preocupação pelo fato dos jovens serem desinteressados na manutenção do falar cuiabano, bem como aponta que os adultos também são responsáveis por esse processo de desaparecimento/apagamento, pois ao tolher a criança que usa o repertório local acaba por desmotivá-lo na preservação e disseminação das variantes cuiabanas.

Outro aspecto mencionado por ela é o incentivo a cultura local, haja vista que Cuiabá-MT possui uma cultura diversificada, com destaque para o siriri, o cururu e o rasqueado elementos que também foram mencionados na música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”, neste sentido mantêm-se o posicionamento identitário marcado por meio dos elementos tradicionais que as representam, os quais a cantora fez questão de destacar e demonstrar o quanto são significativas para ela.

Retomando as considerações referentes a música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”, percebemos que instrumentalização é outro diferencial desta composição, já que inseriram os instrumentos regionais na música, dos quais podemos mencionar a presença do ganzá/reco-reco e da viola de cocho, a escolha desses instrumentos, em detrimento de outros existentes, é indicativo de uma atitude positiva com relação às tradições locais, fator reforçado pela inserção de um trecho do siriri, como podemos verificar no seguinte trecho: **Nandaia, nandaia, Vamos todos nandaia! Seu padre, vigário venha me ensinar dançar.**

O siriri é um ritmo musical, cujo arranjo é tipicamente cuiabano, desse modo, é perceptível que a menção ao siriri na composição e na entrevista está atrelada ao sentimento de pertencimento e satisfação da compositora por fazer parte desse grupo social. Considerando a estruturação musical e em virtude do aniversário de Cuiabá, instaura-se a identidade cuiabana por meio das melodias, ritmos e instrumentos que representam a cultura local.

Diante de todas as descrições realizadas e da entrevista, constatamos que a presente música abarca nuances identitárias que designam o ser cuiabano por meio de diferentes descrições feitas. Observamos que, nesse caso houve uma preocupação da compositora e intérprete em selecionar as músicas e, por meio delas, difundir, valorizar e preservar, tanto os

usos linguísticos, quanto mostrar as diversidades culturais e gastronômicas cuiabanas, traços típicos do gênero musical rasqueado.

Sobre esse aspecto, Ariano (2002), faz as seguintes considerações:

O *rasqueado* vive, sobretudo, a exaltar a região: situações ou pessoas, as frutas mais comuns, a culinária *típica*, figuras antológicas da cidade, os becos que caracterizam Cuiabá como colonial, costumes e tradições locais. Enfim, tornou-se um canal de expressão do sentimento de identidade regional. A maior parte das pessoas interessadas na manutenção de uma especificidade do modo de ser cuiabano usa, como meio de difusão destes símbolos, o *rasqueado*. (ARIANO, 2002, p. 103-104, *grifos da autora*.)

Em suma, observamos por meio da composição e da entrevista que a artista demonstra satisfação, respeito e preocupação com relação à preservação das tradições locais, propiciando ao ouvinte um sentimento de pertencimento e valorização da cultura e língua local por meio da música.

A seguir apresentamos a tabela 17, em que destacamos os usos linguísticos selecionadas na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”:

Tabela 17 - Realização dos usos linguísticos na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Nome da Música/Compositor	Usos linguísticos selecionados	Realizações linguísticas
“Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” (Ana Rafaela)	“Bánána, cuiabána”	A vogal central baixa [a] em ambiência nasal;
	“Tchá, dgenti, petchê, fedjão, tchupá, cadjú”	A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ];
	“Comê, passêa, tomá, tchupá, clariá, nandaiá, benzê”	O apagamento do [r] no final de palavras;
	“Tchá por Deus, de que que esse, votê, cruz credo, terás eu quiço povo meu?, nandaia, êta guri pestiado, leva pá benzê, cachimbocó”.	Expressões lexicais cuiabanas.

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 17 traz as diversidades linguísticas cuiabanas apresentadas na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”. Aqui destacam-se as seguintes realizações:

3.4.1 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Assim, como na composição apresentada anteriormente, este fenômeno fonológico também ocorrerá na letra desta música, na qual, evidenciaram-se nos vocábulos bⁿána > banana e cuiabana > cuiabana.

A música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” desdobra-se em várias estrofes, de modo que cada uma representa uma composição cuiabana diferente. Ressaltamos que este fenômeno fonológico ocorreu somente na segunda estrofe, nos vocábulos [bⁿána] e [cuiabána], não reiterando o uso na estrofe seguinte. Apresentamos na tabela 18, a descrição desta variante:

Tabela 18 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Banana	Bánána	[ba ⁿ a ⁿ a]
Cuiabana	Cuiabána	[kuyaba ⁿ a]

Fonte: MENDES (2023).

Conforme descrito anteriormente, e de acordo com o exposto na tabela 18, é perceptível a diferença entre a variedade padrão e a variedade cuiabana, isso porque nos vocábulos em questão deveria ocorrer a nasalização da vogal /a/, conforme o português padrão, entretanto, essa vogal acaba por realizar-se de forma oralizada.

Sobre esse fenômeno linguístico Dias (2022), faz a seguinte observação:

[...] a ocorrência desta variação se dá no contexto de núcleo da sílaba e em ambiência nasal, a qual possibilita a sílaba ter característica tônica, porém, nota-se que nos casos em que o ambiente nasal é precedido também por uma sílaba com a vogal central baixa [a], a palavra, vai se constituir por uma sílaba tônica e uma subtônica, como é o caso das palavras: zangava [‘zaⁿgava], descansado [deʃkaⁿsa‘do] e banana [‘baⁿaⁿa] (DIAS, 2022, p. 117).

Podemos observar que os dados apresentados por Dias (2022) são similares aos representados pela música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”.

Neste sentido, a presença deste fenômeno linguístico em uma música que tenciona homenagear Cuiabá e cuja letra apresenta e descreve a gastronomia, o falar e a beleza das

“moreninhas cuiabanas” tende a preservar, disseminar e valorizar a língua falada, assim como os demais elementos presentes na música que produzem o sentimento de afirmação identitária, por meio das representações do ser cuiabano.

No tópico seguinte, apresentamos a análise do uso das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”.

3.4.2 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Entre os usos linguísticos observados na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” estão as africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ]. Essas ocorrências deram-se nos vocábulos, tchupá > chupar, cadjú > caju, tchá > **, dgente > gente, petchê > peixe e fedjão > feijão.

Apresentamos a tabela 19, com a descrição deste fenômeno:

Tabela 19 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Chupar	Tchupá	[tʃuˈpá]
Caju	Cadju	[kaˈdʒu]
**	Tchá	[dʒá]
Gente	Dgenti	[dʒeNti]
Peixe	Petchê	[petʃe]
Feijão	Fedjão	[fedʒãw]

Fonte: MENDES (2023).

De acordo com a tabela 19, os usos das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ] na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”, apresentam-se como um marcador linguístico. Neste sentido, acreditamos que a preferência por inserir essa variante nas composições que representam Cuiabá – MT estão atreladas ao posicionamento afirmativo dos compositores em relação ao que é considerado elemento que caracteriza os cuiabanos, neste caso a fala.

Ao mencionar as características do rasqueado, Ariano (2002) destaca que:

Outro símbolo da cuiabania constantemente lembrado nos rasqueados é o “falar cuiabano”. Objeto de inúmeros estudos linguísticos que visam estabelecer a origem de sua marca distintiva principal que é a presença das

fricativas tche e dje e a troca do l pelo r, quando esta letra é precedida por uma consoante, possui uma proximidade com o falar caipira presente no interior de São Paulo e do norte do Paraná. Assim muitas palavras do “cuiabanês” não são estranhas para quem viveu naqueles lugares. Tal fato se deve a colonização do Mato Grosso ter sido empreendida por paulistas, assim como o norte do Paraná. (ARIANO, 2002, p. 113-114)

Como pontuado por Ariano (2002), os rasqueados costumam enfatizar o falar cuiabano e a partir dos nossos resultados concordamos com as ponderações feitas por ela. Verificamos que todas as composições em estudo apresentaram em suas letras o uso das africadas que é um fenômeno do rasqueado representante da cultura e do falar local e presente nas composições em destaque. Por este motivo, consideramos as africadas símbolo da identidade cuiabana no rasqueado. Todavia, estudos recentes apontam uma possível mudança linguística em curso no falar cuiabano, em que as variantes africadas estão perdendo espaço para as fricativas.

Na música em estudo, por exemplo, temos a identidade cuiabana sendo representada por variantes linguísticas regionais, das quais podemos mencionar os usos das africadas [tʃ] e [dʒ], traço linguístico frequente nas seis composições em estudo. Podemos ver inclusive a reafirmação identitária, por meio do título da música, considerando que ela evidencia o público para quem a composição está sendo dirigida, no caso aos cuiabanos. E, ao dizer que se trata de uma homenagem a Cuiabá-MT, acaba por designar aquele falar e modo de vida como pertencentes ao lugar. Por este viés podemos compreender a inserção das africadas nesta composição que homenageia Cuiabá-MT como uma autoafirmação social e identitária.

No próximo tópico, discorreremos sobre a “O apagamento do [r] no final de palavras”, na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”.

3.4.3 O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”

A música em análise apresentou algumas ocorrências de apagamento do *r* no final de palavras. Tal fenômeno ocorreu nos seguintes lexemas, comer > comê, passear > passeá, tomar > tomá, chupar > tchupá, clarear > clariá, nandaiar > nandaiá e benzer > benzê. Na tabela 20, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 20 - O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Comer _r	ComeØ
Passear _r	PasseaØ
Tomar _r	TomaØ
Chupar _r	TchupáØ
Clarear _r	ClariáØ
Nandaiar _r	NandaiaØ
Benzer _r	BenzêØ

Fonte: MENDES (2023).

Como podemos observar na tabela 20, a música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”, apresenta o apagamento do **r** nos seguintes lexemas: no caso do verbo **comer** apresenta-se como **comê**, no verbo **passear** apresenta-se como **passeá**, **tomar** apresenta-se como **tomá**, **chupar** tornou-se **tchupá**, **clarear** ficou como **clariá**, **nandaiar** como **nandaiá** e **benzer** tornou-se **benzê**. Como podemos observar, todos os verbos estão no infinitivo.

Neste estudo, apresentamos esse fenômeno enquanto padrão regional, por ser considerado usual na baixada cuiabana e também apresentar-se em diferentes pontos do estado. Contudo, de acordo com estudos desenvolvidos, tais fenômenos linguísticos não são exclusividade do falar cuiabano, podendo também ser encontrado em diferentes regiões do país.

Sobre essa variedade linguística Bagno (2017) explica que:

[...] existe no **vernáculo** geral brasileiro uma forte tendência ao apagamento da vibrante [r] em coda silábica, mas essa tendência é condicionada por fatores linguísticos e por fatores sociais. Entre os fatores linguísticos se destaca a classe morfológica do item lexical, com uma forte predominância dos infinitivos verbais: *canta [r]*, *vive [r]*, *dormi [r]* etc., além da posição de [r] em final de palavra. Os fatores sociais que condicionam o apagamento da vibrante incluem a **classe social** e o nível de **escolarização** dos falantes: quanto mais baixo está o falante na hierarquia social e quanto menor seu nível de escolaridade, mais provável o apagamento. Entre os falantes urbanos mais letrados, o fator condicionante é o grau menor de **monitoramento** estilístico de fala, que favorece o apagamento. (Bagno, 2017, p. 135, *grifos do autor*)

Como pontuado por Bagno (2017), em muitos casos, associam-se o apagamento do **r** no final de palavras ao nível de instrução da pessoa, ou até mesmo de sua classe social, ocorrendo o preconceito linguístico, pois ao estabelecerem parâmetros de seleção e julgamento pela fala, acabam excluindo todos os que não se enquadram na categoria letrada e

abastada, fator que não parece ocorrer na comunidade em estudo, pois a presença do uso linguístico nas músicas que falam de Cuiabá - MT evidenciam isso.

Ao observarmos a representatividade dessas e de outras variedades cuiabanas presentes nas músicas em estudo, percebemos que essa variante linguística é significativa e característica da comunidade, visto que para os nativos da baixada cuiabana esse fenômeno não é sinônimo do não letramento ou de estigma, mas evidência de uma identidade construída e preservada por meio da língua falada e disseminada por meio da música.

No tópico seguinte, apresentamos as expressões lexicais presentes na música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”.

3.4.4 Expressões lexicais na música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Além dos fenômenos anteriormente expostos, a música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá” apresentou uma vasta lista de expressões lexicais, todas as características do falar cuiabano, destas algumas são mais comuns, outras nem tanto, mas juntas são representativas e corroboram a divulgação e descrição da identidade linguística local.

Levando-se em conta que as expressões descritas possuem sentidos e significados próprios e que das quais algumas são compreendidas apenas por nativos cuiabanos, consideramos ser pertinente apresentá-las e descrevê-las, conforme o cuiabanês, trazendo o sentido das expressões para os nativos da baixada cuiabana.

Na tabela 21, apresentamos as expressões expostas na música e seus respectivos sentidos:

Tabela 21 - Expressões lexicais, na música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá”

Expressões: sentidos/significados conforme o falar cuiabano	Ocorrência na Música
Expressão de espanto, questionamento.	“Que, que esse?”
Expressão de medo ou espanto.	“Votê!”
Expressão de medo ou repulsa.	“Cruz credo!”
Um modo de questionar que significa: “O que eu tenho com isso meu povo?”	“Terás eu quiço povo meu?”
“Expressão de espanto - Valha-me Deus / Só por Deus”	“Tchá por Deus”
Nandaia, palavra de origem indígena que significa “pássaro”.	“Nandaia, nandaia, vamos todos nandaia”.
Expressão que indica: menino travesso ou levado / menino que não se comporta.	“Êta, guri pestiado!”
Neste caso, a sugestão de “benzê” o menino é para tentar melhorar o seu comportamento, pois a benzedeira apanha um macinho de	“Leva pá benzê!”

arruda e um copo com água e inicia a reza em benefício da criança, enquanto por várias vezes, segue fazendo o sinal da cruz (com o galhinho de arruda em mãos sempre molhado, para isso ela mergulha o galhinho, várias e várias vezes até findar a reza). Ato tradicional em Mato Grosso, principalmente para retirar o mal olhado das crianças e afastar os maus espíritos.	
Ruído provocado por tambor musical.	Cachimbocó.

Fonte: MENDES (2023).

Como consta na tabela 21, a incidência de peculiaridades lexicais na música foi frequente. O fato de a composição ser uma junção de várias outras, cujo intuito era homenagear Cuiabá-MT, tornou-a dinâmica e diversificada. A música apresenta aspectos relevantes para o nosso estudo, tendo em vista que descrevem e ressaltam a identidade cuiabana por meio de diferentes recursos, dos quais podemos mencionar as variedades linguísticas e culturais.

Sobre esse assunto Bagno (2017) argumenta que:

A identidade é a representação social que o indivíduo constrói acerca de seus grupos de pertencimento e de referência, de maneira que se sinta incluído em certas comunidades e excluídos de outras, natural de um país (o seu) e estrangeiro nos outros, por exemplo. É uma noção que se situa no ponto de intersecção entre o campo sociológico e o campo psicológico e está relacionado com o conhecimento que o indivíduo tem de pertencer a certos grupos sociais e com o significado emocional ou valorativo que resulta desse pertencimento. (BAGNO, 2017, p. 199)

Percebe-se por meio das expressões lexicais descritas uma atitude afetiva da compositora diante da cultura cuiabana, considerando que ela demonstrou um vasto conhecimento acerca da cultura e do falar local. Seu repertório apontou o sentimento de afirmação e pertencimento com relação à comunidade cuiabana, fatores efetivados por meio da descrição gastronômica, cultural e linguística.

Como dito anteriormente, além dos fatores linguísticos, essa composição também se destaca pela inserção dos instrumentos musicais tradicionais do siriri e cururu no clipe da música, como a viola de cocho²⁷ e o ganzá²⁸, instrumentos tradicionais de grande apreço para

²⁷ Sobre a confecção da viola de cocho Silva (2012), faz a seguinte descrição: “Geralmente os próprios cururueiros são os artesãos que confeccionam seus instrumentos. A viola de cocho é feita da chimbuveira, mangueira, figueira e sarã – árvores nativas do cerrado. A chimbuva é a preferida dos fazedores do instrumento, pois é madeira macia de fácil escavação, técnica para a fabricação da viola, canoa, pilão. A chimbuveira demora de 5 a 6 anos para estar pronta para o corte e se transformar em viola, e, com uma árvore apenas, se faz uma média de nove violas. Os cururueiros preferem a chimbuveira devido à qualidade do som que a viola produz, segundo os tocadores isso se dá devido à posição das fibras da madeira. Para eles tocar viola de cocho é igual a abraçar moça bonita, por isso cantar e tocar faz deles meninos novamente” (p. 52).

os nativos locais e de grande relevância para a cultura mato-grossense. Ela apresenta também o trecho de um siriri muito conhecido em Cuiabá - MT e adjacências, tais evidências consolidam a autenticidade identitária cuiabana por meio de um aglomerado descritivo do falar e das tradições locais.

No tópico subsequente, apresentamos as ocorrências apresentadas na música “Rap do Xô Dito”, de Thiago Mourão.

3.5 Usos linguísticos na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá” (Thyago Mourão)

A Música apresentada e analisada neste tópico é de autoria e interpretação de Thiago Mourão, um comediante que utiliza a variedade cuiabana em suas composições. Suas músicas, embora engraçadas, sempre abordam como temática o linguajar cuiabano, seja para denunciar mazelas políticas, ou exaltar e tentar preservar o falar local por meio de sua arte.

Nesta música, Xô Dito (personagem criado e interpretado por Thiago Mourão) expressa sua indignação, apropriando-se da variedade linguística cuiabana para em comemoração aos 301 anos de Cuiabá, fazer duras críticas e cobranças diante do cenário político daquele momento. Não obstante, exalta a cidade e seus nativos, utiliza-se a língua neste caso como mecanismo para interagir e ser compreendido pelos cuiabanos.

Por esse motivo, torna-se compreensível a escolha desse gênero musical, pois o rap²⁹ é conhecido por ser voz das periferias e dos menos favorecidos, ao som das batidas ritmadas e dos versos ecoam denúncias e críticas sociais, posicionamento bem marcado na composição. Ou seja, as variantes descritas e a caracterização do personagem, enquanto as vozes dos ribeirinhos nativos demarcam e trazem consigo uma atitude afetiva perante a história, o falar e a cultura regional, efetivando-se não por meio de uma construção imaginária acerca do ser

²⁸ Silva (2012) segue dizendo que: “Para animar as festas, além da viola de cocho, instrumento genuinamente do pantanal mato-grossense, também acompanha os cururueiros o ganzá ou caracachá (expressão usada por Mariem, 2008), um instrumento confeccionado a partir da taboca marcada por cortes de faca em espiral e rachada para emitir o som do reco-reco tocado com o osso da costela do boi. Esse instrumento, também chamado de ganzá, emite um som alto que acompanha o ritmo da viola de cocho” (p. 52).

²⁹ Sobre o rap, Segreto (2015) apresenta as seguintes definições “o sentido de “rap” dicionarizado na língua inglesa como “bater” ou “criticar” também demonstra a íntima ligação entre a presença da fala e a presença de um discurso de protesto. Isto é, começamos a perceber que o processo figurativo, por sua proximidade em relação ao registro da língua oral, é provavelmente o mais adequado ou natural para que os MC’s possam transmitir suas mensagens. Logo, não podemos analisar o rap sem considerar de alguma maneira o seu sentido político, pois sua carga ideológica (a reclamação constante por melhores condições de vida para a população pobre) influi diretamente na constituição de sua forma artística: a pobreza de uma população fomenta a contestação e esse questionamento é mais eficiente quando realizado por meio do processo figurativo, e não a partir do uso de outros recursos como a tematização ou a passionalização. Walter Garcia já havia discutido essa questão” (p. 32-33).

cuiabano, mas através de suas vivências em comunidade. Como podemos observar na letra apresentada abaixo:

Figura 9 – Usos linguísticos na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

<p style="text-align: center;">Rap do Xô Dito para Cuiabá (Thyago Mourão)</p> <p style="text-align: center;">Salve família cuiabana! 301 ano, é tempo irmão! Tem motivo pra comemorá? Até que tem! Mas tem motivo pra tchorá também! Éh!</p> <p style="text-align: center;">Cuiabá ta compretano 301 ano. Nossa cidade é quente porque tem calô humano. O sol é de ratchá, O ceço é de fedê! Mas quem conhece aqui, defende aqui até morê!</p> <p style="text-align: center;">Eu sô cuiabano pé ratchádo Danço, lambadão e rasquiado Cururu e siriri, também são daqui A manga, o cadjú, a bocaiúva e o pequi!</p> <p style="text-align: center;">Assim, de comida eu vô falá Maria Isabel e anguzinho de fubá, Farofinha de bânána, mujica de pintado, Cabeça de pacu, pra fincá os pau rodado.</p> <p style="text-align: center;">Salve dona Belinha e xô ditado popular Assim é nossa vida na nossa Cuiabá Comendo nossa cumida e falando linguadjá E falando linguadjá!</p> <p style="text-align: center;">Quem me dera Cuiabá tivesse só notícia boa Pra eu ficá em casa só curtindo com a patroa, Mas quando eu procuro informação lá no djornal Os crime que vedjo tem alcance nacional E eles nem tão dentro do caderno policial</p> <p style="text-align: center;">É Nenél no paletó, é Silval VLT, é Riva, é Pedro Tagues, Granpeano eu e você!</p> <p style="text-align: center;">É buraco na rua, É buraco na calçada! O que era cidade verde, Hoje é cidade desmatada!</p>	<p>O prefeito diz que fez ponto de ônibus cum <i>wifi</i>, Bacana paletó, e a saúde como vai? Mauro diz que tem o regional pra levantá, Nenél tem a UPA do verdão pra inaugurá, Avisa pro Covid-19 espera!</p> <p style="text-align: center;">Aproveito essa dexâ, pra agradecê! Aos heróis da saúde, Que tão ino combate, Essa pandemia na linha de frente Cuidando dos doente, Protegendo eu e você! Enquanto agente fica assistindo da TV! Assistindo da TV!</p> <p style="text-align: center;">Eu tenho aqui, Uma missão muito importante, Alertá cada pessoa da cidade neste instante, De que o nosso presente é feito do passado! E foi nossa escolha, que dgerô resultado. Se você ta feliz e tem o que comemorá, Bacana, segue em frente, consciência no lugâ. Mas o meu sentimento é o da maioria, Que leva vida dura e que rala noite e dia! Um salve, pros artista e também pros professor Que sabe o quanto é duro ter respeito e ter valor Então eu lhes digo: Não desistam meus amigos! Por que foi por vocês que esse mundo transformou.</p> <p style="text-align: center;">Éh! Cuiabá! Vamô em frente dgente, Tentando melhorá nossa cidade Com esperança, amor e alegria sempre! É isso, aí!</p> <p style="text-align: center;">301 e ano! Parabéns, Cuiabá! Agora no presente o que eu vô comemorá, É a oportunidade que nós temo de mudá! É isso, aí!</p>
--	--

Fonte: Música disponível no *YouTube*³⁰.

O Rap do Xô Dito, apresenta variantes linguísticas típicas do falar cuiabano evidenciando um vasto repertório lexical. A letra é simples e dotada de conotações sociais, fatores perceptíveis através das críticas políticas, ao passo que demonstra respeito e admiração pelos cuiabanos, tais características são relevantes para o estudo em questão.

Sobre a estruturação da música, o rap do Xô Dito, está dividida em duas partes. Na primeira se faz uma descrição das coisas boas existentes em Cuiabá-MT e na segunda apresenta duras críticas diante do cenário político e consequente abandono da cidade, fatores que evidenciaremos na sequência.

Apesar da música em análise ser um rap, gênero musical de origem jamaicana e difundida na periferia dos Estados Unidos, ela menciona os gêneros musicais tradicionais de Cuiabá-MT, dentre os quais estão o rasqueado e o lambadão, ambos ritmos dançantes comuns na baixada cuiabana, de acordo com Ariano (2002):

Atualmente o *rasqueado* compete com outro ritmo mais recente, o lambadão, cuja origem é atribuída à vinda de garimpeiros do Pará. Com suas letras apimentadas, conforme o estilo malicioso que os meios de comunicação vêm difundindo, o lambadão, misturado ao *rasqueado*, promove uma aceleração deste último, impossibilitando a distinção, entre o *rasqueado* e o lambadão, pela maioria dos ouvintes. CARNEIRO DA CUNHA (1987:101) diz ser um dos requisitos para os símbolos de identidade fazer parte da bagagem comum aos grupos em contato, pois necessita ser compreendido, mas também, distinto para cumprir seu papel de marca diacrítica. (ARIANO, 2002, p. 105, *grifos da autora*)

Como evidenciado por Ariano (2002), os ritmos descritos no rap estão presentes e fazem parte da vivência na cuiabania, todavia, apesar de sempre serem comparados, por serem ritmos dançantes, apresentam temáticas diferenciadas. Enquanto a cultura regional cuiabana é tema no rasqueado, cuja letra reflete os cuiabanos, seu modo de vida e cultura, o lambadão apresenta outras demandas, como casos de amor ou até mesmo letras com duplo sentido, o que traz certa conotação sexual à música. Atualmente suas letras são versões do sertanejo universitário, em ritmo de lambadão.

No rap do Xô Dito, ainda são mencionados pelo compositor, outros dois ritmos cuiabanos: o siriri e o cururu. Sobre o siriri Ferreira (2001) faz as seguintes considerações:

³⁰ Transcrição feita pela autora, a partir do vídeo disponibilizado no *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TOPzFRuLRuY>>.

O siriri é uma dança das mais populares do folclore mato-grossense, praticada especialmente nas cidades e na zona rural da baixada cuiabana, fazendo parte das festas de batizados, casamentos e festejos religiosos. É uma dança que lembra os divertimentos indígenas. Segundo a pesquisadora Julieta de Andrade – “... siriri é uma suíte de danças de expressão hispano-lusitana, fortemente culturada no ritmo e no andamento, com expressão africana” [...] Os instrumentos musicais usados no acompanhamento da dança são basicamente a *viola de cocho*, o *cracachá (ganzá)* e o *mocho ou tamboril*. (FERREIRA, 2001, p. 210)

Como mencionado por Ferreira (2001), o siriri é conhecido como uma dança mato-grossense, isso porque suas manifestações podem ser encontradas em outras cidades do estado. Sua importância e significado para as comunidades locais são notáveis, pois elas são tradicionais e representam a identidade regional. Outra manifestação cultural que faz parte das vivências cuiabana é o cururu, sobre esse assunto Ferreira (2001) diz que:

O cururu é o canto primordial do folclore mato-grossense. A cantoria do cururu se classifica como sacra e profana. A sacra, também chamada de função ou porfia, geralmente acontece após as orações aos santos de devoção popular e tem o objetivo de louvar ou homenagear aquele determinado Santo. A profana é aquela acompanhada pelos desafios e versos dos trovadores, por trovas de amor e uma variada coriografia totalmente masculina. “...o cururu, na cuiabana, é dança de roda, só para homens, ao som de desafio cantado, com acompanhamento instrumental”; é função do *cururu*. (FERREIRA, 2001, p. 210, grifo do autor)

Apesar de ser um ritmo de origem paulista, em Mato Grosso apresenta características diferenciadas, e por esse motivo tem sua identidade reivindicada pelos cuiabanos como um gênero musical tipicamente mato-grossense, pois os novos contornos dados ao cururu no estado lhe fornecem autonomia autoral, “enquanto, para o paulista, o Cururu de Mato Grosso é algo primitivo e de origem paulista, para o mato-grossense, o Cururu é originalmente da baixada cuiabana” (Silva, 2012, p. 49).

Após fazer a descrição das músicas que representam Mato Grosso, o compositor fala também das frutas típicas do estado como **a manga, o cadjú, a bocaiúva e o pequi**. Descreve também a gastronomia local, mencionando a **Maria Isabel, o anguzinho de fubá, a farofinha de bânána, a mujica de pintado, e a Cabeça de pacu**, pra fincá os pau rodado³¹”, como pode ser visto, a última menção feita pelo compositor apresenta um mito regional sobre

³¹ De acordo com Ariano, “A classificação de *pau-rodado* orienta-se por uma lógica oposta. O *pau* é *rodado* e continua rodando, porque o sentido agregado a essa categoria é o de quem tira proveito e vai embora, minando o progresso local, em uma época em que se tinha uma visão idealizada do progresso; não se conheciam os malefícios que com ele viriam. Cada partida testemunhava o *desamor com a cidade*. Partia quem não apreciava viver ali. Figura de linguagem, *Pau-rodado* é também uma categoria cunhada a partir da observação do rio pelo homem. Troncos de árvores na época das cheias são levados pela correnteza, rio abaixo, vindos de outras regiões. Flutuam sobre as águas do rio, mas são um elemento estranho a ele” (ARIANO, 2002, p. 119).

a cabeça do pacu. Para os nativos a cabeça do pacu é uma iguaria regional. De acordo com Ariano (2002) para os cuiabanos:

Há uma identificação com o pacu - manifestada no mito de que o consumo de sua cabeça promove a aceitação da vida no lugar, na consideração do tipo físico característico cuiabano como descendente de pacu e na admissão deste como o mais saboroso peixe – que pode ser interpretada como formas de expressão da integração do homem com o rio. (ARIANO, 2002, p. 119)

Ou seja, conforme a tradição local, “o pau rodado” só é inserido na comunidade a partir do momento em que consome a cabeça do pacu, ao partilhar desse costume a pessoa vinda de fora passa a ser aceita pela comunidade, como se o ato de comer a cabeça de pacu fosse um rito de inserção na comunidade. Na sequência, podemos observar que o compositor menciona dona Belinha, cuiabana defensora da cultura e identidade regional, inclusive a primeira música analisada neste estudo é de sua autoria.

Desse modo, é possível observar o posicionamento do compositor diante da cultura local, pois sua atitude em defesa de Cuiabá-MT se expressa no seguinte fragmento “Mas quem conhece aqui, defende aqui até morê!”, denota um sentimento de cuidado e orgulho, fator que fica ainda mais nítido ao ressaltar as qualidades da cultura cuiabana, ou seja, seus apontamentos positivos sobre a cultura cuiabana expõem o sentimento de afeto frente aos costumes e tradições locais.

Segundo Amâncio (2007),

De acordo com Kramsch (2003: 3), a língua expressa, engloba e simboliza a realidade cultural. *Language expresses cultural reality*, seja porque ela permite a expressão de fatos, idéias ou eventos que só são comunicáveis porque se referem a uma série de conhecimentos compartilhados pelas pessoas, seja porque as palavras têm o poder de manifestar atitudes, crenças e pontos de vista em relação aos outros. *Language embodies cultural reality* através de seus aspectos verbais e não-verbais, que são compreensíveis ao grupo no qual o falante se inseri. E, por fim, *Language symbolizes cultural reality*, pois os falantes se identificam e identificam os outros através da língua, ou seja, a língua é vista como um símbolo de sua identidade social. Estas considerações têm ligação essencial com os conceitos de atitudes e identidade linguística. (AMÂNCIO, 2007, p. 41)

Considerando os apontamentos feitos por Amâncio (2007), inferimos que o compositor ao inserir as variantes cuiabanas em sua composição faz uma imersão simbólica na cultura cuiabana por meio da fala, e assim tem voz, pois sua indignação acerca das mazelas políticas e sociais não são aleatórias, elas se manifestam por meio de um vasto conhecimento acerca das diversidades culturais e linguísticas, conhecimento esse que só é possível com a vivência em comunidade.

No penúltimo parágrafo ao concluir sua mensagem, o compositor expressa mais uma vez o sentimento de amor e esperança por dias melhores para os cuiabanos, conforme exposto no seguinte fragmento: “Éh! Cuiabá! Vamô em frente dgente, Tentando melhorá nossa cidade Com esperança, amor e alegria sempre!”, percebemos uma atitude afetiva e comportamental do compositor com relação ao falar e cultura regional, tendo em vista que o Xô Dito aponta as coisas boas de Cuiabá-MT, ao passo que manifesta esperança por dias melhores.

Como descrevemos anteriormente, na primeira parte da música o compositor apresenta apenas coisas boas da cultura cuiabana, como a diversidade musical e a gastronomia. Na sequência inicia suas críticas ao governo e a respectiva má administração pública, onde segundo ele os maiores prejudicados são os cuiabanos. Para isso o compositor apresenta toda a sua indignação por meio da música, e, para se expressar utiliza o falar cuiabano. Com intuito de ser ouvido, compreendido e representante da comunidade insere em seu repertório um vasto arsenal de variantes regionais, como podemos verificar nas análises seguintes.

Neste sentido, apresentamos a tabela 22, com os usos linguísticos selecionados na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”:

Tabela 22 - Realização dos usos na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Nome da Música/Compositor	Usos linguísticos selecionados	Realizações linguísticas
“Rap do Xô Dito para Cuiabá” (Thiago Mourão)	“Tchorá, ratchá, ratchádo, cadjú, linguadjá, djornal, vedjo, dgerô, dgente”	A realização das africadas [ʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ];
	“Bánána, compretánu”	A vogal central baixa [a] em ambiência nasal;
	“Xô Dito”, “Xô ditado popular”	Xô como pronome de pessoal tratamento e a forma Xô como pronome possessivo;
	“Comemorá, calô, fedê, falá, fincá, ficá, levantá, inaugurá, agradecê, alertâ, lugâ, melhorâ, muda, espera”	A apócope do [r] no final de palavras;
	“Compretánu, morê”	Rotacismo e redução da palavra e o R retroflexo;
	“Vamô em frente dgente”, “Os crime que eu vedjo”, “Cuidando dos doente”, “301 ano”, “Os pau rodado”, “um salve, pros artista”, “E também, pros professor”	Ausência do plural;

	“Ceço”, “Pau rodado”, “O sol é de ratchá”, “Cuiabano pé ratchádo”, “Cabeça de pacu, pra fincá os pau rodado”.	Expressões lexicais mato-grossenses.
--	---	--------------------------------------

Fonte: MENDES (2023).

Na tabela 22, podemos observar as descrições dos usos linguísticos típicos do falar cuiabano. Na sequência apresentaremos cada acontecimento linguístico de forma isolada. Iniciaremos nossa abordagem com as realizações das africadas [tʃ] e [dʒ] no contexto musical:

3.5.1 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ], na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Dos fenômenos com maior recorrência de uso nas composições apresentadas nesta pesquisa, estão as realizações das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], no “Rap do Xô Dito para Cuiabá”, não poderia ser diferente, entretanto, das músicas até aqui apresentadas, as deste compositor foram as que apresentaram maior incidência deste fenômeno. Neste sentido, as africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], no “Rap do Xô Dito para Cuiabá”, deram-se nos seguintes vocábulos, tchorá > chorar, ratchá > rachar, ratchádo > rachado, cadjú > caju, linguadjá > linguajar, djornal > jornal, vedjo > vejo, dgerô > gerou e dgente > gente.

Dada à usualidade deste fenômeno nas músicas selecionadas, ponderamos ser válido, considerá-las como um marcador identitário do falar cuiabano, já que este é um dos usos mais representados nas composições que descrevem esse falar.

Apresentamos na tabela 23, a descrição deste fenômeno:

Tabela 23 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ], na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Chorar	Tchorá	[tʃorá]
Rachar	Ratchá	[raʃá]
Rachado	Ratchádu	[raʃádu]
Caju	Cadjú	[kadʒu]
Linguajar	Linguadjá	[li ^h guadzá]
Jornal	Djornal	[dʒornal]
Vejo	Vedjo	[vedʒo]

Gerou	Dgerô	[dʒerô]
Gente	Dgente	[dʒe ⁿ te]

Fonte: MENDES (2023).

Conforme exposto na tabela 23, as africadas [tʃ] e [dʒ] ocorreram em tchorá > chorar, ratchá > rachar, ratchádo > rachado, cadjú > caju, linguadjá > linguajar, djornal > jornal, vedjo > vejo, dgerô > gerou e dgente > gente e como os demais usos descritos na música, os aqui delineados surgem como símbolos linguísticos do falar cuiabano, pois, como podemos constatar o Rap do Xô Dito foi abertamente direcionado para Cuiabá-MT, neste aspecto por meio do próprio título da música podemos verificar de onde se apresenta e para quem se dirige o referido Rap, ou seja, os cuiabanos.

Sobre as variantes linguísticas como marca identitária, Bortoni-Ricardo (2014), exemplifica que:

Para ilustrar como a variação linguística é uma marca identitária que define grupos sociais, étnicos e até políticos, vamos nos reportar a outro episódio bíblico no Livro dos Juizes (capítulos XI e XII). Quando o povo judeu chegou à Terra Prometida, já liderado por Josué, após a morte de Moisés, enfrentou muita disputa por terra. Havia, por esse tempo, um homem chamado Jefté, que era gileadita, a cidade de Gileade. Esse homem liderou diversas batalhas pela posse do território, enfrentando entre outras uma sedição em Efraim. Para combatê-la, convocou os guerreiros de Gileade e conquistaram os vãos do Rio Jordão. Tinham eles, então, de controlar a passagem dos fugitivos de Efraim. Quando esses chegavam, perguntavam-lhes os de Gileade: “Acaso és tu efrateu?”. Se respondessem: “Não sou”, os gileaditas lhes ordenavam que pronunciassem a palavra “*shibolet*”, que significa “espiga”. Não conseguiam, contudo, os efrateus, pronunciar como palatal o primeiro segmento consonântico da palavra, certamente porque tal fonema não estava presente em seu repertório fonológico. Pronunciavam-no como alveolar: “sibolet”, identificando-se, assim, como inimigos. Os gileaditas, diante dessa evidência, os degolavam. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 26-27)

Como exemplificado por Bortoni-Ricardo (2014), desde o princípio a língua é utilizada como marcador identitário, ou seja, no passado em algumas comunidades as variações linguísticas eram utilizadas para identificar os inimigos invasores, neste sentido o uso da variante significava vida ou morte para o falante. Nesse contexto a presença da variante era determinante para distinguir quem era pertencente à comunidade ou não.

Atualmente também é possível observarmos a identidade sendo definida pela língua, apesar de hoje não significar vida ou morte, ela permanece sendo utilizada como símbolo para distinguir os falantes como sendo ou não pertencentes a determinados grupos sociais.

Sucessivamente, discorreremos sobre o uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”.

3.5.2 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Como dito anteriormente, o uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal é um fenômeno comum em Cuiabá. Na música em questão, os respectivos fenômenos fonológicos incidiram-se nos vocábulos b^ánána > banana e completánu > completando, indubitavelmente este uso também é uma referência identitária do falar cuiabano.

Apresentamos na tabela 24 a descrição deste fenômeno:

Tabela 24 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Banana	Bánána	[ba ⁿ a ⁿ a]
Completando	Compretánu	[ko ⁿ pretánu]

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 24 mostra a existência de uma diferença expressiva entre as formas de uso apresentadas na música, já que a vogal /a/ nos léxicos **banana** e **completando** poderiam ser nasais, conforme o português padrão, porém isso não ocorre no cuiabanês. E a frequência de uso da variante, nas composições, faz com que esse fenômeno possa ser considerado um marcador representativo do falar local, pois designa o cuiabano por meio de sua fala, ou seja, este é um marcador linguístico que distingue os cuiabanos dos brasileiros das demais regiões do país. Em seu estudo desenvolvido na baixada cuiabana, Santiago-Almeida (2009), discorre sobre as vogais do falar ribeirinho. Neste direcionamento, sobre a vogal /a/ ele faz as seguintes observações:

Um grande número de falantes tende ao alongamento e à manutenção do timbre aberto dessa vogal, neutralizando assim sua eventual nasalidade. Isso ocorre em contexto idêntico ao descrito quando tratamos do *a* oral tônico. Aqui também se trata de um recurso estilístico, em que a palavra é afetada de um valor expressivo para conotar a sua intensidade no discurso [...] Esses exemplos provam que também no Brasil, pelo menos na área estudada, podemos registrar a oposição do timbre aberto e fechado na vogal *a* seguida de consoante nasal. Fato que não é assim tão reconhecido. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 84 e 85)

Respectivamente, a inserção das variantes fonológicas em uma música escrita com intuito de homenagear e, ao mesmo tempo, criticar as mazelas políticas dispersadas contra os

cuiabanos, acaba por preservar, disseminar e valorizar a língua falada, tendo em vista que a composição pode ser compreendida pelos cuiabanos nativos.

Na sequência, apresentamos a forma **Xô** como pronome pessoal de tratamento e como pronome possessivo, na música “Rap do **Xô** Dito para Cuiabá”.

3.5.3 A forma **Xô** como pronome pessoal tratamento e como pronome possessivo, na música “Rap do **Xô** Dito para Cuiabá”

O “Rap do **Xô** Dito para Cuiabá” apresenta a expressão **Xô** tanto para inferir a **senhor**, quanto para indicar o pronome possessivo **seu**, neste sentido, consideramos que tais usos vieram representar exatamente o falar local, pois ao expor as respectivas formas linguísticas evidenciaram-se o público a ser atingido por sua música.

Apresentamos na tabela 25, a descrição deste fenômeno:

Tabela 25 - A forma **Xô** como pronome de tratamento e como pronome possessivo, na música “Rap do **Xô** Dito para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
“Rap do <i>senhor</i> Dito para Cuiabá”	“Rap do <i>xô</i> Dito para Cuiabá”
“Salve dona Belinha e <i>seu</i> ditado popular”	“Salve dona Belinha e <i>xô</i> ditado popular”

Fonte: MENDES (2023).

Na tabela 25 constam os usos de **Xô** para designar **senhor**, bem como a utilização deste mesmo termo para inferir ao pronome possessivo **seu**. Salientamos que essa forma linguística não é uma invenção do compositor, mas um uso comum nas cidades mais antigas do Estado, ao passo que tais formas apresentam-se como um símbolo linguístico, essa variante é mencionada nos estudos desenvolvidos por Reis (2020), conforme a pesquisadora “Tcha/tcho = Pronome possessivo adjetivo equivalente a seu/sua/senhor (a). Exemplo: “Tcha (=sua) casa”. “Tcho (=seu) pai e tcha (=sua) mãe”. “A tcha (senhora) Ana mora dotru ladu da rua”” (p. 116-117).

Os exemplos descritos por Reis (2020) foram coletados na cidade de Cáceres – MT durante sua pesquisa, sendo assim, esse traço linguístico não é exclusivo do falar cuiabano, pois o uso apresenta-se no repertório linguístico de outras cidades do Alto Pantanal mato-grossense, considerando tais aspectos, entendemos que as variações correspondentes ao fenômeno demarcam uma aproximação entre compositor e ouvinte por meio do repertório regional selecionado.

Outros aspectos importantes sobre as variantes serão detalhados na seção 4 deste estudo. Na oportunidade apresentaremos ainda algumas pesquisas desenvolvidas na região e que descrevem este fenômeno, produções essas que embasam e demonstram especificidades deste uso.

Na subseção seguinte, ponderaremos sobre a “apócope do [r] no final de palavras” na música, “Rap do Xô Dito para Cuiabá”.

3.5.4 O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Ressalvamos que na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”, houve a frequência da supressão do *r* no final dos verbos, tais usos sobrevieram em comemorar > comemorá, calor > calô, feder > fedê, falar > fala, fincar > fincá, levantar > levantá, inaugurar > inaugurá, agradecer > agradecê, alertar > alerta, lugar > lugá, melhorar > melhorá, mudar > mudá.

Os usuários destes fenômenos, por muito tempo, foram conceituados como caipiras, contudo na atualidade este cenário vem se modificando, podendo ser encontrados em grandes dimensões no falar de diferentes regiões brasileiras. Tal fato fez com se tornasse usual no falar. Na tabela 26, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 26 - O apagamento do [r] no final de palavras, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Comemorar _r	ComemoráØ
Calor _r	CaloØ
Feder _r	FedêØ
Falar _r	FalaØ
Fincar _r	FincáØ
Ficar _r	FicáØ
Levantar _r	LevantáØ
Inaugurar _r	InauguraØ
Agradecer _r	AgradecêØ
Alertar _r	AlertaØ
Lugar _r	LugáØ
Melhorar _r	MelhoráØ
Mudar _r	MudáØ

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 26 apresenta a supressão do *r* em diferentes verbos. Consideramos o fenômeno na língua falada, enquanto padrão regional, por ser visto como usual e se apresentar em diferentes pontos do estado, tanto em áreas urbanas, quanto nas rurais, ou seja, deixou de

ser apontada como uso exclusivo das comunidades rurais ou de pessoas sem escolarização. Tais mudanças ocorreram gradativamente com o decorrer do tempo.

No tópico adjacente, apresentamos o Rotacismo, a redução de palavra e o R retroflexo, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”.

3.5.5 O rotacismo a redução de palavra e [R] retroflexo, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Dentre as variedades representadas na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”, estão as seguintes: “o rotacismo, a redução de palavra e o uso do [R] retroflexo. Tais fenômenos ocorreram em: completando > compretanú e morrer > more”. As referidas formas linguísticas são usuais e habitualmente apresentam-se no falar de diferentes grupos sociais, entretanto dos usos apresentados acima, o [R] retroflexo costuma apresentar-se em maior incidência no falar dos mais velhos, enquanto o rotacismo e a redução de palavras são fenômenos usuais no falar de diferentes faixas etárias.

Na tabela 27, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 27 - Rotacismo, redução de palavra e o R retroflexo, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Comple <u>tando</u>	Compretan <u>Øu</u>
Morr <u>er</u>	Mor <u>ØeØ</u>

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 27 contém parte dos usos encontrados na música “Rap do Xô dito para Cuiabá”. Nela podemos constatar a presença do rotacismo no léxico **compretánu**, como podemos verificar, neste caso insurgiu a troca do **l** pelo **r** no léxico, além do rotacismo este mesmo vocábulo apresentou ainda a redução de letra, ou seja, suprimiram a letra **d** da palavra e houve também a troca da vogal **o** por **u**. Neste sentido, o padrão deste léxico seria **completando**, fato que não ocorre na composição.

Com relação ao uso do [R] retroflexo, também é perceptível a diferença de sons entre **morrer** e **morê**, tais formas, tanto o rotacismo quanto o uso do [R] retroflexo, foram por anos estigmatizados e considerados característicos do falar caipira, de acordo com Bagno (2017),

O estudo pioneiro dessas variedades foi a obra de Amadeu Amaral, que publicou em 1920 seu livro *O dialeto caipira*. O traço mais característico desse dialeto – e de fato seu estereótipo – é a pronúncia do [ɹ], chamado “R

retroflexo” ou, mais comumente “R caipira” [...] Já em 1920, Amaral previa a extinção do dialeto caipira devida à urbanização crescente da população rural e ao contato com a cultura moderna. A previsão se cumpriu em grande parte. No entanto, o [ɹ] permanece praticamente intacto: até pouco tempo alvo de estigmatização e deboche, foi assumido por seus usuários como marca de identidade regional, graças à transformação das zonas dialetais “caipiras” em importantes regiões produtoras de riqueza agrícola e industrial (BAGNO, 2017, p. 40)

No passado, o uso do R retroflexo era correlacionado ao status social e ao nível de letramento dos falantes, por esse motivo, muitas pessoas foram vítimas do preconceito linguístico em decorrência do seu modo de falar. E como esse fenômeno era comum no falar rural, acabou sendo caracterizado como um traço do falar “caipira”.

Além disso, o uso do R retroflexo era encontrado com maior recorrência no falar dos mais velhos, porém na atualidade esse cenário tem se alterado e o mencionado fenômeno pode ser encontrado no falar de diferentes grupos etários. Neste sentido, as mídias têm sido importante para a implementação e difusão dessa variante. Se observarmos a fala de alguns famosos podemos constatar a presença marcante do R retroflexo no falar deles. Sobre a troca do **o** por **u** em palavras, ela é considerada usual na fala, não só dos mais velhos, mas no falar de diferentes idades.

Na sequência, discorreremos sobre a ausência do plural, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”.

3.5.6 Ausência do plural, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Além das realizações descritas anteriormente, constatamos que na letra da música “Rap do Xô Dito para Cuiabá” aparecem outros fenômenos lexicais, no caso em questão observamos a ausência do plural, fator que em muitos casos afeta a concordância nominal. Este fenômeno, embora se apresente em grandes proporções em diferentes regiões do país, ainda sofre pressão quando utilizado em determinados grupos. Podemos observar as descrições destes usos na tabela 28, a seguir:

Tabela 28 - Supressão do plural, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
“Vamos em frente gente”	“Vamô∅ em frente dgente”
“Os crimes que eu vejo”	“Os crime∅ que eu vedjo”
“Cuidando dos doentes”	“Cuidando dos doente∅”
“301 anos”	“301 ano∅”
“Os paus rodados”	“Os pau∅ rodado∅”
“Um salve para os artistas”	“Um salve pros artista∅”
“E também para os professores”	“E também pros professor∅”

Fonte: MENDES (2023).

Dos usos linguísticos apresentados na tabela 28, observamos que a ausência do plural nesta música foi significativa. As recorrências desta deram-se, várias vezes, no transcorrer da composição. Embora não seja um uso exclusivo da cuiabania, apresenta-se nas cidades mato-grossenses com frequência. Muitas vezes o usuário desta variante é estigmatizado e tratado como inferior por seu modo de falar.

Na sequência, apresentamos algumas expressões lexicais cuiabanas, descritas na música “Rap do Xô dito para Cuiabá”.

3.5.7 Expressões lexicais cuiabanas, na música “Rap do Xô dito para Cuiabá”

Além dos usos anteriormente descritos, a música em estudo apresenta um diversificado vocabulário com distintas expressões regionais. Algumas das peculiaridades linguísticas de Cuiabá - MT são únicas e apenas são compreendidas por nativos da região, uma vez que possuem sentidos e significados próprios. A composição em questão visa falar com os cuiabanos. Apresenta e descreve, em proporções vastas, expressões lexicais, todas representativas e significativas para os mato-grossenses. Na tabela 29, apresentamos as expressões expostas na música e seus respectivos sentidos.

Tabela 29 - Expressões lexicais cuiabanas, na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”

Expressões: sentidos/Significados em Mato Grosso	Ocorrência na Música
“Parte íntima / ânus”	“Ceço”
“Pessoas de fora que vieram para Mato Grosso / Os não mato-grossenses que vivem no Estado”	“Pau rodado”
“Sol muito quente” / “Calor extremo de Cuiabá”	“O sol é de ratchá”
“Cuiabano nativo” / “Os nascidos em Cuiabá”	“Cuiabano pé ratchádo”
“A lenda local diz que, quem come a cabeça de pacu fica fixo em Mato Grosso, ou seja, não vai embora nunca mais”	“Cabeça de pacu para fincá os pau rodado”

Fonte: MENDES (2023).

Como podemos constatar na tabela 29 apresentada, a incidência de peculiaridades lexicais na música fora grande. Como a composição direciona-se aos cuiabanos, foram elencados diversificados vocabulários que simbolizam o falar local, dos quais alguns são mais populares, outros nem tanto, contudo todos representativos do falar cuiabano.

No tópico subsequente, apresentamos as ocorrências apresentadas na música “Rap do Xô Dito para Cuiabá”, de Thiago Mourão.

3.6 Usos linguísticos na música “Não deixa morrer nosso linguajar” (Thyago Mourão)

A Música apresentada e analisada neste tópico, assim como a anterior, é uma composição de Thiago Mourão, que além de compositor, é intérprete de suas músicas. O artista também é um comediante que emprega a variedade cuiabana em suas composições, tornando-as mais populares. Embora engraçadas, as músicas desse artista sempre abordam como tema o linguajar cuiabano, no caso da música em questão, o artista exalta e demonstra preocupação com a possível extinção (morte) desse falar.

Por este motivo, no decorrer da música ele apresenta muitos usos que simbolizam o falar dos mato-grossenses. Como podemos observar na letra apresentada a seguir:

Figura 1 – Usos linguísticos na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Não deixa morrer nosso linguajar
(Thyago Mourão)

Não detchâ more!
Não detchâ acabá!
Não detchâ more, o nosso linguadjá.
Não detchâ esquecê!
Não detchâ acabá!
Não detchâ more, o nosso linguadjá.

Cara de catiça!
Oi, tô de djapá, cô dois cainha!
Que tomo tchispado do tchománô, prantchádo de isquina
Que rufo mão e detchô roxo, até de noite.

Que esse pá de muro
Agóra quándo!
Que que esse!
Votê!
(2X)

Não detcha esquece, não detcha acabá
Não detcha morê o nosso linguadjá.
(2X)

Cumpadi fião pescou peraputanga e djogô na cozinha
Cumadi Djuana, tchotchô de farofa cô bananinha
Eu djá tô varado
Djá vô comê até fofa.

I si tivé piqui!
Eu num saio daqui!
Agora, quá!
(2X)

Não detchâ esquece, não detchâ acabá
Não detchâ more o nosso linguadjá.
(2X)

Disqui Djosilaine,
Adjodjo cô Djaime e djá deu bocó
Disque cotchô tánto, que ceço dela ta até foló
Larga de moadge,
Que eu sei que ocês qué futchicá

Tchá por Deus!
Canhaim!
Ah, hum!
Figa!
Tchá!
Êh, ah!
(3X)

Não detchâ esquece, não detcha acabá
 Não detchâ more o nosso linguadjá.
 (2 X)

Fonte: Música disponível no *Youtube*³².

Como nos sugere o título da composição, ela vem descrevendo e apresentando uma vasta lista de variantes típicas do falar cuiabano, evidenciando a diversidade linguística e cultural de Cuiabá – MT. A letra também apresenta fortemente a questão da preservação deste falar, e nada melhor para difundir e preservar a língua falada do que por meio da música, tendo em vista que ela pode atingir diferentes lugares e pessoas em diferentes épocas. Sobre o aspecto cultural e sua relação com a língua, Campelo (2022), apresenta a seguinte informação:

A recorrência à palavra **cultura** mostra a relação intrínseca dessa com a língua. A pergunta indagava sobre o sentimento do nativo com o falar cuiabano, a menção a palavra **cultura** sugere que o falar é a cultura. Em **cultura viva** isso fica ainda mais forte, levando a reflexão: Se o falar erradicar, a cultura local morre? Sim! E uma parte da cultura que deixa de existir, pois essa manifesta-se na culinária, vestimentas, no falar, entre outros. Nesse caminho, para Azeredo (2008, p. 52), “Uma língua é como é por causa de seu caráter simbólico e interacional: ela incorpora a cultura no homem à medida que o incorpora ao meio sociocultural”. Os dados mostram que, diante da pergunta 4, a maioria dos entrevistados apresentaram atitudes linguísticas positivas. (CAMPELO, 2022, p. 140, *grifos da autora*)

Diante do exposto por Campelo (2022), constatamos a mesma relação presente na música em estudo. Observemos o refrão da música **Não detchâ esquecê! / Não detchâ acabá! / Não detchâ more, o nosso linguadjá**, como evidenciado, essa súplica apresenta a relação cultura < língua > vida. E ao fazer esse apelo o compositor demonstra ter consciência da possibilidade da morte > apagamento > esquecimento desse falar, e por meio das descrições das variantes regionais expõe sua preocupação com relação à preservação linguística e identitária, fatores proeminentes em suas exposições acerca da cultura e do modo de vida local. Enfatiza ainda a real importância das variedades em uso, pois como pontuado por Campelo, se tirar o falar de um grupo, perde-se com ela um aglomerado de elementos que constituem sua cultura e por consequência sua identidade. Nesta relação consolidada, a cultura é a própria língua, portanto reafirmamos, por meio deste estudo, que as variantes inseridas na composição, são fonte de preservação e difusão do falar e da cultura cuiabana.

³² Transcrição feita pela autora, a partir do vídeo disponibilizado no *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NWVixMPJ5-U>>

A seguir apresentamos a tabela 30, com o os usos linguísticos selecionados na composição “Não deixa morrer nosso linguajar”:

Tabela 30 - Realização dos usos na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Nome da Música/Compositor	Usos linguísticos selecionados	Realizações linguísticas
“Não deixa morrer nosso linguajar” (Thiago Mourão)	“Detchâ, linguadjá, djapa, tchispado, tchomanô, prantchádo, detchô, djogô, Djuana, tchotchô, djá, Djosilaini, djodjo, Djaime, moadge, futchicá, tchá, tcháí, cotchô”	A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ];
	“Caínha, tchománo, prántchado, quándo, banáninha, tanto, canhaím”	A vogal central baixa [a] em ambiência nasal
	“Cumpadi, cumadi, cuzinha”	Realização do [u] no lugar do [o] e redução lexical;
	“acabá, comê, more, esquece, futchicá”	O apagamento do [r] no final de palavras e o R retroflexo;
	“Ceço, “cara de catiça”, caínha, rufô, agora quando, “que que esse”, votê, “comê até fofa”, disque, “agora quá”, foló, “tchá por Deus”, canhaím, figa, Cotchá, “Eh, Ah!”, “Tomo tchispado”, Tchománô, “Prantchádo de isquina”, “Rufo mão e detchô roxo, até de noite”, “Tchotchô de farofa”, “Djá tô varado”, “Adjodjo cô Djaime”, “Djá deu bocó”, “Larga de moadge”, Futchicá.	Expressões lexicais mato-grossenses;

Fonte: MENDES (2023).

Na tabela 30 apresentamos a descrição das variedades linguísticas típicas do falar cuiabano, ou seja, os fenômenos descritos na música “Não deixe morrer o nosso linguajar”, das quais destacamos as seguintes realizações:

3.6.1 A realização das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Não deixa morrer nosso linguajar”.

As realizações das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], foram bem recorrentes nas músicas em estudo, como não poderia ser diferente, a música “Não deixa

morrer o nosso linguajar”, também trouxe tal fenômeno, ressaltamos que o quantitativo do referido uso fora significativo, conforme descreveremos na tabela seguinte.

Assim, as representações das africadas [tʃ] e [dʒ] ao invés das fricativas [ʃ] e [ʒ], na música “Não deixa morrer o nosso linguajar”, deram-se nos seguintes vocábulos, detchâ > deixa, linguadjá > linguajar, djapa > **, tchispado > **, tchomanô > **, prantchádo > **, detchô > deixou, djogô > jogou, Djuana > Joana, tchotchô > **, djá > já, Djosilaini > Joseline, djodjo > **, Djaime > Jaime, moadge > moagem, futchicá > fuxicar, tchá > **, tcháí > **, cotchô > **.

Considerando o quantitativo significativo deste fenômeno nas músicas selecionadas, ponderamos sobre sua importância, como um símbolo identitário do falar cuiabano, já que respectivamente este é um dos usos mais representados nas músicas que descrevem os cuiabanos e o falar local.

Apresentamos na tabela 31 a descrição deste fenômeno:

Tabela 31 - A realização das africadas [tʃ] e [dʒ], na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Deixa	Detchâ	[deʃa]
Linguajar	Linguadjá	[liˈgɯadʒa]
** ³³	Djapa	[dʒapa]
**	Tchispado	[tʃispadu]
**	Tchomanô	[tʃomanô]
Pranchado	Prantchádo	[praˈʃádo]
Deixou	Detchô	[deʃô]
Jogou	Djogô	[dʒogô]
Joana	Djuana	[dʒuana]
**	Tchotchô	[tʃotʃô]
Já	Djá	[dʒá]
Joselaine	Djosilaini	[dʒozilaini]
**	Djodjo	[dʒodʒo]
Jaime	Djaime	[dʒayme]
Moagem	Moadge	[moadʒe]
Fuxicar	Futchicá	[fuʃicá]
**	Tchá	[tʃá]
**	Tcháí	[tʃaí]
**	Cotchô	[cotʃô]

Fonte: MENDES (2023).

³³ ** Não há uma forma padrão para os referidos léxicos, somente a forma regional.

A tabela 31 apresenta os usos das africadas [tʃ] e [dʒ], as incidências deram-se nos léxicos *detchâ* > *deixa*, *linguadjá* > *linguajar*, *djapa* > **, *tchispado* > **, *tchomanô* > **, *prantchádo* > **, *detchô* > *deixou*, *djogô* > *jogou*, *Djuana* > *Joana*, *tchotchô* > **, *djá* > *já*, *Djosilaini* > *Joseline*, *djodjo* > **, *Djaime* > *Jaime*, *moadge* > *moagem*, *futchicá* > *fuxicar*, *tchá* > **, *tcháí* > **, *cotchô* > **, tais constâncias justificam-se por se tratar de uma música que exalta o falar cuiabano e visa a preservação deste, bem como de sua cultura e modo de viver. A letra em questão atua como uma fonte de resistência e disseminação do falar e da cultura local.

Sobre o fenômeno na comunidade cuiabana, estudos recentes apontam que os usos das africadas [tʃ] e [dʒ] estão passando por um aparente processo de mudança no falar regional, tendo em vista que os nativos estão optando pelo uso das fricativas, como podemos observar nos dados apresentados por Silva (2020):

Sobre os usos das africadas e fricativas [tʃ] e [dʒ], observou-se que os índices alcançados apontam uma diferença entre as duas faixas etárias as mulheres e os homens mais jovens usam com menos frequência as africadas e mostram pouca adesão ao uso, revelando maior identificação com as fricativas. Traço muito utilizado nas células 1 e 3, da faixa etária acima de 50 anos, em torno de 80%. Porém entre os mais jovens demonstrou ser um traço, provavelmente em processo de apagamento, foi pouco utilizado apresentando em torno de 40%. Já os mais velhos de ambos os sexos mostram uma fala marcada pelo uso das africadas. (SILVA, 2020, p. 137)

Como pontuado pela pesquisadora, o uso das africadas persistem no falar local, porém seu uso está praticamente restrito ao falar dos mais velhos, neste sentido as ausências dos usos no falar dos jovens demonstram que essas variantes estão sendo esquecidas e substituídas pelas fricativas.

Por este viés, compreendemos a preocupação e o clamor feito pelo autor, pois as inserções dos fenômenos na composição denotam resistência linguística, identitária e cultural de um ribeirinho nativo. Destarte, esse movimento almeja, sobretudo, a preservação das africadas no falar local e a música foi o canal escolhido por ele para difundir seu posicionamento e desse modo, fazer com que as variantes não caiam no esquecimento.

A afetividade que se tem com relação ao uso das africadas, pode estar atrelada ao fato de que por muito tempo ela foi e ainda é considerada por muitos, como símbolo da identidade cuiabana. Desse modo, as respectivas variantes estão sendo evidenciadas nas composições atuais em decorrência de uma memória histórica e afetiva que aciona o uso enquanto característica típica da identidade local.

Na subseção seguinte, ponderamos sobre o uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”.

3.6.2 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

O uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal é um fenômeno comum no falar cuiabano, na música em análise sucederam nos seguintes vocábulos, caínha > **, tchománo > **, prántchado > **, cuándo > quando, banáninha > bananinha, tánto > tanto, canhaím > **, incontestavelmente este acontecimento linguístico é um marcador identitário regional, sobretudo se refletirmos sobre sua anterioridade e resistência no Estado.

Apresentamos na tabela 32, a descrição deste fenômeno:

Tabela 32 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
**	Caínha	[kaí ⁿ ɲa]
**	Tchománo	[ʧomá ⁿ o]
**	Prántchado	[pra ⁿ ʧádo]
Quando	Quándo	[kua ⁿ do]
Bananinha	Baná ⁿ inha	[ba ⁿ a ⁿ iɲa]
Tanto	Tá ⁿ to	[tá ⁿ to]
**	Canhaím	[kaɲai ⁿ]

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 32 aponta uma expressiva diferença entre as formas de uso descritas na música, haja vista que a vogal central baixa /a/ em ambiência nasal em **quando**, **tanto** e **bananinha**, apresentaram-se oralizadas na música. O mesmo ocorre com as unidades lexicais **canhaím**, **prantchádo**, **tchománo** e **cainha**. Estes fenômenos já são orais, ou seja, a vogal central baixa /a/ quando oral ao invés de nasal pode ser considerada como um marcador representativo do falar local, já que notoriamente distingue os cuiabanos nativos, dos demais brasileiros do país. Salientamos, da significância que a inclusão deste uso linguístico pode representar, principalmente em uma música composta com intento de preservar, disseminar e valorizar o falar regional.

Deste modo, assim como as demais variantes representadas na composição, podemos inferir que a presença deste fenômeno na música denota a representação da identidade cuiabana e a atitude do compositor ao inserir os fenômenos regionais na composição expõem uma visão positiva com relação ao falar cuiabano.

Na subseção seguinte, ponderamos sobre a realização do /u/ no lugar do /o/ e a redução lexical, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”.

3.6.3 Realização do [u] no lugar do [o] e a redução lexical, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Dentre as realizações encontradas na letra da música “Não deixa morrer o nosso linguajar”, estão a troca do **o** por **u** em *cumpadi* > *compadre*, *cumadi* > *comadre* e *cuzinhá* > *cozinhar*, bem como a redução de palavras das quais, *compadre* vira *cumpadi* e *comadre* passa a ser *cumadi*.

O fenômeno em questão, assim como os demais usos linguísticos apresentados nesta música, comumente são considerados típicos do dialeto caipira. Com este pretexto, durante anos seus falantes foram duramente criticados e discriminados, pois em muitos casos eram considerados incapazes ou sem cultura por não dominarem a forma padrão linguística. Na atualidade, os julgamentos depreciativos pela fala aparentemente diminuíram, haja vista que o acesso a diferentes informações e recursos viabilizou, por sua vez, linhas de discussões acerca do tema, iniciando um processo de conscientização linguística. Na tabela 33, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 33 - Realização do [u] no lugar do [o], na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
<i>C<u>o</u>mpad<u>re</u></i>	<i>C<u>u</u>mpad<u>i</u></i>
<i>C<u>o</u>mad<u>re</u></i>	<i>C<u>u</u>mad<u>i</u></i>
<i>C<u>o</u>zinh<u>a</u></i>	<i>C<u>u</u>zinh<u>a</u></i>

Fonte: MENDES (2023).

Podemos constatar na tabela 33 um dos usos encontrados na letra da música “Não deixa morrer o nosso linguajar”. São elas as trocas do **o** por **u** em *cumpadi* > *compadre*, *cumadi* > *comadre* e *cuzinhá* > *cozinhar*, bem como a redução de palavras das quais, *compadre* vira *cumpadi* e *comadre* passa a ser *cumadi*. A troca da vogal **o** por **u**, é comum na

fala dada a proximidade entre os sons e dos seus respectivos pontos de articulação, neste sentido tomamos este fenômeno enquanto padrão regional.

Na subseção seguinte, discorreremos sobre a supressão do /r/ no final de palavras e o R retroflexo.

3.6.4 O apagamento do [r] no final de palavras e o R retroflexo, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Ao contrário da música anterior que apresentou a frequência da supressão do **r** nos verbos, essa incidência de uso foi inferior, de modo que apresentou apenas três usos deste fenômeno. Tais usos sobrevieram em: acabar > acabá, comer > comê e morrer > more. Destas unidades a última apresenta ainda o [R] retroflexo.

Na tabela 34, apresentamos uma breve descrição deste fenômeno:

Tabela 34 - O apagamento do [r] no final de palavras e o R retroflexo, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Acaba <u>r</u>	Acaba \emptyset
Com <u>e</u> r	Come \emptyset
Morr <u>e</u> r	Mor \emptyset e \emptyset

Fonte: MENDES (2023).

Considerando que a tabela 34 apresenta a supressão do **r** em três verbos apenas, opondo-se ao número representado na música anterior, cujo uso teve maior frequência, seguimos entendendo este fenômeno como típico do falar local, haja vista que a usualidade e a representatividade dessa supressão abrolham-se em diferentes pontos do estado, por outro lado o [R] retroflexo costuma apresentar um quantitativo inferior e recorre no falar dos mais velhos.

Sobre o referido traço linguístico, encontramos nos estudos de Macedo-Karim (2012), a seguinte síntese:

No linguajar carioca, Nascentes (1923/1953, p. 51) registra que o —*r* final é pronunciado levemente pela classe culta. Os pedantes exageram. Na classe inculta cai como acontece em próclise diante de consoante, no Centro e no Sul de Portugal: *mar-má, lavar-lavá*. [...] No falar do Nordeste (Pernambuco e Alagoas), conforme Marroquim (1934/1996, p. 61), —na língua do povo todas as palavras terminam em vogal. O autor registra que o *r* e o *l* finais caem sempre: —*lugá, corrê, andá, alugué, animá, papé, currá*”. Marroquim

observa que nas —classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, o *r* final cai quando à palavra, em meio da frase, se segue outra que comece por consoante. [...] Teixeira (1938, p. 20) menciona que o —*l* final em geral cai: *currá, generá, animá, papé, só* (sol) *sá* (sal), na língua inculta de Minas Gerais. (MACEDO-KARIM, 2012, p. 89)

Outrora a supressão do *r* era considerada como traço do falar caipira e interiorano, embora se apresentasse em outras classes, conforme exposto por Macedo-Karim (2012). Porém no falar corrente pode ser encontrado tanto em áreas urbanas, quanto nas rurais, ou seja, deixou de ser balizada como uso exclusivo das comunidades rurais ou de indivíduos sem escolarização. Tais alterações ocorreram com o passar do tempo.

No tópico contíguo, apresentamos expressões lexicais cuiabanas, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”:

3.6.5 Expressões lexicais cuiabanas na música “Não deixa morrer nosso linguajar”

Outro aspecto interessante desta música é a significativa quantidade de expressões regionais descritas. Considerando o vasto repertório linguístico local, o compositor apropriou-se de parte destas peculiaridades únicas e as inseriu em sua música, das quais algumas possuem sentidos e significados próprios e tão somente são compreendidos por pessoas nativas da região, fatores evidenciados nos estudos de Campelo (2022):

Os excertos 26, 29, 30, 33, 37 e 38 evidenciam a peculiaridade, como o fato do reconhecimento de um cuiabano ocorrer a partir da fala, ou pelo fato de ninguém falar igual aos cuiabanos, direcionando assim para o excerto (30), o qual assevera que alguns vocábulos só são entendidos pelos moradores da comunidade. Colocamos em relevo, que esse aspecto é levantado, principalmente, por não nativos. Recentemente ouvimos um colega sinopense dizer que não entende nada que os cuiabanos falam, que parece se tratar de outro idioma. (CAMPELO, 2022, p. 30)

Com base nos resultados apresentados por Campelo (2022), cremos que as variantes linguísticas cuiabanas são distintivas e possuem significados únicos. Neste contexto, compreendemos a escolha linguística do compositor ao inseri-las em sua composição como uma demonstração afetiva com relação ao falar local, tendo em vista que, diante das diversas possibilidades, escolheu as variantes cuiabanas para compor seu repertório lexical.

Evidencia-se também a consciência linguística do compositor diante de um possível desaparecimento > apagamento das variantes regionais. Ante isso, dado o apego ao falar local faz um apelo para a preservação dessas. Neste sentido, entendemos as descrições linguísticas feitas em forma de música exatamente com intuito de que elas se repliquem e permaneçam vivas no falar cuiabano. Dito de outro modo, o clamor feito por ele sugere que algumas

inserções lexicais feitas no decorrer da composição têm por finalidade a preservação das variantes linguísticas regionais, evidenciando através delas um processo de resistência linguística.

Na tabela 35, apresentamos as expressões expostas na música e seus respectivos sentidos:

Tabela 35 - Expressões lexicais cuiabanas, na música “Não deixa morrer nosso linguajar”:

Expressões: sentidos/Significados em Mato Grosso	Ocorrência na Música
“Parte íntima / ânus”	“Ceço”
Pessoa azarenta;	“Cara de catiça”
Algo grátis / estar de graça;	“Oi, tô de djápa”
Pessoa egoísta, não gosta de compartilhar;	Caínha
Expressão / interjeição que indica uma dúvida;	“Agora, cuándo!”
Expressão que indica dúvida;	“Que, que esse?”
Expressão que indica medo, espanto ou repulsa por algo;	Votê!
Comer muito, em excesso;	“Comê até fofa”
Disseram-me!	Disque!
Expressão que indica dúvida ou espanto e admiração, o sentido se produzirá pela entonação da voz;	“Agora, quá!”
Algo frouxo, largo, folgado;	Foló
Expressão que indica admiração, espanto ou dúvida;	“Tchá por Deus!”
Expressão que indica discordância (a expressão imita o som produzido pelo cachorro);	Cânhaím!
Expressão que indica medo, espanto ou repulsa por algo;	Figa!
Relação sexual;	Cotchô / Coxá
Indagação;	Êh, Ah!
Sair às pressas correndo / Estar brigando;	“Tomo tchispado”
Forma popular de dirigirem-se aos amigos próximos pode significar colega, camarada, mano, brother, parceiro. Tal forma é uma gíria, utilizada para saudar / cumprimentar um amigo;	Tchômano / Xômano
Bater em alguém com a lâmina de um facão, desferir pranchadas;	“Prantchádo de isquina”
“ <i>Bateu</i> mão e deixou roxo, até de noite”.	“ <i>Rufô</i> mão e <i>detchô</i> roxo, até de noite”
“ <i>Encheu</i> de farofa”	“ <i>Chotchô</i> de farofa”
“Quando a pessoa está com muita fome”	“Djá tô varado”
“ <i>Juntou</i> com <i>Jaime</i> / Foi morar junto”	“ <i>Adjodjo</i> cô <i>Djaime</i> ”
“Já transou”	“Djá deu bocó”
“Deixa de <i>frescura</i> ”	“Larga de <i>moadge</i> ”,
Fofocar	Futchicá

Fonte: MENDES (2023).

Concomitantemente a tabela 35 apresenta uma vasta lista de peculiaridades lexicais retiradas da música “Não deixa morrer o nosso linguajar”, algumas inclusive de cunho íntimo ou sexual, todavia apesar da conotação grosseira devemos apresentá-las, considerando que estas fazem parte do repertório descrito na/pela música e são descritas pelo compositor como sendo pertencentes ao linguajar local.

Observamos ainda, que embora a música não especifique nenhum local, a composição direciona-se aos cuiabanos nativos, fator evidenciado por meio do arranjo que sugere um constante pedido de preservação do **linguadjar** característico do falar cuiabano. Para tanto, se elencaram diversificados vocabulários regionais, bem com os sotaques, dos quais alguns são conhecidos apenas no Alto Pantanal mato-grossense. Destes, determinados termos são mais populares, outros nem tanto, não obstante todos caracterizam o falar local.

Das variantes mais populares no falar cuiabano, podemos mencionar os traços encontrados por Campelo (2022). Ela realizou uma pesquisa recentemente em Cuiabá – MT, dentre as perguntas dirigidas aos nativos estava a seguinte “A pergunta 5: *Cite alguns traços linguísticos cuiabanos*” (p. 141), com a mencionada pergunta a pesquisadora almejou verificar algumas variantes linguísticas presentes em Cuiabá – MT, como resultado teve os seguintes dados “Podemos observar que as palavras mais citadas pelos informantes foram: **Vôte, Tchá por Deus, Agora o quequeesse, Xô mano, Ispia, Moage, Cânháem, Agora quando!?, Malemá**” (p. 142, *grifos da autora*).

Sobre a língua enquanto instrumento de identidade, Bortoni-Ricardo (2014) faz as seguintes colocações:

Também no âmbito de uma mesma língua, é notável como os usos linguísticos são um instrumento que os falantes usam para marcar sua identidade, especialmente sua origem geográfica. No Brasil, comunidades de fala em cidades e regiões de colonização mais antiga já desenvolveram variedades que as identificam, seja pelo sotaque, seja por palavras e expressões típicas. Até mesmo em cidades fundadas há menos tempo, como Belo Horizonte, Goiânia e Londrina, por exemplo, já é possível identificar traços no português local que funcionam como marcas identitárias para seus falantes. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 28)

Neste sentido, as variedades descritas tanto nas composições, quanto as apresentadas por Campelo (2022), são traços linguísticos correspondentes ao falar cuiabano, sendo elencadas para simbolizar – representar o falar da baixada cuiabana, desse modo a similaridade dos usos descritos na música e no estudo de Campelo (2022), demonstram que parte das variantes permanecem atuantes no falar cuiabano, apesar de algumas não terem sido mencionadas na pesquisa, elas seguem fazendo parte do repertório linguístico da cuiabania.

Fazendo um paralelo entre as composições dos anos 80 e as produções atuais, percebemos que a inserção dos fenômenos linguísticos nestas são tomadas em duas concepções distintas, pois as três primeiras composições visam mostrar, valorizar e difundir as variantes linguísticas e modos de vida da cuiabania do respectivo período, trazendo por meio dos usos a sensação de familiaridade, afeto e pertencimento dessa identidade.

Como dito anteriormente, nos anos 1980 os escritores, compositores, entre outros grupos da cuiabania, uniram-se com intuito de reforçar a identidade regional, haja vista que o advento do processo migratório para o estado causou alvoroço e insegurança nos cuiabanos, principalmente com a chegada dos sulistas, considerados por muitos como nocivos para a cultura regional, desse modo, as variantes cuiabanas passaram a fazer parte de muitas produções locais, cujo intuito era a preservação identitária.

Palma (1980) realizou uma pesquisa sobre o falar cuiabano e neste estudo considerou as opiniões dos cuiabanos sobre o modo de vida regional, bem como destacou as mudanças em curso no Estado. Para a coleta de dados os informantes foram divididos dois grupos: o primeiro foi composto pelos cuiabanos nativos e o segundo foi formado por pessoas vindas de outros estados.

Como resultado ela apresentou o uso das africadas [tʃ] e [dʒ] em vez das fricativas [ʃ] e [ʒ], o estudo apontou uma aparente mudança no falar dos nativos com relação aos fenômenos. Dos exemplos disponibilizados pela pesquisadora estão os seguintes: “Coxipó – cotchipó > cochipó / Cheio – tcheio > cheio / Xarope – tcharope > charope / Enchente – entchente > enchente / Jeito – djeito > jeito / Ajuda – adjuda > ajuda / Gente – dgente > jente / Juízo – djuizo > juízo” (PALMA, 2005, p. 141). Considerando os dados, a pesquisadora concluiu que os nativos estavam optando pelo uso das fricativas por ser um traço considerado prestigioso, ao passo que negavam o uso das africadas, haja vista que essas variantes eram estigmatizadas no falar local.

Nos estudos de Mahon (2020), encontramos a seguinte notícia do período:

A sensação de fenecimento cultural era recorrentemente retratada nos jornais da capital mato-grossense. No jornal *O Estado de Mato Grosso*, as manchetes repetiam-se como, por exemplo, no dia 23.01.1990, em reportagem assinada por Josué Marcilio: “As tradições estão morrendo, Cuiabá perdendo a memória”. O jornalista registrou a fala do músico Pio Toledo, que reclamava da ausência de registro cultural da tradição regional: “No passado, o costume fazia a lei”, resumiu o artista. (MAHON, 2020, p. 79)

Neste caso, as inclusões das variantes nas composições dos anos 80 visavam enfatizar os usos e as descrições culturais locais, representando a autenticidade cuiabana e, conseqüentemente, uma aproximação com os nativos que se identificam com suas raízes, ao passo que se recusavam em vê-la caindo no esquecimento, ou seja, temos aqui a língua em uso representando a cultura que por sua vez faz parte da identidade de uma comunidade: língua < cultura < identidade.

Na atualidade percebemos que as músicas “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” e “Não deixa morrer nosso linguajar” apresentam um movimento de resgate da cultura e identidade cuiabana. Essas ações são evidenciadas através das descrições linguísticas e culturais, mostrando por meio desses elementos uma resistência diante das transformações sociais.

Nesse direcionamento em Campelo (2022), encontramos a seguinte afirmação:

Além de apresentarem atitudes linguísticas positivas perante a manifestação de variantes linguísticas cuiabanas nas mídias locais da comunidade, os participantes levantaram aspectos que são desencadeados por causa dessa manifestação. Dentre eles, podemos citar inteligibilidade, aproximação, tradição, identidade, acolhimento, essência, todos enaltecidos e lembrados através dos usos linguísticos de locutores e apresentadores. A esse respeito, argumentamos que a manifestação de variantes linguísticas locais nas mídias municipais desperta nos nativos o sentimento de pertença, estabelecendo vínculos afetivos, resgatando memórias. (CAMPELO, 2022, p. 187)

Por este viés, é perceptível que a identidade cuiabana segue sendo caracterizada por meio das variantes locais e essas, por sua vez emanam o sentimento de pertencimento, dada a representatividade estabelecida pelos vínculos afetivos, sociais e culturais construídas e efetivadas historicamente. No “rap do Xô Dito para Cuiabá”, por exemplo, vemos as variedades linguísticas sendo utilizadas como instrumento de denúncia, na medida em que a língua segue sendo utilizada como um mecanismo para enfatizar a identidade regional, posto que o “Xô Dito” quer ser ouvido enquanto ribeirinho - nativo - cuiabano, tanto pelos políticos, quanto pela própria população que está sendo representada.

Contrastando os resultados obtidos, comprovamos nossa hipótese inicial de que as músicas selecionadas tendem a valorizar e difundir a cultura e identidade regional por meio das variantes linguísticas. Neste sentido, elas representam esse falar e as composições que enfatizam o apagamento - esquecimento do “linguajar” trazem elementos e expressões que resistem no falar regional, muitos desses fenômenos são considerados como arcaicos.

Sobre a conservação dos traços arcaicos no falar da baixada cuiabana, Santiago-Almeida (2005), faz as seguintes considerações:

Aqui vale retomar o texto de Cunha (1986, p.200) que trata da conservação e inovação no português do Brasil. Partindo da tese a respeito da unidade e arcaicidade do português brasileiro de Silva Neto (1963), em Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil, e retomando fatos que têm sido considerados como prova de seu caráter conservador e anticlássico apresentados por Melo (1946), em a língua do Brasil, o autor procura mostrar que, “se o mito da arcaicidade parece mais resistente”. Temos consciência de que o português da Baixada Cuiabana não chega a ser um retrato falado da variante portuguesa que por lá chegou no início do século XVIII ou, muito menos ainda, de qualquer outro estágio da língua, como o arcaico. Todavia, pelo que temos colhido até então em pesquisas de campo e pelos resultados apresentados neste texto, a resistência do ‘mito’ da conservação de traços presentes em períodos passados, de fato, se confirma. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 90)

Nessa perspectiva, entendemos que tanto as variantes conservadoras descritas por Santiago-Almeida (2005) em seu estudo fonético-fonológico desenvolvido na baixada cuiabana, quanto as atitudes positivas encontradas por Campelo (2022) em seu estudo sobre as mídias cuiabanas corroboram os dados descritos neste estudo, pois consideramos que as seis músicas em análise representam, por meio das variantes em estudo, o sentimento de pertencimento exposto pelos artistas.

Compreendemos a importância e a relevância das produções cuiabanas tanto as mais antigas, quanto as atuais, pois ao enfatizarem as descrições linguísticas demonstram resistência e afetividade com relação à identidade local, ao passo que ainda temos nas letras a língua simbolizando um povo. Neste caso os cuiabanos, ou seja, essas apontam atitudes positivas acerca do falar, costumes e hábitos locais.

Em suma, constatamos em nossa pesquisa que muitos dos fenômenos presentes nas composições permanecem atuantes no falar da baixada cuiabana, embora alguns fenômenos estejam em aparente processo de mudança, seguem sendo inseridos em anúncios, cardápios, fachadas e falar regional, como símbolos identitários da cuiabania. Nessa dinâmica, as variantes nas composições descrevem, difundem e valorizam o falar cuiabano, conforme exposto durante toda a pesquisa.

Na seção subsequente, apresentamos a análise geral dos dados obtidos por meio das descrições feitas até aqui.

SEÇÃO IV

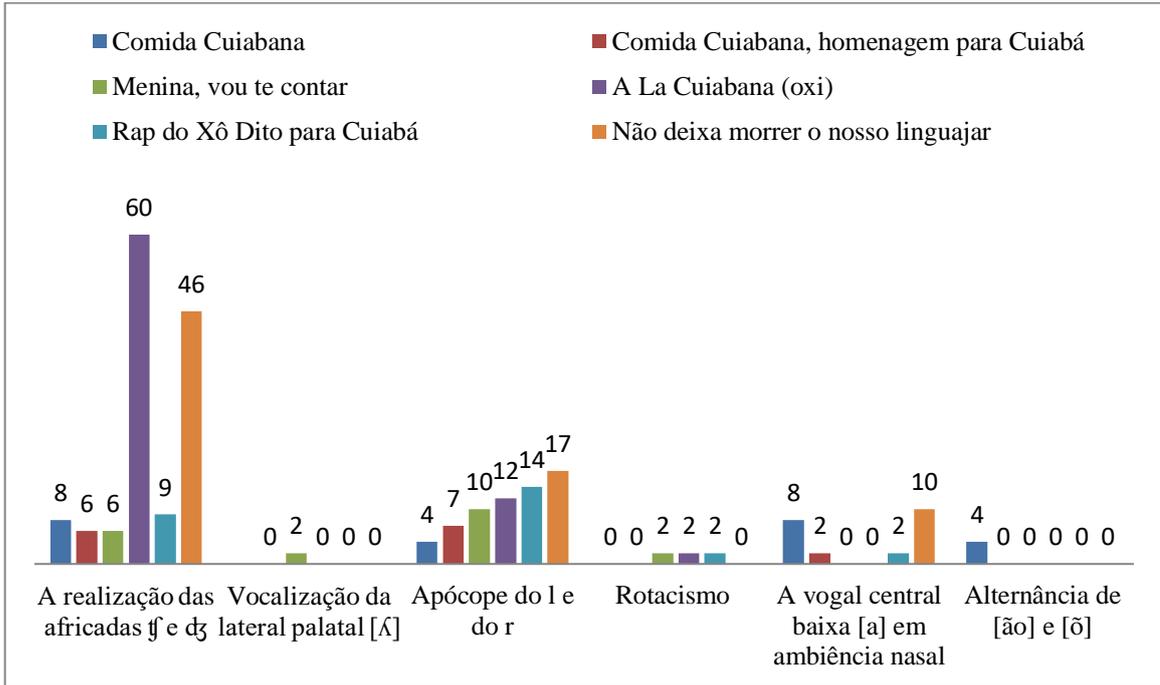
ANÁLISES E DESCRIÇÕES GERAIS DOS USOS LINGUÍSTICOS SELECIONADOS NAS MÚSICAS CUIABANAS

Nesta seção, apresentamos a análise quantitativa dos fenômenos descritos nas músicas em estudo e apesar de apresentarmos todos, nos detemos em aprofundar nossas análises apenas nos resultados com maiores incidências de uso. As seis composições enfatizam as variantes linguísticas como sendo pertencentes apenas ao falar cuiabano, todavia nesta seção trouxemos alguns estudos desenvolvidos em outras regiões de Mato Grosso e que também versam sobre a temática comprovando por meio deles, que não são exclusivos do falar cuiabano.

4.1 Dados gerais

As músicas “Comida Cuiabana”, “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá”, “Menina, vou te contar”, “A La, Cuiabana (oxi)”, “Rap do Xô Dito para Cuiabá” e “Não deixa morrer o nosso linguajar” apresentaram usos significativos das variantes que nos propomos investigar, das quais em determinadas composições aparecem em maior frequência de uso, em outras, nem tanto. Conforme exemplificaremos no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Dados gerais



Fonte: MENDES (2023).

Como consta no gráfico 1, os usos alternaram-se em maior ou menor frequência, dos usos que se sobressaíram, a saber: “as realizações das africadas [tʃ] e [dʒ]” que apresentaram um total de 135 usos, seguida da “apócope do l e do r” que apresentou um quantitativo de 64 usos, bem como “o uso da vogal central baixa /a/ em ambiência nasal” que apresentou 22 incidências e o “uso das formas tchô e tchá ou xô e xá” apresentando 13 ocorrências de uso.

Os demais fenômenos ocorreram em menor frequência, como é caso “da vocalização palatal [ʎ]” com apenas 1 ocorrência, o “uso de [ão] por [õ]” que apresentou apenas 4 usos e do “rotacismo” que apresentou apenas 6 ocorrências de uso.

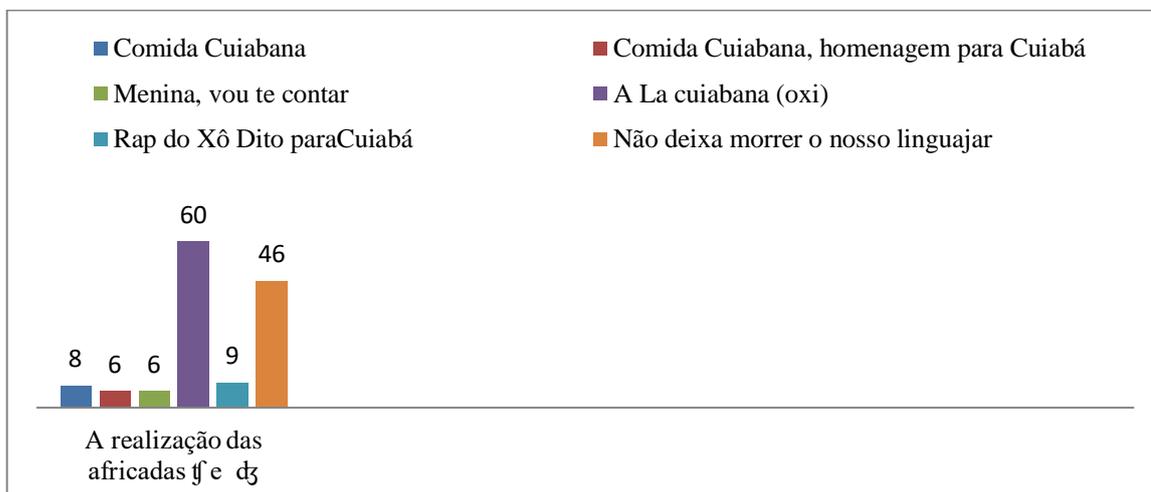
Neste caso, optamos por analisar apenas os quatro primeiros fenômenos, haja vista que a recorrência destes usos foi superior nas letras avaliadas e por entendermos que a inserção destes traços linguísticos, nas músicas, não surgiu aleatoriamente, já que enfatizam as “realizações das africadas [tʃ] e [dʒ]”, por exemplo, ponderamos tais usos como marcadores identitários do falar cuiabano, fazendo com que as peculiaridades linguísticas das regiões mais antigas do estado assumam o *status* de representantes do falar local.

4.1.1 As realizações das africadas [tʃ] e [dʒ], nas músicas em estudo

Por unanimidade, as seis músicas selecionadas para este estudo apresentaram as realizações das africadas [tʃ] e [dʒ], em maior ou menor número, sendo que as menores

incidências foram de 6 usos e a maior com 60 recorrências. Ao todo tivemos 135 ocorrências dos respectivos fenômenos nas composições. Para uma melhor compreensão dos dados, observemos o gráfico que segue:

Gráfico 2 - Ocorrências das africadas [tʃ] e [dʒ], nas músicas em estudo



Fonte: MENDES (2023).

Como apresentado no gráfico 2, as maiores frequências deste fenômeno deram-se na música “A La Cuiabana (oxi)” com 60 ocorrências de uso, embora tenha uma letra curta, apresentam refrões que se repetem muitas vezes, reproduzindo assim os mesmos fenômenos várias vezes, fator que justifica os altos índices nesta composição.

Contudo, os índices elevados não são exclusividades da música anterior, haja vista que a composição “Não deixa morrer o nosso linguajar” apresentou 46 recorrências de uso, número relativamente alto, os índices preponderantes nesta, sucedem exatamente pela intenção em ressaltar os usos linguísticos locais, e, assim incentivar um processo de concientização, preservação, valorização e divulgação deste falar por meio de uma letra rica em diversidades lexicais, que caracterizam o falar cuiabano.

O “Rap do Xô Dito para Cuiabá” apresentou um razoável índice de uso das africadas [tʃ] e [dʒ], com 9 incidências na composição. A letra de cunho social e político apresenta uma linguagem simples, tem por intuito informar e denunciar as mazelas pelas quais Cuiabá - MT passava no respectivo período. Ressaltamos que a música foi publicada exatamente em um período de proeminência pandêmica, fato inclusive mencionado na música, cuja busca desenfreada por leitos hospitalares eram fatores que determinavam entre a vida ou morte dos doentes, evidenciando as fragilidades do sistema de saúde, não somente em Mato Grosso, mas em âmbito mundial. Neste cenário caótico, a indignação diante das falcaturas e desperdício de

dinheiro público foi fonte de inspiração para a composição desta música. A inserção dos usos regionais em uma composição desta magnitude visa tão somente fazer-se entender.

Com relação aos usos regionais presentes na música “Comida Cuiabana”, também se apresentaram de forma considerável com 8 recorrências. E como a música anterior, esta também apresenta uma linguagem simples. A música em si descreve a gastronomia Cuiabana, para tanto, apresentam-se os respectivos usos em sua composição, pois se faz a inferência a Cuiabá por meio da gastronomia e da língua em uso.

Já as músicas “Menina, vou te contar” e “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” apresentaram a mesma frequência de uso, ou seja, 6 recorrências cada, além do fator linguístico, as composições têm em comum a roupagem simples, leve e alegre, ambas ressaltam e buscam valorizar a cultura cuiabana.

Corroborando as informações acima, torna-se viável apresentarmos uma tabela com unidades linguísticas em que as variações ocorreram. Ressalvamos que determinados fenômenos se reiteram no transcorrer da música, ou seja, repetem-se nos refrões ou nas estrofes donde se reproduzem.

Tabela 36 - Ocorrências das africadas [tʃ] e [dʒ] nas músicas em análise

Músicas	Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Comida Cuiabana	Peixe Feijão Linguajar	Petchê Fedjõn Linguadjá	[peʃe] [fedʒõ] [li ⁿ ɡuadzá]
Não deixa morrer o nosso linguajar	Deixa Linguajar ** ** ** Pranchado Deixou Jogou Joana ** Já Joseline ** Jaime Moagem Fuxicar ** ** **	Detchâ Linguadjá Djapa Tchispado Tchomanô Prantchádo Detchô Djogô Djuana Tchotchô Djá Djosilaini Djodjo Djaime Moadge Futchicá Tchá Tcháí Cotchô	[detʃá] [li ⁿ ɡuadzɔ] [dʒapa] [tʃispadu] [tʃomanô] [pra ⁿ tʃádo] [detʃô] [dʒogô] [dʒuana] [tʃotʃô] [dʒá] [dʒozilaini] [dʒodʒo] [dʒayme] [moadʒe] [fuʃicá] [tʃá] [tʃáí] [cotʃô]

Rap do Xô Dito para Cuiabá	Chorar Rachar Rachado Caju Linguajar Jornal Vejo Gerou Gente	Tchorá Ratchá Ratchádu Cadjú Linguadjá Djornal Vedjo Dgerô Dgente	[ʃorá] [raʃá] [raʃadu] [kadzu] [li ⁿ guadzá] [dʒornal] [vedʒo] [dʒerô] [dʒe ⁿ te]
Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá	Chupar Caju ** Gente Peixe Feijão	Tchupá Cadju Tchá Dgenti Petchê Fedjão	[ʃu ^h pá] [ka ^h dʒu] [dʒá] [dʒeNti] [peʃe] [fedʒãw]
Menina, vou te contar	**	Tchô	[ʃô]
A La cuiabana (oxi)	Já Cochichar Mexerica (o) Chuçar Invejoso **	Djá Cutchitchá Mitchirica Tchuça Invedjoso Dgira	[dʒá] [kuʃiʃá] [miʃirika] [ʃusa] [i ⁿ vedʒozo] [dʒira]

Fonte: MENDES (2023).

Considerando o quantitativo significativo deste fenômeno nas músicas selecionadas, como representado na tabela acima, ponderamos sobre sua importância, enquanto marcador identitário do falar cuiabano.

Sendo assim, conjecturamos que estes fenômenos bem como os demais a serem analisados, apresentam-se igualmente no falar de outras regiões mato-grossenses, das quais podemos mencionar Cáceres, Poconé e Vila Bela da Santíssima Trindade, todas essas cidades tiveram em comum o processo de colonização e um longo período de isolamento pelas quais passaram durante anos. Esses dados cientificamente comprovados por meio dos estudos desenvolvidos por Bisinoto (2000) na cidade de Cáceres, Lima (2007) em Cuiabá, Macedo-Karim (2012) na cidade de Cáceres, por Dias (2016) em Poconé e Reis (2020) em Cáceres.

Macedo-Karim (2012), em seu estudo desenvolvido na cidade de Cáceres, especificamente na comunidade São Lourenço, fez as seguintes considerações sobre os usos na comunidade:

[...] Constatamos que o uso das africadas [ʃ] e [dʒ] em vez de fricativas [ʃ] e [ʒ], na comunidade São Lourenço, pode ser explicado pela conservação dos traços antigos da língua portuguesa. A comunidade em estudo mantém esse uso que foi registrado por Ribeiro (1881), Pereira (1919) e Amaral (1920), e que Palma (1980/2005) constatou estar em processo de desaparecimento em Cuiabá. (MACEDO-KARIM, 2012, p. 83)

Autenticando as afirmações acima prestadas, apresentamos as realizações detectadas por Macedo-Karim (2012) na referida comunidade, por este viés, a estudiosa apresenta os seguintes excertos de fala:

Aqui é o único lugar da **dgente** sobrevivê... eu já andei fui... em São Paulo... Campo Grande e num **atchei** fundamento. (M1).
 ((Sinto)) Orgulho por causa... que eu nasci nessa terra e todo que aqui é uma cidade que é pacata... é hospitaleira. Todo mundo **tchega** em casa de quarqué um... todo mundo... porque eu sou cacerense eu tenho esse dom... **tchegô djá** ofereço morada... **tchegá** uma pessoa aqui em casa... **djá** ofereço só não tenho dinheiro. Vamos **tchegá**... não tenho onde durmi... Vamo arrumá um colchão... **djá** damo ((um jeito)) eu sou hospitaleiro porque eu gosto daqui... todo mundo... se eu posso **tchegá** na casa da senhora... eu duvido que a senhora vai me negá... **atcho** que é nosso dom é esse aqui... por causa da hospitalidade. (M2) (MACEDO-KARIM, 2012, p. 80, *grifos da autora*)

Como pode ser observado por meio dos dados disponibilizados nos estudos de Macedo-Karim (2012), os usos das africadas tʃ e dʒ fazem-se presentes no falar cacerense. Neste contexto, frisamos que o fato das músicas em estudo enfatizarem esse fenômeno como traço do falar cuiabano, comprovadamente não lhes aplicam, exclusivamente.

Sobre o falar cacerense, concordando com as informações disponibilizadas nos estudos de Macedo-Karim (2012), apresentamos os resultados recentemente obtidos e apresentados por Reis (2020), sobre os usos africadas tʃ e dʒ na cidade de Cáceres.

Sobre a variedade regional, em Reis 2020, encontramos a seguinte explanação:

Em nossas entrevistas atentamos para o fato de o falante que pronuncia $[\text{tʃuva}/\text{tchuva}]$, $[\text{tʃikra}/\text{tchikra}]$, $[\text{ka}'\text{dʒu}/\text{ka}'\text{dju}]$, $[\text{dʒa}'\text{nɛla}]$, $[\text{dʒelo}\sim\text{u}'/\text{djelo}\sim\text{u}]$, $[\text{dʒira}'/\text{djira}]$ não fala $[\text{ʃuva}]$, $[\text{ʃikara}]$, $[\text{ka}'\text{ʒu}]$, $[\text{ʒa}'\text{nɛla}]$, $[\text{ʒelo}\sim\text{u}]$, $[\text{ʒira}]$. Portanto, as africadas alveopalatais cacerenses $[\text{tʃ}/\text{tch}]$ e $[\text{dʒ}/\text{dj}]$ em distribuição complementar com as fricativas $[\text{ʃ}]$ e $[\text{ʒ}]$ caracterizam um fenômeno de alofonia. A africada surda $[\text{tʃ}/\text{tch}]$ ocorre antes de todas as vogais orais ou nasais e a africada sonora $[\text{dʒ}/\text{dj}]$ quando representada pela letra 'j', também, ocorre antes de todas as vogais orais ou nasais, mas quando representada pela consoante 'g' ocorre somente antes das vogais 'i' e 'e' orais ou nasais. (REIS, 2020, p. 98)

Como ponderado pela pesquisadora, os usos das africadas $[\text{tʃ}]$ e $[\text{dʒ}]$ não são aleatórios. Existe uma sistematização organizacional em torno de tais ocorrências, de modo que ainda que consideradas arcaicas, são representativas do falar local. Desse modo, as similaridades provocadas entre os sons das africadas $[\text{tʃ}]$ e $[\text{dʒ}]$ com $[\text{ʃ}]$ e $[\text{ʒ}]$ produzem a variante regional que persiste em se manter viva no falar cacerense.

E, para exemplificarmos a presença dessa variante linguística na atualidade, apresentamos o *slogan* do aplicativo de mobilidade urbana – Uber, cuja denominação apresenta a variante [tʃ] em sua estrutura. Vejamos o referido uso na figura 11:

Figura 11 – *Slogan* do aplicativo de mobilidade urbana de Cáceres – MT, “Tchama nóis”



Fonte: Facebook³⁴ comercial da empresa/Tchama Nóis Cáceres.

Como é possível observar na imagem, o nome do aplicativo cacerense apresenta uma variante regional, ou seja, houve a materialização do falar regional ao nomear esse aplicativo. Podemos ver no *slogan* da empresa em que a presença da africada [tʃ] na palavra **Tchama** faz referência ao ligar, **chamar**, contactar o Uber. Neste sentido é possível observarmos que esse fenômeno não ocorre apenas no falar cuiabano, podendo também apresentar-se em outras regiões do Alto Pantanal mato-grossense.

Inicialmente, esse aplicativo surgiu em Cáceres – MT e atendia apenas Cáceres e região. Com o crescimento da demanda e boa adesão popular, a franquia se estendeu até a capital mato-grossense e logo o **Tchama Nóis** passou a atender também a baixada cuiabana. Entendemos que as variantes linguísticas presentes nas seis composições e no *slogan* do Uber reafirmam a identidade linguística por meio das descrições dos fenômenos regionais, mostrando-se como símbolo linguístico em ambas as regiões.

Além da comunidade de Cáceres, os usos das africadas [tʃ] e [dʒ] foram igualmente identificados por Dias (2016) na cidade de Poconé, como podemos verificar no seguinte excerto:

Ave Maria... tem demais... Tem festa de São Binidito... Santo Antonio... tudo santo que ocê imaginar. Eles fazem um ritual da missa... da novena... e tem a **djanta** entendeu. (1M18)

³⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/tchamanóis>>.

Eu faço unha... manicure... **metcho** com venda de produto... Tem dia que no final de semana nem me **atcha** em casa. (2F44)
Aqui é também pau rodado... Falam “**tchegou** os pau rodado de **londje**”. (3F50). (DIAS, 2016, p. 46-47, *grifos da autora*)

Das recorrências das africadas [tʃ] e [dʒ] em Poconé, a pesquisadora faz a seguinte explanação:

Notemos que, neste caso, a variação Tch /tʃ/ não é alofone da oclusiva dental /t/ como esperado, mas sim da fricativa pós alveolar /ʃ/. Desta forma, como não houve pares mínimos e como os sons não se contrastaram em ambiente análogo, é presumível concluir que a fricativa pós alveolar surda /ʃ/ está funcionando, no falar poconeano e em parte do Alto Pantanal Mato Grossense, como fonema de dois alofones, o TCH /tʃ/ e CH/X /ʃ/, pois possuem sons foneticamente semelhantes e ponto de articulação muito próximos, enquanto Tch /tʃ/ possui articulação alveolar, Ch/X /ʃ/ possui articulação pós alveolar. [...] Neste caso DJ /dʒ/ não corresponde à oclusiva dental /d/, mas sim à fricativa pós alveolar sonora /ʒ/, mesmo caso da fricativa alveolar surda /tʃ/. Ou seja, DJ está funcionando como alofone da fricativa pós alveolar sonora /ʒ/. (DIAS, 2016, p. 50-51)

Partindo das considerações feitas por Dias (2016), sobre as africadas [tʃ] e [dʒ] em Poconé, observamos que suas explicações concordam com as ponderações de Reis (2020), pois ambas justificam as ocorrências do fenômeno, dada similaridade entre os alofones. Neste sentido, compreendemos um pouco mais sobre este traço fonológico recorrente em Poconé, Cáceres, Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Notoriamente, a alta recorrência de uso das africadas [tʃ] e [dʒ] nas composições apresentadas neste estudo, justifica-se enquanto processo natural de oralidade das cidades mais antigas do estado. Por este viés, consideramos que os fenômenos apresentados não incidiram aleatoriamente, haja vista que tais usos designam e caracterizam seus usuários, pois se trata de um processo fonológico muito peculiar e distintivo. Por este motivo a inserção dos usos linguísticos regionais nas músicas que dizem e retratam as cidades do Alto-Pantanal mato-grossense podem ser consideradas como evidências linguísticas e identitárias locais.

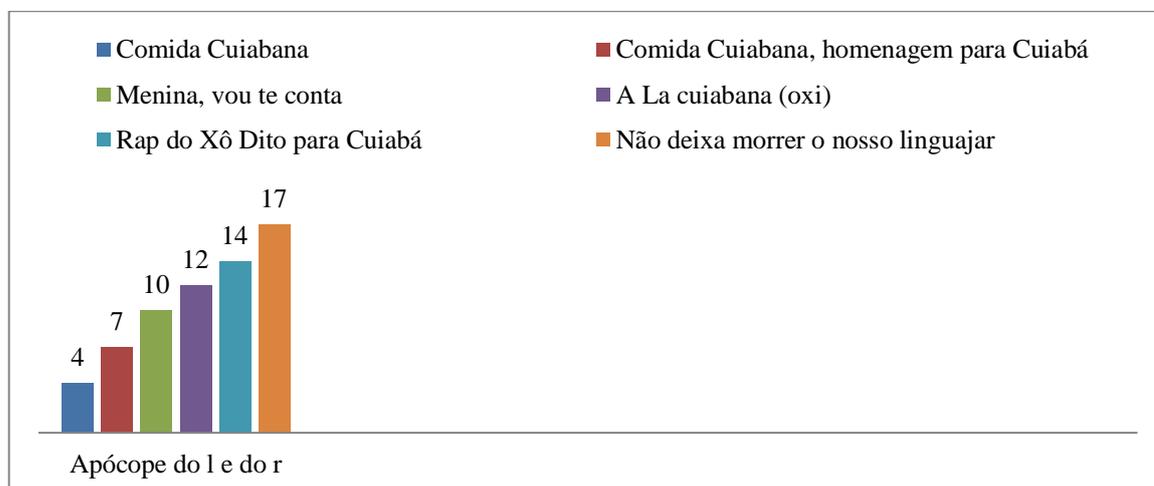
Na subseção seguinte adjacente, discorreremos sobre o apagamento do /l/ e do /r/ nas músicas em estudo, frisamos que este fenômeno também foi recorrente nas 6 músicas aqui analisadas.

4.1.2 O apagamento do [l] e do [r], nas músicas em análise

Nessa subseção discorreremos sobre o apagamento do **l** e do **r** nas músicas em estudo. Ressaltamos que as seis composições selecionadas para este estudo apresentaram uma

frequência de uso, variando apenas o quantitativo. De modo geral obtivemos 67 ocorrências dos fenômenos, distribuídos de acordo com o exposto no gráfico a seguir:

Gráfico 3 - O apagamento do [l] e do[r], nas músicas em estudo



Fonte: MENDES (2023).

Conforme exposto no gráfico 3, as maiores incidências deste fenômeno deram-se na música “Não deixa morrer nosso linguajar” com 17 ocorrências de uso, como não poderia deixar de ser, pois a música busca exatamente essa valorização do falar cuiabano, tal fenômeno, tido como traço do falar caipira, é comum no falar local.

O “Rap do Xô Dito para Cuiabá” também apresentou uma frequência razoável do uso, 14 no total e como a música anterior, esta também tem por objetivo o processo de conscientização, por meio do falar, contudo, na primeira, a representação linguística visa à preservação e disseminação deste falar, enquanto nesta o processo é o de informar e denunciar as mazelas políticas, para tanto o “linguajar” torna-se um recurso que objetiva atingir a massa popular cuiabana.

Por sua vez, a música “A La cuiabana (oxi)” apresentou 12 ocorrências deste fenômeno. O resultado só fora possível porque os referidos usos constam exatamente nos refrões da música, repetindo-se no decorrer da composição nos mesmos léxicos. Outro fator interessante a ser destacado sobre a referida música é a caracterização das várias vozes agudas falando ao mesmo tempo, estas representam uma conversa entre mulheres cuiabanas, por este motivo dá-se a impressão de se estar em meio a muitas pessoas em um lugar conturbado/agitado, acarretando a difícil assimilação de determinadas palavras, fator agravado pela rapidez com que estas são pronunciadas. Esta forma de representação busca a valorização linguística, bem como visa ressaltar a diversidade lexical regional.

Seguidamente, a música “Menina, vou te contar” apresentou 10 ocorrências do fenômeno e como na música anterior este índice só fora possível dada a repetição da estrofe, portanto as palavras descritas no quadro abaixo aparecem duplicadas no decorrer da música. Sobre a letra em si, é interessante ressaltar que ela remete a um diálogo entre um casal, cujo indicador linguístico aponta certa simplicidade e regionalidade na fala, as inserções dos fenômenos típicos do falar cuiabano, traçam caminhos identitários na/pela composição.

A música “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá” apresentou 7 ocorrências do fenômeno, quantitativo considerado significativo para o nosso estudo, como a letra desta composição não apresenta refrões os léxicos não se repetem. Ainda sobre este arranjo, é interessante frisar que sua letra é formada basicamente, por partes de outras músicas conhecidas pelos cuiabanos e que trazem fortemente a representatividade dessa identidade cuiabana, seja pela culinária, pelo falar, por meio dos instrumentos tradicionais ou ritmos típicos do estado. Elementos evidenciados na/pela composição, cujo intuito é homenagear Cuiabá, ao passo que acaba por representar outras regiões do estado também.

Neste direcionamento, temos ainda os resultados apresentados na/pela música “Comida Cuiabana”, cujo índice de ocorrência para o fenômeno fora de apenas 4 usos. Embora, tenha apresentado um número baixo das respectivas variáveis, a música tem elementos representativos que compõe a diversidade linguística e gastronômica local. Por este viés, ao passo que a cantora e compositora descreve e delimita o que é nosso, e o que é do outro, traça uma linha identitária que ressalta sua própria cultura, língua e identidade, portanto não precisa emprestar do outro.

Corroborando os dados apresentados, torna-se pertinente trazermos uma tabela com os respectivos usos, ressaltamos que alguns dos fenômenos reiteram-se no decorrer da música, ou seja, repetem-se nos refrões ou nas estrofes que se reproduzem.

Tabela 37 - O apagamento do [l] e do [r], nas músicas em estudo

Músicas	Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Comida Cuiabana	Linguaj <u>ar</u>	LinguadjáØ
Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá	Com <u>e</u> r Pasea <u>r</u> Toma <u>r</u> Chupa <u>r</u> Clarea <u>r</u> Nandaia <u>r</u> Benze <u>r</u>	ComeØ PaseaØ TomaØ TchupáØ ClariáØ NandaiaØ BenzêØ

Menina, vou te contar	Fazer Viver Anel Correr Contar	FazeØ VivêØ AnéØ CorØêØ ContaØ
A La Cuiabana (oxi)	Largar Rasgar Cochichar	LargáØ RasgáØ CochicháØ
Rap do Xô Dito para Cuiabá	Comemorar Calor Feder Falar Fincar Ficar Levantar Inaugurar Agradecer Alertar Lugar Melhorar Mudar	ComemoraØ CaloØ FedêØ FalaØ FincáØ FicáØ LevantáØ InauguraØ AgradecêØ AlertaØ LugáØ MelhoraØ MudáØ
Não deixa morrer o nosso linguajar	Acabar Comer Morrer	AcabaØ ComeØ MorØeØ

Fonte: MENDES (2023).

Como descritas na tabela 37 o apagamento do [l] e do [r] evidenciam significativas diferenças entre as formas de uso, ou seja, entre a variedade padrão e a regional, haja vista, a que a supressão do [l] ou do [r] particularmente nos verbos, provocam a acentuação na sílaba final, tornando-as tônicas para compensar as ausências, com isso evidenciam-se as supressões. Tais usos, conhecidos como traço do falar caipira pode ser considerado como um marcador representativo do falar local, como evidenciado no quadro acima delineado.

Sobre esta peculiaridade, em Macedo-Karim (2012) encontramos as seguintes considerações:

A apócope do [l] e [r] finais nesses contextos é observada na fala popular de outras áreas. No dialeto caipira, conforme Amaral (1920/1982, p. 52), —as palavras terminadas em *al, el, il*, frequentemente aparecem apocopadas: *má, só, jorná = mal, sol, jornal*”. [...] No linguajar carioca, Nascentes (1923/1953, p. 51) registra que o —*r* final é pronunciado levemente pela classe culta. Os pedantes exageram. Na classe inculta cai como acontece em próclise diante de consoante, no Centro e no Sul de Portugal: *mar-má, lavar-lavá*. [...] No falar do Nordeste (Pernambuco e Alagoas), conforme Marroquim (1934/1996, p. 61), —na língua do povo todas as palavras terminam em vogal. O autor registra que o *r* e o *l* finais caem sempre: —*lugá, corrê, andá, alugué, animá, papé, currá*”. Marroquim observa que nas —classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, o *r* final cai quando à palavra, em meio da frase, se segue outra que comece por consoante. [...] Teixeira (1938, p. 20) menciona que o —*l* final em geral cai: *currá, generá*,

animá, papé, só (sol) sá (sal), na língua inculta de Minas Gerais.
(MACEDO-KARIM, 2012, p. 89)

Conforme delineamento teórico realizado pela pesquisadora, em comum as referências descritas apresentam os fenômenos como sendo traços do falar inculto, descuidado e coloquial. Todavia, apesar dos estigmas que circulavam a variante linguística e o nativo, percebemos que a frequência dos usos na cidade cacerense permanece atuante, haja vista, que na área central da cidade nos deparamos com a consolidação desse fenômeno na fachada de um comércio local, para melhor compreensão, vejamos a figura 12:

Figura 12 – “O Pescadô” casa de pesca / Cáceres - MT



Fonte: MENDES (2023).

Na figura 12, temos um exemplo da ausência do **r** no final da palavra **pescador** que no caso da fachada em questão apresenta-se como **pescadô**. Encontramos esse fenômeno na cidade de Cáceres – MT.

Neste sentido, é possível vermos que no processo de nomeação do respectivo comércio houve uma alusão ao modo como os pescadores ou nativos cacerenses falam e se denominam, com isso compreendemos que, a inserção da variante regional, tanto na música, quanto na fachada, refletem o sentimento de afirmação e pertencimento, nesse cenário a identidade linguística é marcada pela ausência do **r**.

Ainda sobre o fenômeno na cidade de Cáceres-MT, Reis (2020) constatou o apagamento da variante [l] e [r] no falar local, e como exemplificação/representação de tais peculiaridades na comunidade, apresentou os seguintes excertos:

Apócope/supressão da consoante /r/ na desinência do infinitivo dos verbos: “escamá” < escamar, “corrê” < correr, “í” < ir ; e em final de sílaba de outras classes gramaticais: “artá” < altar, “melhó” < melhor, “Daqui uns dia eu vortu pra capi...” < “Daqui uns dias eu volto para carpir...”, “A djente podia andá até artas horas sussegadu” < “A djente podia andar até artas horas sussegadu” (M1ENR); “tremô” < tremor, (M2MJO) [...] 9- Apócope da consoante lateral alveolar [l] em final de palavras: “iguá” < “igual”, “catedrá” < “catedral”, “sá” < “sal”, “djorná” < “jornal”, “quintá” < “quintal”, “Precisa mudá...ter mas hospitá pra atendê o pobre” < “Precisa mudar...ter mais hospital para...”, “...o pessoar de fora ta acabanu, vem leva até petche piquenu...” < “...o pessoal de fora...pequeno.” (M1ERN); “Festa tradicioná” < “festa tradicional” (M2MJO); “Moro no Taquará” < “Taquaral” (M1PCS). (REIS, 2020, p. 108-109, *grifos realizados pela autora*)

Diante das constatações feitas por ambas as pesquisadoras, e por meio da figura apresentada, não poderiam deixar de fazer um paralelo entre os resultados obtidos por elas, com os dados apresentados em nossa pesquisa, mas antes apresentamos os resultados obtidos por Silva (2020) em sua pesquisa desenvolvida na capital cuiabana, de acordo com sua observação destaca que:

Observou-se, ainda, no falar cuiabano ocorrências em que os informantes não utilizaram esta variação, quer dizer, em final de palavra suprimiram a consoante final, como por exemplo em: farol – faró, canavial – canaviá dentre outros. Este dado não foi quantificado nesta pesquisa, mas pode ser explorado em pesquisas futuras. (SILVA, 2020, p. 138)

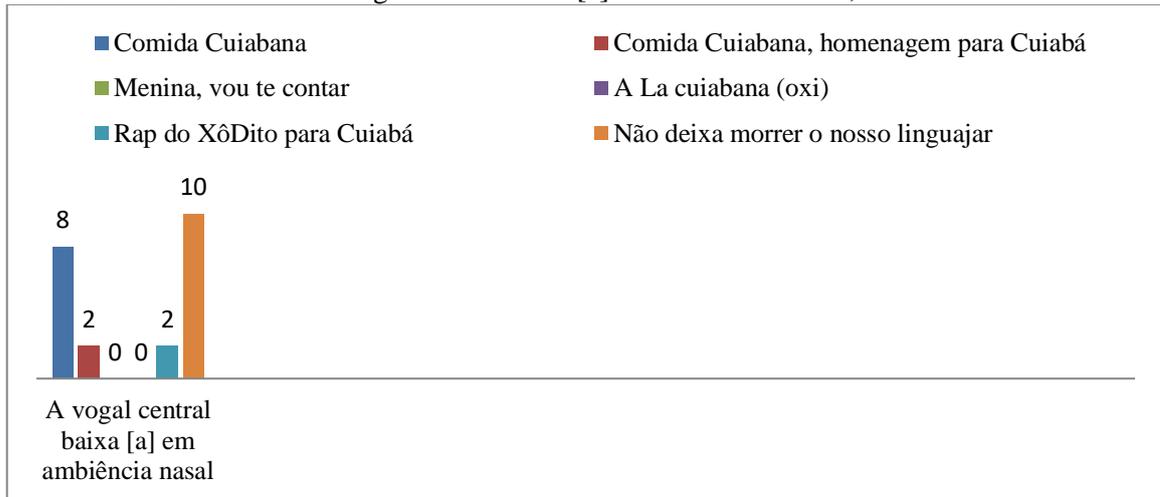
Apesar da pesquisadora não ter se aprofundado nas análises referentes ao uso, seu exemplo mostra que as variantes também ocorrem no falar cuiabano, fator relevante para nossa pesquisa, pois demonstra que os respectivos fenômenos seguem atuantes no falar local, o que justifica o índice de uso considerável nas composições elencadas nessa pesquisa, já que todas elas trazem como temática a designação da identidade linguística e cultural cuiabana.

Neste sentido consideramos os estudos supracitados importantes e definitivos para demonstrar que os fenômenos, em análise, neste estudo seguem atuantes no falar dos nativos, tanto em Cáceres-MT, quanto em Cuiabá-MT, justificando-se assim, a frequência elevada dos respectivos usos nas composições analisadas, portanto presumimos que as variantes descritas e concebidas nas/pelas composições, foram inseridas nas composições enquanto símbolos identitários regionais, cuja finalidade representativa também norteia e caracteriza a resistência linguística do Alto Pantanal mato-grossense.

4.1.3 A vogal central baixa [a] em ambiência nasal, nas músicas em estudo

De modo geral, das seis músicas selecionadas para este estudo 4 apresentaram o uso da vogal central baixa /a/ em ambiência nasal e duas não apresentaram nenhuma recorrência do uso, a frequência do uso nas composições foram de 22 recorrências. Conforme exposto no gráfico a seguir:

Gráfico 4 - Ocorrências da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, nas músicas em estudo



Fonte: MENDES (2023).

Conforme exposto no gráfico 4, as maiores incidências “de uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal”, deram-se na música “Não deixa morrer nosso linguajar” com 10 ocorrências de uso, como dito anteriormente esta composição faz um apelo pela valorização e preservação do falar cuiabano, neste aspecto, a música em si é tomada por léxicos e formas de uso que compõe o repertório linguístico local.

A música “Comida Cuiabana” também apresentou incidências de uso deste fenômeno, 8 ocorrências no total, a composição em si descreve a diversidade da gastronomia cuiabana, sobretudo visa a valorização local por meio da culinária, a imersão do falar tradicional cuiabano na composição intensifica essa linha que separa o que nosso e o que é do outro.

Já as composições o “Rap do Xô Dito para Cuiabá” e “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” apresentaram o mesmo índice de uso, ou seja, apenas 2 ocorrências cada, embora pareça ser um valor baixo, não deixa de ser representativo nas composições, principalmente se considerarmos que ambas são direcionadas aos cuiabanos e visam transmitir mensagens aos mesmos, a primeira de cunho político e a segunda objetiva homenagear a cidade por seu respectivo aniversário.

Quanto às composições “Menina, vou te contar” e a “La cuiabana (oxi)” não apresentaram recorrências deste fenômeno, mas descrevem e ressaltam outras diversidades linguísticas.

Neste direcionamento, observamos que a variação ocorrerá nos léxicos seguintes, ressaltamos que alguns dos fenômenos reiteram-se no decorrer da música, ou seja, repetem-se nos refrões ou nas estrofes que se reproduzem.

Tabela 38 - A vogal central baixa [a] em ambiência nasal nas músicas em análise

Músicas	Representação gráfica padrão	Transcrição da forma padrão regional na música	Transcrição fonológica da forma padrão regional na música
Comida Cuiabana	Banana Cuiabana	Bánána Cuiabana	[ba ⁿ a ⁿ a] [kuia ^ʎ ba ⁿ a]
Não deixa morrer o nosso linguajar	** ** ** Quando Bananinha Tanto **	Caínha Tchománo Prántchado Quándo Banáninha Tánto Canhaím	[kaí ⁿ na] [ʃomá ⁿ o] [pra ⁿ ʃádo] [kua ⁿ do] [ba ⁿ a ⁿ i ⁿ a] [tá ⁿ to] [ka ⁿ ai ⁿ]
Rap do Xô Dito para Cuiabá	Banana Completando	Bánána Compretánu	[ba ⁿ a ⁿ a] [ko ⁿ pretánu]
Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá	Banana Cuiabana	Bánána Cuiabána	[ba ⁿ a ⁿ a] [kuyaba ⁿ a]
Menina, vou te contar	∅	∅	∅
A La cuiabana (oxi)	∅	∅	∅

Fonte: MENDES (2023).

A tabela 38 apresentada, evidencia uma significativa diferença entre as formas de uso, ou seja, entre a variedade padrão e a regional, tendo em vista que o som da vogal /a/ poderia ser nasalizado, conforme o português padrão, entretanto, nas cidades de Cáceres, Poconé, Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade, acabam por apresentar-se oralizadas, ou seja, esse traço fonológico pode ser considerado como um marcador representativo do falar local.

Enfatizamos ainda, que apesar das músicas em análise trazerem como referência o falar cuiabano os respectivos usos apresentam-se igualmente no falar de outras cidades mato-grossenses, das quais podemos mencionar Cáceres, Poconé e Vila Bela. Todas essas cidades

têm em comum o processo de colonização e um longo período de isolamento, pelas quais passaram durante anos, tais dados comprovam-se nos estudos de Bisinoto (2000) na cidade de Cáceres, Lima (2007) em Cuiabá, por Dias (2016) em Poconé e Lima (2018) em Vila Bela da Santíssima Trindade. Neste sentido consideramos pertinente apresentarmos fragmentos destas pesquisas que atestam os referidos usos em outras cidades, além de Cuiabá.

Neste direcionamento, iniciamos nosso percurso com os estudos desenvolvidos por Bisinoto (2000), a pesquisadora apresentou brevemente a ocorrência de vários fenômenos linguísticos encontrados na cidade de Cáceres. Dentre as variantes locais, encontradas por Bisinoto (2000), apresentaram-se no falar cacerense, o uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal.

No dizer de Bisinoto (2000):

Aqui nos limitamos a enumerar alguns deles, a título de ilustração. Os enunciados tomados como exemplos são realizações isoladas que anotamos em situações naturais de interação social [...] 4. A saliência fônica no timbre de vogal nasalizada, que se abre: "Tânia tchegou"; "Vou no feira comprar banána". (BISINOTO, 2000, p. 32)

O mencionado estudo apresenta exemplos de uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal no falar dos informantes nativos de Cáceres, demonstrando que esse fenômeno, não é característico apenas de Cuiabá, como elencado nas músicas em estudo, já que comprovadamente fora registrado no falar cacerense, por Bisinoto (2000).

Quanto ao falar poconeano, Dias (2016) desenvolveu um importante estudo variacionista na referida comunidade, onde observou e registrou as diversidades linguísticas locais, dentre os usos obtidos no decorrer da pesquisa, está a presença da vogal central baixa [a] em ambiência nasal no falar poconeano. Sobre o fenômeno, Dias (2016, p. 59) apresenta os seguintes exemplos: “[...] até em Cuiabá cê qué saí numa **distância** cê num vai de pé né. (2F44). **Falándo** assim do... da emancipação... da cidade... passou por um processo de arraial... aí depois teve a emancipação (2M34)”.

Das ocorrências de uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal em Poconé, a pesquisadora faz a seguinte explanação:

O que acontece nesse fenômeno, especificamente, é que a vogal central baixa /a/ em ambiente nasal, ao invés de realizar-se também como nasal, perde essa característica. Neste caso a vogal funciona, de acordo com o que propõe Walker (1998), como um segmento transparente, que permanece oral, mas não bloqueia a nasalização do segmento subsequente, e, acrescentamos ainda que não se trata apenas do segmento subsequente, mas de todo ambiente nasal. Desta forma, entendemos que, nos dados obtidos, a vogal /a/ não sofre influência do ambiente nasal em que está inserida,

acontecendo então como oral, porém sem influenciar nos outros segmentos. (DIAS, 2016, p. 62)

Partindo das considerações feitas por Dias (2016), podemos compreender um pouco mais sobre este traço fonológico recorrente em Poconé e como possível explicação para a permanência deste fenômeno linguístico na comunidade. A pesquisadora pondera como sendo um possível resquício oriundo do contato linguístico.

Já em Vila Bela da Santíssima Trindade, o uso da vogal central baixa /a/ em ambiência nasal fora encontrado e apresentado por Lima (2018), a pesquisadora trouxe em seu estudo fonológico, a observação e análise das ocorrências do fenômeno no falar vilabelense.

Lima (2018) atesta que:

[...] essa variedade de fala do português, falado pelos moradores de Vila Bela da Santíssima Trindade, em que o traço nasal surge de forma bastante particular nos segmentos que possuem a vogal central baixa, poderia ser tomado como um traço de inovação, ou seja, o não espalhamento do traço nasal da consoante para a vogal anterior, essa consoante em posição de coda ou onset, enquanto no PB esse mesmo segmento espalharia seu traço nasal para a vogal anterior do núcleo, conforme atestam os dados acima. Essa assimilação, no entanto, não acontece na variedade de Vila Bela, de forma que a vogal /a/ permanece oral e a consoante tem uma realização fonética, que destoa das outras variedades da língua portuguesa. (LIMA, 2018, p. 70)

Como podemos observar nos dados disponibilizados por Lima (2018), a variante encontrada em Vila Bela da Santíssima Trindade é uma peculiaridade linguística que se distingue das variedades do Português de outras regiões do Brasil, haja vista que no falar vilabelense este fenômeno ao invés de manifestar-se de forma nasal, acaba apresentando-se de forma oralizada, corroborando os pressupostos apresentados por Dias (2016), em sua pesquisa.

Contudo, tal peculiaridade linguística não é exclusividade de Vila Bela da Santíssima Trindade, tão pouco cuiabana, conforme apresentamos anteriormente, o uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, foi observada e apresentada nos estudos de Bisinoto (2000) em Cáceres e por Dias (2016) em Poconé, logo, percebemos que embora a música traga como referência Cuiabá, acaba por representar o falar de outras comunidades mato-grossenses.

Em Lima (2018), vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

Observamos que nas variedades do PB o onset acontece entre sílabas e dentro da mesma sílaba, não é um processo tautossilábico, ou seja, um processo particular da sílaba, o onset de uma sílaba em consoante nasal pode transferir o traço para a vogal e o núcleo da sílaba anterior, como atestam os

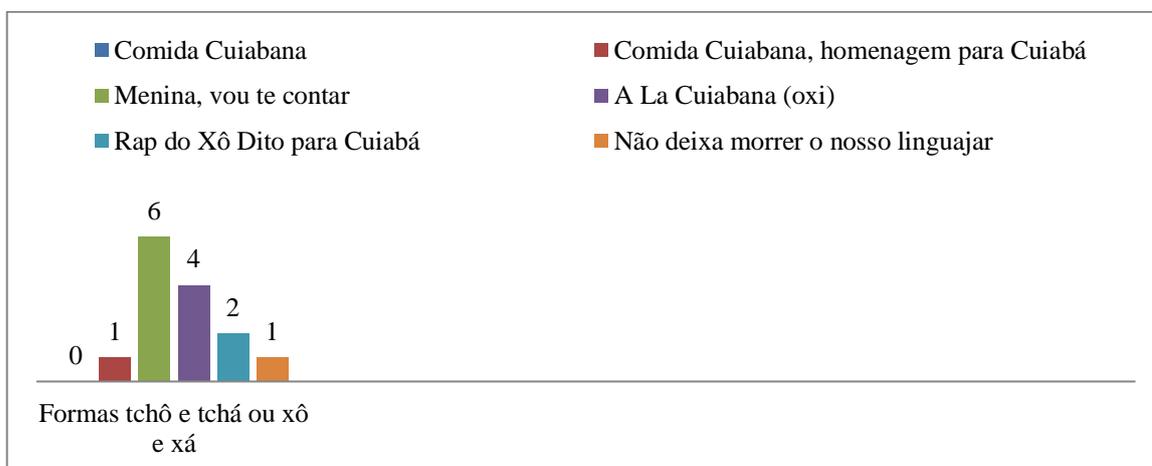
dados da variedade do português brasileiro, porém no caso da variedade de fala do português de Vila Bela esse fato não ocorre. Não se trata aqui nem de um processo de oralização da vogal núcleo da sílaba anterior, nem de um processo de desnasalização desta mesma vogal, uma vez que ela não nasce nasal, no caso de Vila Bela ela é oral de nascença. Assim hipoteticamente dizemos que esse é um processo de manutenção da oralidade, para a vogal central baixa, é o gatilho desse fenômeno, que se dá como um processo de não assimilação. (LIMA, 2018, p. 71-72)

Por este viés, é possível considerar este fenômeno, enquanto processo atuante de oralidade presente nas cidades mais antigas do estado, portanto presumimos que as ocorrências linguísticas nas músicas em estudo não sucederam aleatoriamente, haja vista que tais fenômenos, designam e caracterizam seus usuários, pois se trata de um processo fonológico muito peculiar e distintivo. Por este motivo, as inserções dos usos linguísticos nas músicas estudadas simbolizam o falar de parte dos nativos das regiões mais antigas do estado, podendo inclusive ser consideradas como evidências identitárias e culturais.

4.1.4 As formas tchô e tchá ou xô e xá, nas músicas sob análise

As composições em estudo apresentaram poucas frequências das formas **tchô** e **tchá** ou **xô** e **xá**, contudo pensamos ser pertinente considerá-las em nossas análises, haja vista tratar-se de uma peculiaridade linguística cuiabana usual. Em um retrospecto geral, das seis músicas selecionadas para este estudo, 5 apresentaram as formas **tchô** e **tchá** ou **xô** e **xá** e apenas uma não apresentou nenhuma ocorrência do uso. O quantitativo dos respectivos usos nas composições foi de 14 recorrências. Conforme divulgado no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - As formas tchô e tchá ou xô e xá, nas músicas em estudo



Fonte: MENDES (2023).

Conforme exposto no gráfico 5, as maiores incidências deste fenômeno abrolharam-se na música “Menina, vou te contar” com 6 ocorrências de uso. Tais possibilidades deram-se, pois, a letra apesar de curtinha repete-se, fazendo com que os usos apareçam duplicados. Apesar de ser uma composição breve, o referido arranjo traz uma letra simples e animada, cuja diversidade linguística é marca registrada. Neste cenário as formas linguísticas ganham notoriedade, tendo em vista que a forma **tchô** em **tchô dedo** equivale a **seu**, ou seja, **seu dedo**, mas em outros contextos podem indicar/significar **senhor**. Compreendemos nesse caso que a referida música busca a valorização do falar cuiabano por meio das diversidades descritas.

Por sua vez, a música “A La cuiabana (oxi)”, apresentou uma frequência razoável do uso, 4 ocorrências no total, diferentemente da composição anterior, que traz a forma **tchá** para inferir-se à **dona** ou **senhora** e no contexto cuiabano **tchá Marica** equivale à **dona Marica** ou **senhora Marica**. Além desse fenômeno a música descreve várias outras peculiaridades regionais, embora apresente uma letra agitada, cujas palavras são pronunciadas com rapidez e com sonoridade aguda é perceptível a representação identitária pelo viés linguístico, pois a música enfatiza este fator ao descrever uma conversação entre cuiabanas.

Neste mesmo direcionamento, o “Rap do Xô Dito para Cuiabá” apresentou apenas 2 recorrências deste fenômeno. A forma descrita na/pela composição é o **xô**, utilizado tanto para se referir a **senhor**, quanto para indicar o pronome possessivo **seu**, nesse caso o mesmo léxico com sentidos diferentes em que **Xô Dito** equivale a **senhor Dito** e **xô ditado** corresponde a **seu Dito**.

Ressaltamos, que o Xô Dito, personagem que representa o Cuiabano de **tchapa e cruz** ou **cuiabano pé ratchádu** é quem interpreta o referido Rap, este por sua vez, apresenta todas as características do cuiabano nativo, cuja peculiaridade linguística é marca registrada. A identidade deste personagem constui-se por intermédio dos fatores designativos, visto que Xô Dito equivale a cuiabano, na medida em que apresenta/representa as diversidades locais em sua fala.

Logo após, temos as composições “Comida cuiabana, homenagem para Cuiabá” e “Não deixa morrer o nosso linguajar”, ambas apresentaram a mesma frequência de uso, ou seja, apenas 1 ocorrência cada, na primeira composição a peculiaridade insurgiu na expressão **Tchá por Deus!** Na qual, a forma **tchá** equivale a **só**, ou seja, dentro do contexto representativo **Tchá por Deus!** Equivale a **Só por Deus!** Ou, **Valha-me Deus!**

Já a segunda música mencionada, apresentou o fenômeno apenas no léxico **tchômáno**, neste contexto entendemos que **tchô** designa o pronome possessivo **meu** e **mano**

equivale a uma expressão usada para inferir-se a um amigo, nesse sentido a proposição **Tchômámo** ou **Xô máno** são termos/expressões que equivalem a **meu amigo**.

Sobre a letra em si, é interessante ressaltar que as composições carregam em si elementos regionais que funcionam como indicadores linguísticos. Neste sentido, compreendemos que as inserções dos fenômenos cuiabanos nas duas composições traçam caminhos identitários na/pela língua.

Já a música “Comida Cuiabana” não apresentou nenhuma ocorrência de tal peculiaridade, embora a representação deste uso não tenha ocorrido, salientamos que a música em questão traz em sua composição elementos representativos que compõem a diversidade linguística e gastronômica cuiabana.

Para melhor compreendermos os dados apresentados, torna-se pertinente trazeremos uma tabela com os respectivos usos. Frizamos que alguns dos fenômenos reiteram-se no decorrer da música, ou seja, repetem-se nos refrões ou nas estrofes que se reproduzem.

Tabela 39 - As formas tchô e tchá ou xô e xá, nas músicas em estudo

Músicas	Representação gráfica padrão	Representação da forma padrão regional na música
Comida Cuiabana	∅	∅
Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá	Só por Deus! Valha-me Deus!	<i>Tchá</i> por Deus!
Menina, vou te contar	“Menina, <i>you</i> te contar que do <i>seu</i> pai não tenho medo”. “Já mandei fazer um anel, para colocar no <i>seu</i> dedo”.	“Menina, <i>vô</i> te conta que do <i>tchô</i> pai num tenho medo”. “Já mandei <i>fazê</i> um <i>ané</i> , pra coloca no <i>tchô</i> dedo”.
A La Cuiabana (oxi)	“ <i>Senhora/dona</i> Marica <i>já</i> vai <i>cochichar</i> ”.	<i>Tchá</i> Marica <i>djá</i> vai <i>cutchitchá</i> .
Rap do Xô Dito para Cuiabá	“Rap do <i>senhor</i> Dito para Cuiabá” “Salve dona Belinha e <i>seu</i> ditado popular”	“Rap do <i>xô</i> Dito para Cuiabá” “Salve dona Belinha e <i>xô</i> ditado popular”
Não deixa morrer o nosso linguajar	“Que <i>saiu correndo</i> do <i>amigo</i> ”	“Que <i>tomo tchispado</i> do <i>tchômámo</i> ”

Fonte: MENDES (2023).

Na tabela 39, aqui apresentada, evidencia-se um quantitativo razoável das formas **tchô** e **tchá** ou **xô** e **xá**, tais formas na região de Cáceres e Cuiabá, tanto podem equivaler como pronome de tratamento para inferir a **senhor** ou **senhora/dona**, como também podem indicar os pronomes possessivos de tratamento **seu**, **sua** ou **meu**, **minha**.

Enfatizamos ainda, que apesar das músicas em análise trazerem como referencial o falar cuiabano, inferimos que tais usos apresentam-se igualmente no falar de outras cidades mato-grossenses, destas podemos mencionar a cidade de Cáceres, ambas tem em comum, o

processo de colonização e o longo período de isolamento pelas quais passaram durante anos, contudo dos estudos desenvolvidos que atestam este fenômeno, temos apenas a tese de Macedo-Karim (2012), que descreveu esta peculiaridade no falar da comunidade São Lourenço em Cáceres.

Sobre as respectivas peculiaridades, Macedo-Karim (2012), faz as seguintes considerações:

De acordo com as considerações de Marroquim (1934) e Zágari (2009) em referência às formas de senhor e senhora, inferimos que as formas usadas na comunidade São Lourenço podem ter resultado de senhor/senhora, conforme a seguinte evolução:

(a) *senhora* > *sinhá* > *siá* > *tchá* [si'a] > [tʃa]

(b) *senhor* > *sinhô* > *siô* > *tchô* [si'o] > [tʃo]

Provavelmente o uso *tchá/senhora* e *tchô/senhor* ocorre em outras cidades do interior do Estado de Mato Grosso, na região Sudoeste. Essa região sofreu a miscigenação entre povos indígenas e bandeirantes da Capitania de São Paulo e bandeirantes portugueses, resultando na rica diversidade linguística. (MACEDO-KARIM, 2012, p. 105)

Por este viés, considerando os dados representados nas pelas composições em estudo, podemos inferir que tais peculiaridades são típicas do falar das cidades de Cáceres e Cuiabá, embora tenhamos poucos referenciais que descrevam estes usos, percebemos quão significantes e representativos são para/nas comunidades locais, visto que as representatividades dos fenômenos ultrapassam os limites da fala, chegando a ser representado graficamente em determinadas fachadas de comércios locais, bem como, apresentam-se ainda no processo de nomeação de aplicativos e sites locais. Conforme exemplificado abaixo:

Figura 13 – Casa de pesca Xô Nei - Cáceres



Fonte: MENDES (2023).

A imagem 13 refere-se ao fenômeno representado em uma casa de pesca da cidade de Cáceres- MT, cuja representatividade do falar apresenta-se por meio do uso de **Xô**, que na comunidade local, designa senhor, deste modo, temos como nome da fachada deste comércio **Xô Nei**, ou seja, **senhor Nei**, fazendo todo sentido, já que os pescadores locais costumam nomear seus conhecidos com o referido termo. Tal fenômeno acaba por inferir, certa familiaridade/proximidade, entre os clientes (pescadores) com o comércio local.

Na sequência apresentamos as imagens 14 e 15 referentes ao uso linguístico presente na fachada de uma padaria, também localizada na cidade de Cáceres – MT.

Figura 14 e Figura 15 – Padaria e Confeitaria Tchá cô Bolo - Cáceres



Fonte: Imagens disponíveis na página do Instagram comercial da empresa³⁵.

Como pode ser visto nas figuras 14 e 15 acima, a padaria e confeitaria cacerense, apresenta um diferencial, pois traz os usos linguísticos locais em sua fachada dos quais estão a presença do fenômeno **tchá** que por sua vez designa a palavra **chá**. E **cô** que por sua vez determina a palavra **com**, deste modo o nome que constitui a fachada do referido comércio é **Tchá cô Bolo**, ou seja, **Chá com Bolo**, a familiaridade entre o nome do estabelecimento e a comunidade cacerense constitui-se, dada tradição que os nativos têm de reunir pessoas conhecidas para tomar chá/café da manhã ou chá da tarde e como complemento servem o bolo (dos mais tradicionais está o bolo de arroz e o bolo de mandioca, etc.).

Em outros contextos, o termo **tchá** pode, ainda, designar **senhora**, todavia, na comunidade cacerense, podemos ouvir pessoas sendo chamadas ou denominando outras de **Tchá Maria**, **Tchá Marica**, **Tchá Dita**, ou seja, **Senhora/dona Maria**, **Senhora/dona Marica**, **Senhora/dona Dita**, como descrito nos exemplos apresentados, esse uso linguístico pode ser visto na referida comunidade em diferentes situações de uso, portanto, a presença

³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/padaria_tchacobolo>.

deste fenômeno em uma fachada comercial, enfatiza a construção de uma identidade linguística local e estreita a relação com o público (nativos cacerenses).

A variante **Xô** também pode ser utilizada como uma forma de expressão no falar local, em Cáceres-MT, por exemplo, podemos ver inclusive essa expressão linguística sendo utilizada em um *folder*, trata-se neste caso de um anúncio feito pelo aplicativo de mobilidade urbana cacerense – também conhecido como **tchama nóis**, no anúncio é possível observarmos a expressão **Xômano** em evidência, a inclusão dessa variante regional possibilita uma aproximação e familiaridade entre o aplicativo-Uber e os nativos. Para uma melhor compreensão, observemos a figura a seguir:

Figura 16 – Folder publicitário do Tchama nóis – Uber cacerense



Fonte: Disponível³⁶ no Facebook comercial da empresa / Tchama Nóis Cáceres.

Em Cáceres-MT e região, a expressão **Xômano** é uma expressão conhecida e atuante no falar local, sendo utilizada para saudar/cumprimentar um amigo, demonstrando familiaridade e afeto por meio da expressão, seu sentido equivale à colega, camarada, mano, brother, parceiro, por ser usual no falar local aparece em evidência no *folder*.

Nesse sentido, entendemos que o anúncio apresentou a expressão **Xômano** com intuito de demonstrar proximidade, familiaridade com os nativos através da afetividade que a comunidade tem com relação à expressão, e conseqüentemente conseguirem a clientela almejada, principalmente aqueles que se identificam com o falar regional.

Diferentemente do que ocorreu na nomeação do estabelecimento de pesca **Xô Nei**, que faz inferência a forma de tratamento **Senhor Nei**, nesta temos a forma de tratamento **Xô mano**, que nas referidas comunidades utilizam-se para saudar pessoas conhecidas (amigos,

³⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/tchamanóis>>

parentes, etc.), podendo ainda significar **meu amigo**, sendo um cumprimento muito utilizado, tanto em Cáceres-MT, quanto em Cuiabá-MT.

Como exemplo dos usos linguísticos em Cuiabá-MT, apresentamos as figuras 17 e 18, ambas, referentes a um bistrô/restaurante, localizado na capital cuiabana.

Figura 17 e Figura 18 – Bistrô e restaurante Xômano - Cuiabá



Fonte: Imagens disponíveis na página do Instagram comercial da empresa³⁷.

As figuras 17 e 18 acima correspondem à fachada de um restaurante/bistrô localizado na capital cuiabana. Como podemos observar o nome do referido estabelecimento comercial, apresenta a expressão **Xômano** na designação do estabelecimento, fato que aponta tal expressão como sendo usual e atuante no falar da capital cuiabana, pois ao designar um restaurante com a referida expressão acabam por mostrar-se enquanto oriundo daquele espaço e neste contexto o Xômano é o próprio - restaurante - nativo.

Por este viés, acabam construindo familiaridade com os nativos cuiabanos ao demonstrar afetividade por meio do falar local, tendo em vista que a expressão na variedade linguística cuiabana pode indicar uma saudação dirigida a pessoas conhecidas ou simplesmente uma expressão que significa amigo, etc.

Inferimos que este fenômeno pode ser considerado como marcador identitário materializado por meio da nomeação do estabelecimento local, contribuindo para a preservação e disseminação do falar local, ao passo que indicam resistência linguística.

Nesta perspectiva, ao fazermos uma analogia dos fenômenos representados nas composições e as variedades expostas nas figuras apresentadas, concluímos que os fenômenos não são invenções dos compositores, tão pouco exclusivos do falar cuiabano, haja vista que tais diversidades, materializaram-se tanto na fachada do comércio de Cáceres-MT, como no *folder* do “Tchama nós”, desse modo os dados apresentados nos gráficos e tabelas dos usos

³⁷ Disponível em: <<https://www.xomanobistro.com.br> e <https://www.facebook.com/xomanobistro>>

descritos, comprovam a existência e relevância destes fenômenos nas composições analisadas. Como resultado, obtivemos diferentes índices de uso, pois os quantitativos variaram de uma música para outra, bem como de um uso para o outro, a construção afetiva da identidade por meio dos fenômenos indicam uma relação harmônica entre nativos e variantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversidades linguísticas e culturais cuiabanas se diferem das demais regiões do país porque apresentam particularidades que as distinguem e as caracterizam como únicas, dentre as quais podemos mencionar o uso de variantes e expressões linguísticas que, muitas vezes, só são compreendidas pelos nativos cuiabanos, fatores que nos instigaram para o desenvolvimento dessa pesquisa, considerando que tomamos como *corpus* de investigação letras de músicas, cujas temáticas simbolizam a identidade linguística e cultural da cuiabania.

Desse modo, tencionamos apresentar um estudo descritivo e analítico dos usos linguísticos nas letras das músicas cuiabanas. Dado o leque de possibilidades, tomamos como *corpus* de análise seis canções. Pontuamos que para este estudo elas foram separadas em duas categorias: as três primeiras constituem a velha guarda do rasqueado e são representantes dos anos 80. Desse período apresentamos as seguintes músicas: a) “Comida Cuiabana” (Dona Belinha), b) “Menina, vou te contar” (Vera e Zuleica) e c) “A La cuiabana (oxi)” (Vera e Zuleica). Sobre as composições atuais temos as seguintes representações: d) “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá 300 anos” e) “Rap do Xô Dito para Cuiabá” (Thyago Mourão) e f) “Não deixa morrer nosso linguajar” (Thyago Mourão), todas estas forneceram dados relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Verificamos nas respectivas letras que as produções dos anos 80 apresentam as variantes como sendo atuantes no falar daquele período, haja vista que os fenômenos descritos nelas representam as diversidades cuiabanas, por este viés elas são evidenciadas como marcas identitárias que caracterizam a cuiabania dos anos 80. Todavia, como as composições são atemporais, todas as letras seguem sendo atuais e corroboram para que as variantes cuiabanas permaneçam sendo evidenciadas e difundidas, enquanto símbolo da identidade regional.

Desse modo, como as composições dos anos 80 evidenciam as variantes linguísticas e culturais da cuiabania, vemos nas produções atuais um movimento similar que além das descrições reforçam o possível processo de mudança linguística em curso no falar da baixada cuiabana. Nesse sentido as composições, além de representarem as diversidades, iniciam um movimento de preservação dessa cultura e identidade linguística, visto que muitos dos usos parecem estar passando por um processo de substituição no falar da cuiabania. Contudo, estudos apontam que embora alguns fenômenos já ocorram apenas no falar dos mais velhos, ainda podem ser observados e descritos na comunidade. Nesse sentido, as letras em estudo em ambas as categorias caracterizam, disseminam e auxiliam no processo de preservação e difusão linguística.

Entre os fenômenos inseridos e descritos nas composições como sendo pertencentes ao vocabulário cuiabano, estão os usos das africadas [tʃ] e [dʒ], como resultado, obtivemos 135 recorrências. Salientamos que os usos das africadas foram representados nas seis letras analisadas, ou seja, os resultados mostram que para os compositores, essas são as variantes que mais simbolizam o falar local.

Porém, de acordo com estudos mais recentes as variantes [tʃ] e [dʒ] estão em processo de mudança no falar dos cuiabanos, pois as frequências de uso aparecem apenas no falar das pessoas mais velhas, enquanto os jovens estão optando pelo uso das fricativas.

Como resultado dos usos representados nas composições em uma perspectiva geral, obtivemos os seguintes dados: a música “A La cuiabana (oxi)” de Vera e Zuleica apresentou 78 usos, dentre os quais o maior índice de uso foi das “africadas [tʃ] e [dʒ],’ com 60 ocorrências. Seguida da música “Não deixa morrer o nosso linguajar” de Thiago Mourão com 74 usos. Destes, a maior incidência foram das “africadas [tʃ] e [dʒ]”, com 46 ocorrências.

Já a composição “Rap do Xô Dito para Cuiabá” de Thiago Mourão, com 29 fenômenos, diferentemente das duas primeiras, apresentou maior índice nas “apócopies do [l] e do [r]” com 14 ocorrências.

Sequencialmente, temos a música “Menina, vou te contar” de Vera e Zuleica, com um total de 26 usos, destes a maior incidência também foram das “apócopies do [l] e do [r]”, com 10 usos.

Posteriormente temos a música “Comida Cuiabana” de Dona Belinha, com um total de 24 usos, cujos maiores índices foram das “africadas [tʃ] e [dʒ]” e do “uso da vogal central baixa [a] em ambiência nasal”, ambas com 8 usos cada.

Por fim, temos a música “Comida Cuiabana, homenagem para Cuiabá” de Ana Rafaela, na qual as maiores incidências de uso foram das “apócopies do [l] e do [r]”, com 7 usos no total.

Deste modo, pudemos constatar a recorrência de outros fenômenos nas músicas em estudo, de modo que houve alternância de uso das variantes, e em cada composição se destacou um fenômeno linguístico diferente. Destes podemos mencionar o “apagamento do l e do r” que apresentou um quantitativo de 64 usos, bem como “o uso da vogal central baixa /a/ em ambiência nasal” que apresentou 22 incidências e o “uso das formas tchô e tchá ou xô e xá” apresentando 13 ocorrências de uso.

As descrições e análises construídas ao longo desta tese tinham por objetivo responder aos seguintes questionamentos: *a música regional pode ser fonte de preservação e um elo de disseminação do falar e da cultura local? Como as músicas selecionadas,*

descrevem/apresentam os cuiabanos? Quais são as atitudes e o comportamento linguístico dos compositores, com relação ao falar representado nas músicas regionais?

Diante dos resultados obtidos, percebemos que a coexistência destes fenômenos em composições, que descrevem e ressaltam a cultura cuiabana, reafirmam e divulgam esse falar, de modo que a difusão das variantes linguísticas regionais não são as únicas formas da representação identitária de uma comunidade. Na verdade, elas funcionam como uma rede de afirmação, na medida em que se tem uma atitude positiva com relação ao falar e costumes locais, as ações passam a refletir o afeto pela culinária local, pelos nativos, pelo clima, pelas tradições e assim por diante.

A aceitação e difusão deste falar não é exclusividade das músicas, pois ela aparece materializada, muitas vezes, em forma de propagandas, nas fachadas comerciais, ao nomear espaços e restaurantes, ao usar as variantes e expressões regionais para nomear os cardápios e pratos conforme, o falar local. Salientamos que das materializações linguísticas mencionadas, e seu significado histórico e identitário. Apresentamos alguns exemplos no decorrer de nossa pesquisa como modelo da aceitação, por meio da divulgação do falar cuiabano, e sua importância para a comunidade local.

Com os resultados obtidos em nossos estudos, temos as recorrências dos usos das “das africadas tʃ e dʒ ”, “a apócope do l e do r em final de palavras”, “o uso da vogal central baixa $[a]$ em ambiência nasal”, e “as formas tchô e tchá ou xô e xá ”, simbolizam os cuiabanos por meio da língua em uso.

Dadas as possibilidades, intentamos ainda, averiguar as questões pertinentes à construção identitária cuiabana nas composições, observando por meio desses elementos, o posicionamento dos compositores diante do falar local, que por sua vez, ao incluir um léxico ou uma variante cuiabana em suas composições, apresentaram uma atitude positiva ao descrever cada diversidade linguística e cultural, pois, em nenhuma das músicas, as variedades foram usadas de forma pejorativa ou com intuito de denegrir ou menosprezar as variantes e os nativos cuiabanos, muito pelo contrário, nas composições vimos as diversidades sendo exaltadas e tomadas como símbolo de resistência.

Em nossos percursos analíticos constatamos que as seis composições, depreendem representatividade em suas letras, através das descrições gastronômicas, linguísticas e culturais. Deste modo, acabam por disseminar, preservar e valorizar o falar cuiabano e por consequência preservam-se os traços que os simbolizam através do movimento de resgate linguístico posto nas composições, todavia salientamos que muitos desses fenômenos

elencados também podem ser encontrados em outras regiões do estado, dos quais podemos mencionar Cáceres, Poconé e Vila Bela da Santíssima Trindade, etc.

Sobre os compositores, observamos que enfatizam a identidade cuiabana por meio das músicas, disseminando e valorizando, tanto os usos linguísticos, quanto as diversidades culturais e gastronômicas locais, demonstrando respeito e preocupação com relação à preservação das tradições e do falar, propiciando ao ouvinte um sentimento de pertencimento e valorização da cultura e língua cuiabana.

Diante de todas as evidências elencadas no decorrer desta pesquisa e em consonância com descrições feitas nas canções analisadas, averiguamos que os vastos repertórios lexicais descritos denotam a construção identitária nas respectivas músicas, e essas não se constituem aleatoriamente, mas sim, pensado como uma atitude de resistência linguística e cultural, cujo intuito é o de disseminar e valorizar as características típicas cuiabanas, pois ao ressaltar as normas linguísticas locais, os léxicos, as tradições e belezas cuiabanas, ao invés de outras, os compositores evidenciam seu posicionamento regionalista e reforçam a identidade cuiabana a partir destas.

Frisamos ainda, que a imersão dos usos linguísticos nas composições, não são os únicos traços que trazem essa representação do falar cuiabano, pois, constatamos nessas composições, determinadas preponderâncias descritivas da variada gastronomia, dos hábitos, dos nativos e suas vivências, do clima, dos instrumentos e ritmos próprios, dos léxicos com sentidos e significados regionais, delineando por meio das descrições, uma identidade cuiabana. Enfim, as seis músicas denotam representatividade e evidenciam as características peculiares da cuiabania.

No intento de contribuir com o crescimento e divulgação das pesquisas referentes à Sociolinguística Laboviana, vislumbramos ainda prosseguir com nossos estudos, todavia no próximo passo pretendemos analisar a atitude dos nativos cuiabanos com relação às variantes elencadas nas composições, visto que o modo como estes se posicionam perante a língua em uso pode nos dar indícios da preservação ou apagamento das variantes que, conforme as músicas por nós analisadas simbolizam os cuiabanos.

Por fim, diante de todas as descrições feitas e resultados demonstrados no decorrer deste estudo, concluímos que ainda temos muito a estudar acerca das diversidades linguísticas e culturais no estado de Mato Grosso, especialmente nas cidades fundadas no período colonial, cuja formação étnica e social deixou evidências desse processo, desse modo, o que temos na atualidade nada mais é do que resquícios históricos como consequência deste.

E ainda que o falar na baixada cuiabana esteja em aparente processo de mudança, muitas variantes permanecem sendo inseridas em contextos e lembradas enquanto pertencentes a essa identidade. Nesse processo, notoriamente as músicas regionais depreendem e contribuem para que ocorra a disseminação, valorização e preservação dos fenômenos. Por este motivo, justificamos as inserções dos fenômenos linguísticos nas composições, enquanto símbolos identitários, que se instauram pelo viés linguístico, histórico e cultural.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 21- 47.

AMÂNCIO, R. G. **As “cidades trigêmeas”: um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2007.

ARIANO, H. A. **Vozes da cuiabania: identidade e globalização no rasqueado cuiabano**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Setor de Ciências Humanas - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

ARRUDA Z.; BAGGETTI, V. A la cuiabana / Oxi. Intérprete: Vera & Zuleica. In: Só rasqueado cuiabano. Cuiabá: Estúdio Terra Produções, jun 1997. 1 CD. Faixa 6. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rmXda0weU-g>>. Acesso em: 05 nov 2022.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. (2002). **Preconceito linguístico. O que é, como se faz**. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. (2002). **Língua materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial.

BAPTISTA, Í. C. Q. **Um lugar chamado gaúcho: invenções da identidade sul-riograndense por meio da música**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, 2017.

BARROS, D. L. P. (Org.). **Preconceito e intolerância: reflexões linguístico – discursivas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguem na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BRIGHT, W. **Dialeto social e história da linguagem**. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolinguística**. Eldorado, 1974.

_____. **As dimensões da Sociolinguística**. Trad. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolinguística**. Eldorado, 1974.

CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMPELO, F. D. P. **Mídias faladas locais: atitudes linguísticas de cuiabanos**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2022.

CASTRO, A. S. A. Língua e Identidade: problematizando a diversidade linguística na escola, **SITIENIBUS – Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana**, Feira de Santana, n. 37, p. 135-149, jul/dez-2007.

COX, M. I. P. Estudos linguísticos no/do Mato Grosso – O falar cuiabano em evidência. **Polifonia**, [S. l.], v. 15, n. 17, 2009.

DAMA do rasqueado, Dona 'Belinha' é enterrada em Cuiabá. **MTTV 2ª Edição - Cuiabá**. TV GLOBO, 15 jul 2015. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/4314210/>>. Acesso em: 02 nov 2022.

DIAS, J. S. **O falar Poconeano: um estudo sobre as variedades linguísticas em uso**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2016.

_____. **A oro-nasalidade vocálica em ambiente nasal em comnidades afro-brasileiras nos municípios de Barra do Bugres e Poconé-MT**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2022.

FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Editora Buriti, 2001.

FISCHER, E. **A necessidade da arte: uma interpretação marxista**. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

FISCHER, J. L. **Influências sociais na escolha de variantes linguísticas**. (1958). Trad. Elba Ioli Souto. *In*: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FISHMAN, J. A. **A sociologia da linguagem**. Trad. Álvaro Cabral. *In*: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; CORNO, D. M. O. G. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

HILGERT, J. G. **A intolerância linguística no sul do Brasil durante o Estado Novo**. *In*: BARROS, D. L. P. (Org.) **Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.p.15-32. (Coleção academack, v.10).

JUSTINA, T. D. **Desafrição e africação na baixada cuiabana em Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2021.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade prurilíngue Alemão-Italiano-Português de imigrantes – RS**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

_____. **Estágios na aquisição do inglês standard**. Trad. de Luiza Leite Bruno Lobo. *In*: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LAMBERT, W. E. *et al.* **Evoluational reactions to spoken languages**. *In*: **Journal of abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, 1960.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Tradução de Dante Moreira Leite. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1975.

LEITE, Y.; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LIMA, A. M. S. **Aspectos da variedade do português brasileiro falado em Vila Bela/MT: nasalidade**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2018.

LIMA, J. L. **Vila Bela da Santíssima Trindade-MT: sua fala, seus cantos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. **A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. **A alternância entre as fricativas e africadas, a alternância de [ãw] e [õ] final e o gênero gramatical: marcas do português arcaico no falar cuiabano?**. *In*: PHILIPPSEN, N. I.; LIMA, J. L. (Orgs.). **Diversidade e variação linguística em Mato Grosso**. Cáceres: Editora UNEMAT, 2018.

MACEDO-KARIM, J. **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara-SP, 2004.

_____. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MAHON, Eduardo Moreira Leite. **Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, MT, 2022.

MARQUES, M. J. B. **Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no norte de Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2020.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MENDES, N. F. **História de Cáceres: História da administração municipal**. 2. ed. Cáceres-MT: Editora UNEMAT, 2009.

MENDES, S. C. **O uso de [ãw] e [õ] no falar da comunidade Corixa: atitudes e crenças linguísticas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2018.

MENINA, vou te contar. Intérprete: Vera & Zuleica. *In*: Só rasqueado cuiabano: Cuiabá: Estúdio Terra Produções, jun 1997. 1 CD. Faixa 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8WOgtagF-ZU>>. Acesso em: 05 nov 2022.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURÃO, Thyago. **Não deixa morrer nosso linguajar**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NWVixMPJ5-U>>. Acesso em 06 nov 2022.

_____. **Rap do Xô Dito para Cuiabá**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TOPzFRuLRuY>>. Acesso em 06 nov 2022.

OLIVEIRA, A. R. **Comida cuiabana (Ana Rafaela cover)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bSRx9gepKMQ>>. Acesso em: 02 nov 2022.

OLIVEIRA, Dorit Kolling de. **Grupo musical Sarã: a canção cuiabana como documento histórico (1971-2001)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mt, 2016.

PAIVA, M. C. **A variável gênero/sexo**. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PALÁCIOS, I. S. P. (Dona Belinha). **Comida cuiabana**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CiqJIoLf5D4>>. Acesso em: 02 nov 2022.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. O falar cuiabano em Mato Grosso – Estigma, Status e Atalhos. *IN*: **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Ogs.). Cuiabá, Cathedral Publicações. p. 139-165, 2005.

PARCERO, L. M. J. **Fazenda maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

PASTORELLI, D. S. *Crenças e atitudes na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas de contato*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

PEDROSO, F. S. **Mídias faladas locais: um estudo sobre atitudes linguísticas em Cáceres-MT**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2022.

REIS, M. G. S. **Aspectos sociolinguísticos da variedade cacerense**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2020.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. **Vogais do falar ribeirinho cuiabano**. Tese (Livre Docência em Fonética e Fonologia do Português) - Universidade de São Paulo, SP, 2009.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M; COX, M. I. P. **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. 1. ed., Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2002.

SEGRETO, Marcelo. **A linguagem cancional do rap**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Universidade de São Paulo, SP, 2015.

SENRA E SILVA, J. F. **A identidade tradicional mato-grossense no siriri, cururu e São Gonçalo: uma intersubjetividade cultural e seu dever**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, 2012.

SILVA, K. M. C. **Traços identificadores do falar cuiabano na comunidade de São Gonçalo Beira Rio na contemporaneidade: conservação ou inovação?** Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2020.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a proposta dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.